

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINÚAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda. **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis, Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central Oferta de propaganda. **Cr$ 158,00**

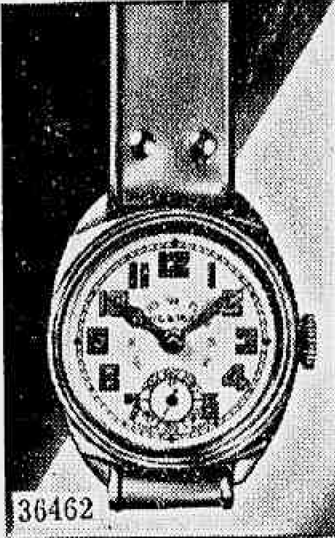
50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada Oferta especial. **Cr$ 255,00**

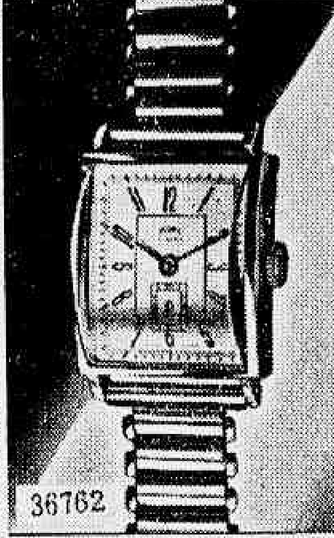
36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. **Cr$ 118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. **Cr$ 195,00**

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada Preço todo especial. **Cr$ 138,00**

55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. **Cr$ 398,00**









82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. **Cr$ 378,00**

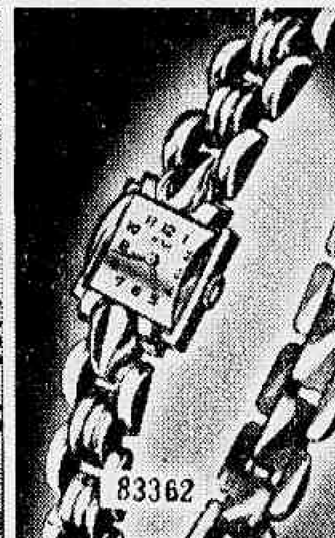
83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida Vidro lente Belo adôrno por preço todo especial Certificado de Garantia. **Cr$ 595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidável, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês Certificado de Garantia Um belíssimo adôrno de grande utilidade! **Cr$ 985,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente Dispõe de pulseira inteiramente folheada Bela apresentação Certificado de Garantia Oferta de propaganda. **Cr$ 498,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. **Cr$ 238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox, bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosissima. **Cr$ 438,00**

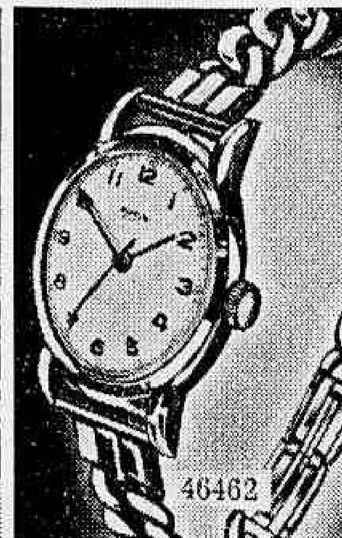












83362

65662





51.662 - Apresentação belíssima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia Uma bela joia por preço especial **Cr$ 438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finíssima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMATICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. **Cr$ 890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA Preço de propaganda. **Cr$ 218,00**

10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopf, oferta especial **88,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável Certificado de Garantia. **Cr$ 628,00**

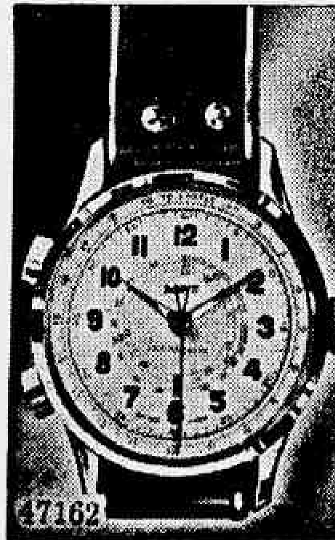
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada Fornecido com Certificado de Garantia. **Cr$ 375,00**

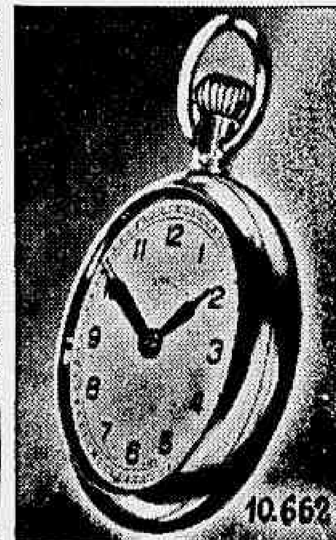
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras Certificado de Garantia. **Cr$ 475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajoso **Cr$ 250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. **HERMES** LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM

NOME ________ RS

RUA ________

CIDADE ________ ESTADO ________





ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES



E CHURCHILL VOLTOU!

(REPORTAGEM NAS PÁGS. 27 A 33)



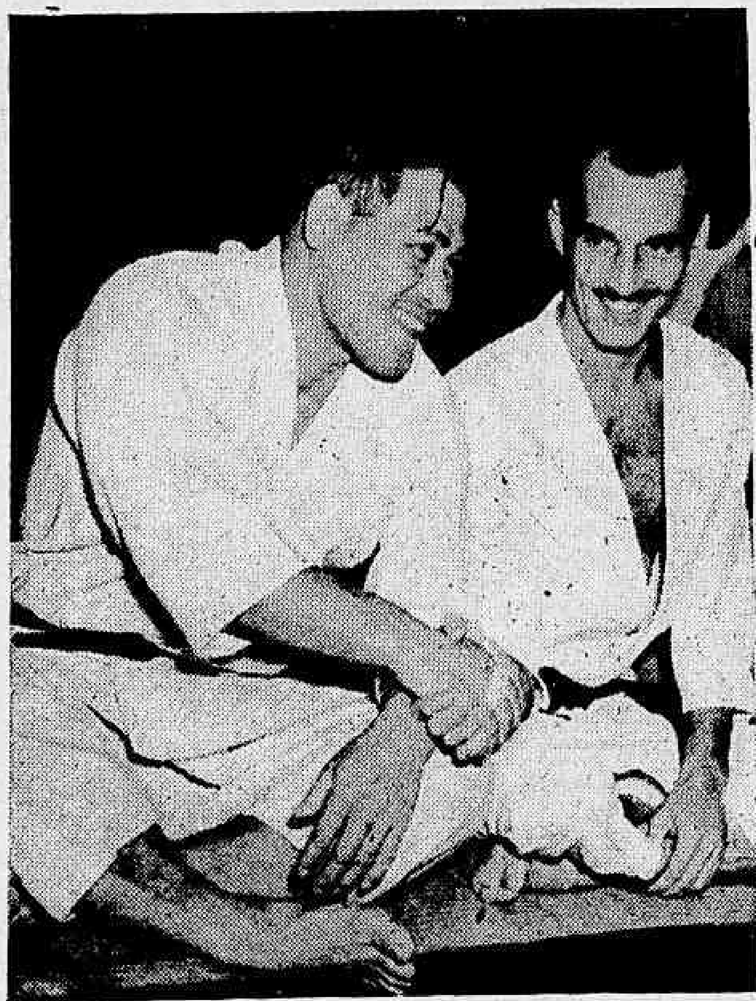
EIS O INSTANTE final do combate, que bateu todos os recordes de bilheteria em lutas de «jiu-jitsu». Kimura solta Gracie completamente exausto, vencido pela «chave americana», sob as vistas do juiz Euzébio de Queiroz. O irmão de Hélio, paralisando a luta, evitou males maiores.

GRACIE NÃO ACHOU CRAÇA!

TRINTA QUILOS, UMA GRANDE DIFERENÇA PARA GRACIE ★ DISCUSSÃO EM TÔRNO DE JUIZES, SÓ PARA APANHAR ★ QUANTOS MINUTOS HÉLIO RESISTIRIA, O TEMA DAS APOSTAS ★ 780 SEGUNDOS DE CHAVES, GRAVATAS E OUTROS GOLPES ★ KIMURA NÃO GOSTOU DE GRACIE ★ TEMA DE CONTROVÉRSIA: FÔRÇA BRUTA X TÉCNICA ★ PIADAS DE "JIU-JITSU"

Reportagem de LEVY KLEIMAN

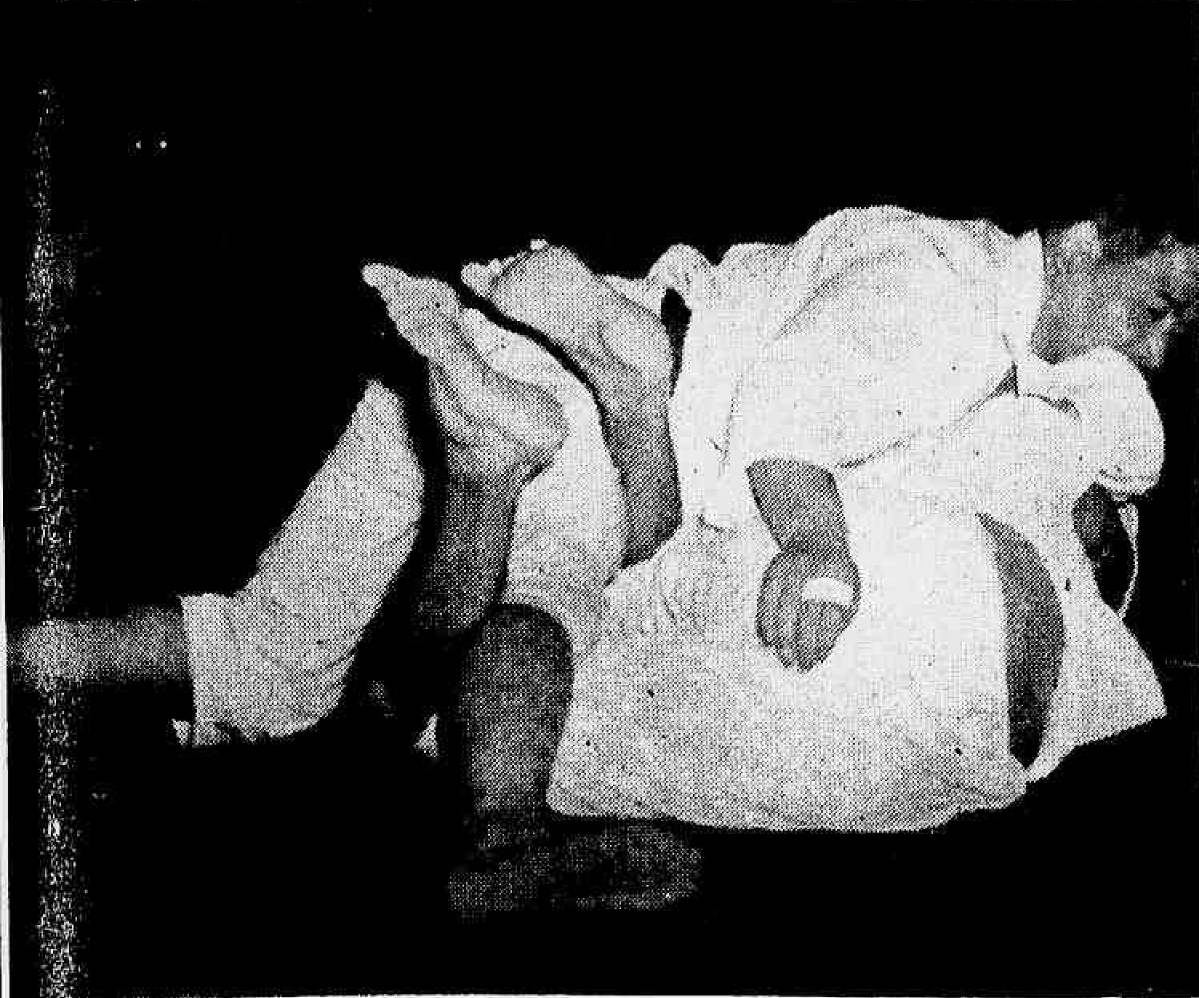
Fotografias de JOSÉ SANTOS



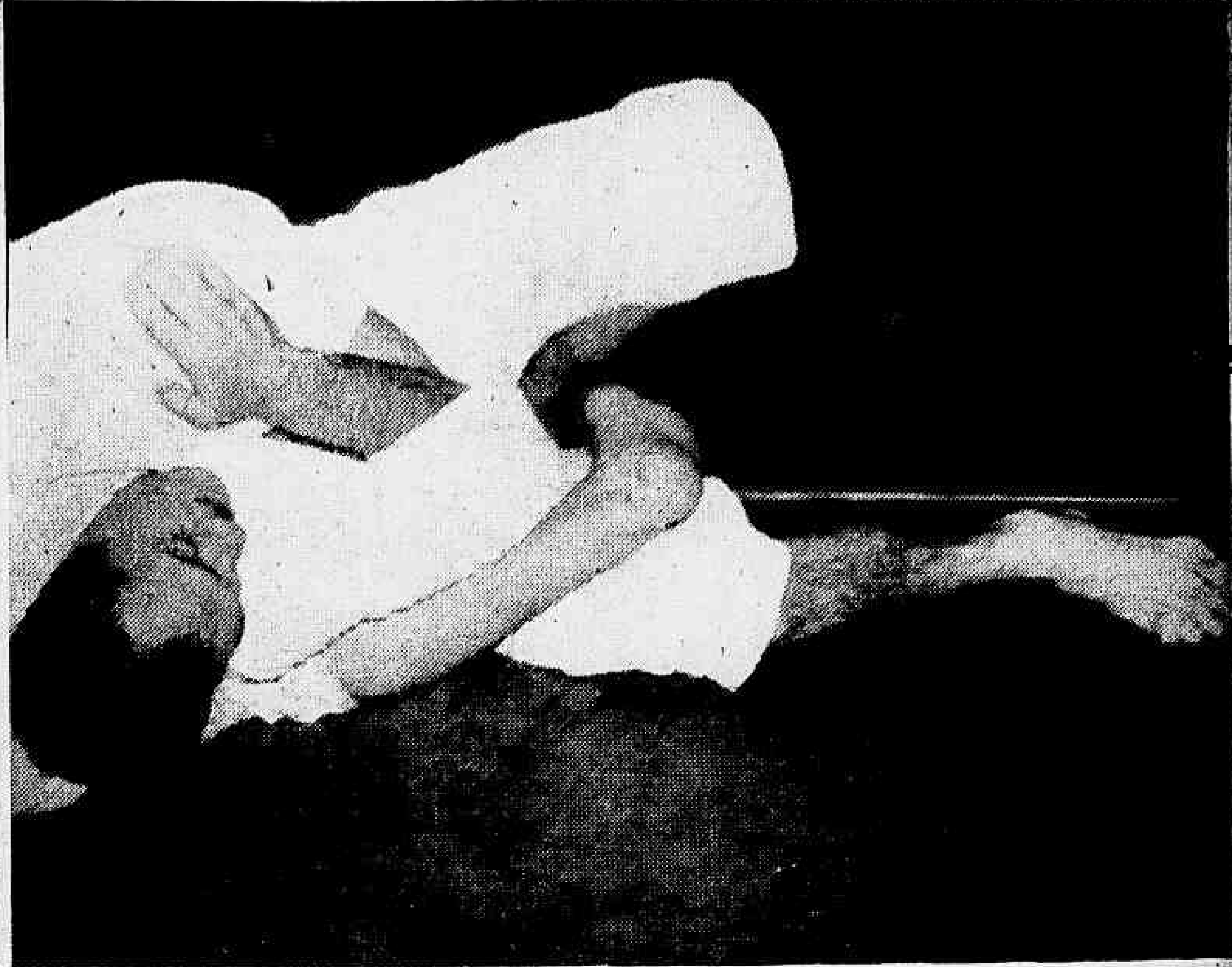
SORRISOS AMARELOS antes do combate. Kimura sorri confiante em sua técnica, e Gracie o imita.

O "jiu-jitsu", esporte originário do Japão, tinha que forçosamente colocar-se em evidência durante uma temporada de lutadores nipônicos, como aconteceu recentemente durante as exibições dos profissionais do país das cerejeiras, Kato, Yamaguchi e Kimura, êste o campeão da luta dos quimonos.

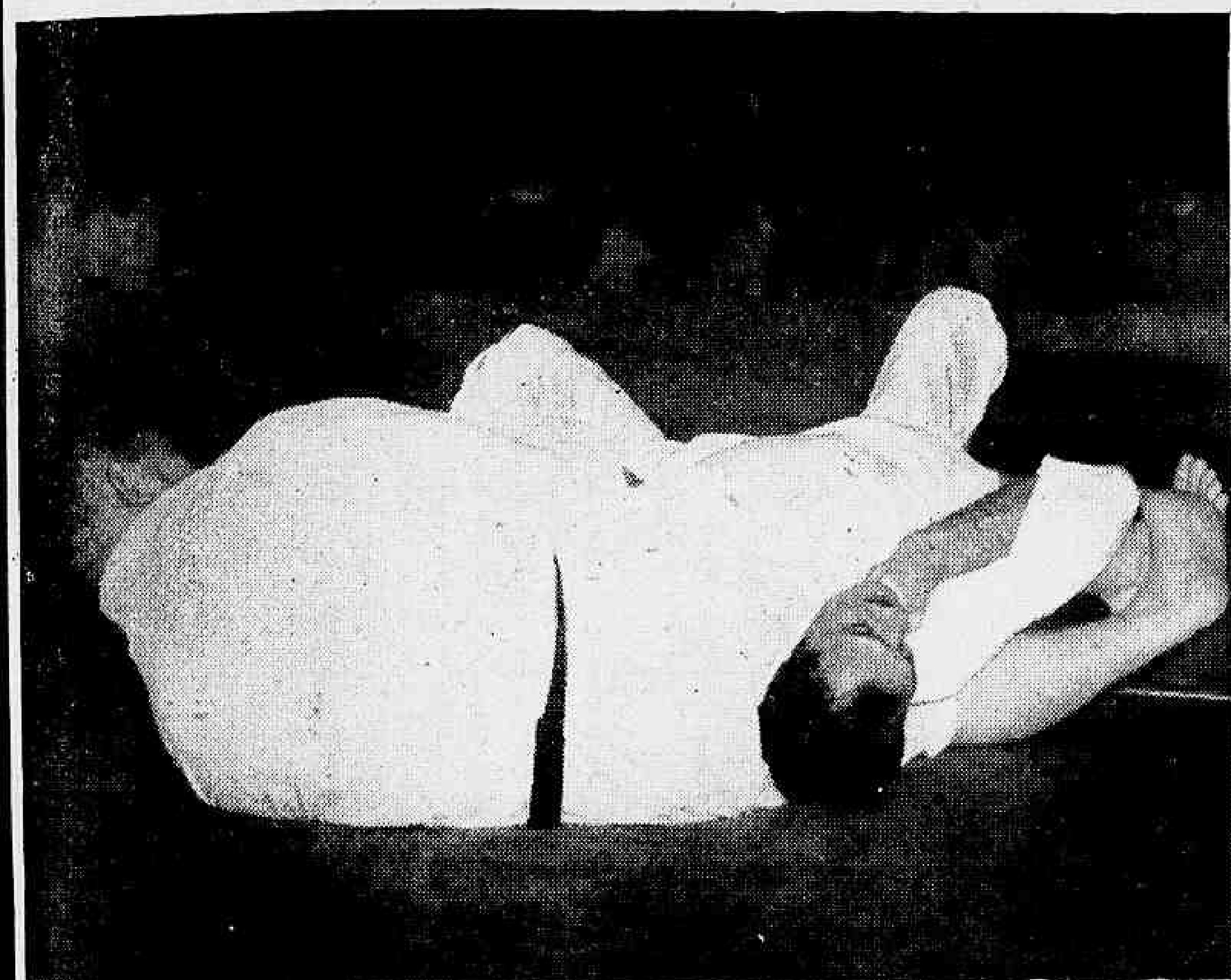
O interêsse do público carioca cresceu mais ainda quando foi anunciado o combate entre o nipônico Kimura e o nacional Hélio Gracie, considerado o melhor luta-



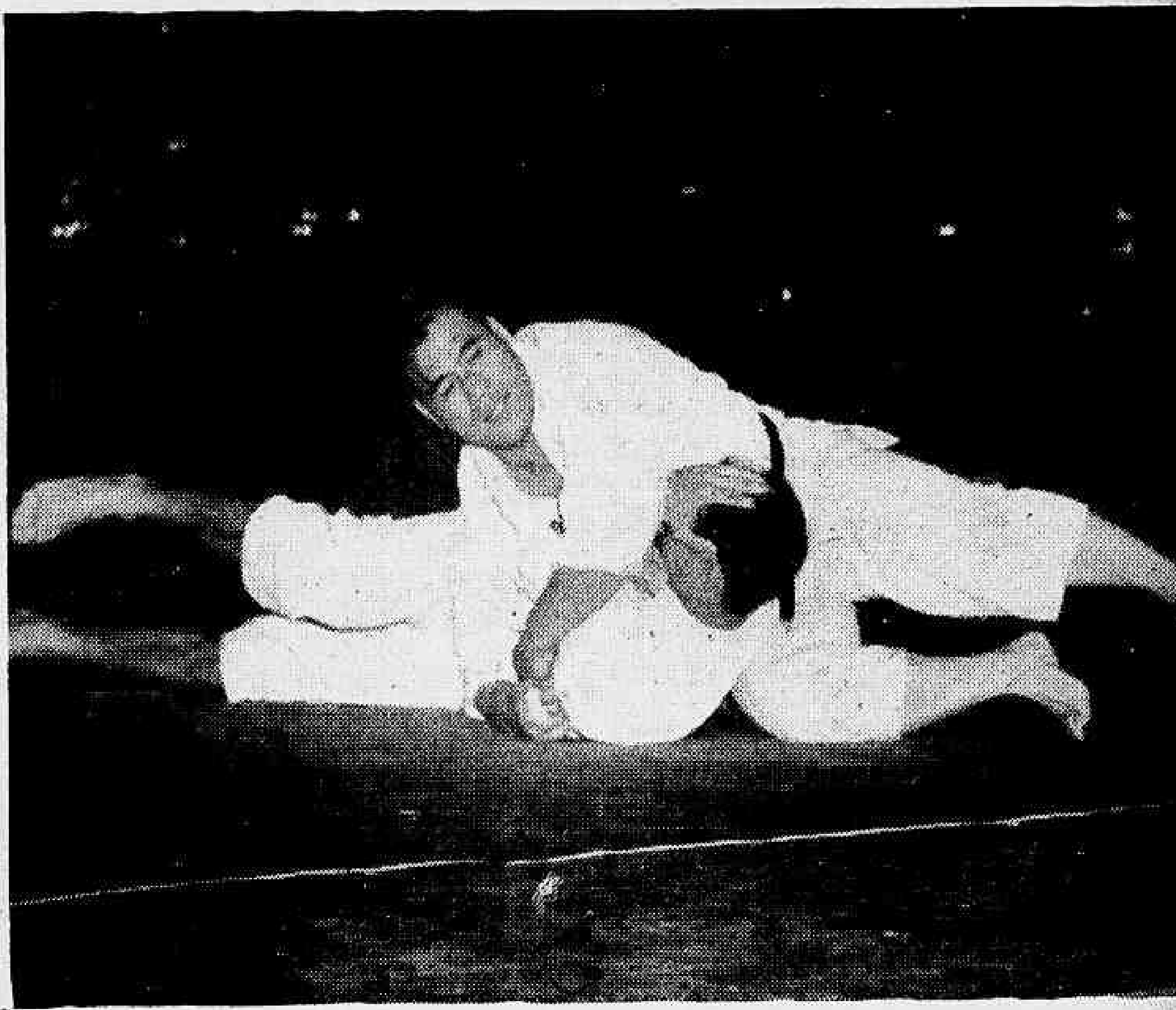
HÉLIO GRACIE tenta fugir do golpe do japonês, aplicando-lhe uma «chave de pernas». O brasileiro só conseguiu resistir muito tempo, nada mais do que isso.



O JAPONÊS realizou um lento trabalho de cansar o seu adversário com uma série de golpes. Reparem na fisionomia de Gracie, atordoado com a «chave de pernas».



VÁRIAS VÊZES o lutador nipônico tentou o estrangulamento para tirar as fôrças de Gracie. Ei-lo num duplo golpe, enquanto torcia o braço do nacional.



EIS O INÍCIO do fim de Gracie. Kimura começa a aplicar a fatal «chave americana» de torsão do braço. Gracie bota a mão na cabeça, mas não dá o braço a torcer.

dor brasileiro, valorizado com um empate e uma vitória sôbre o japonês Kato, o primeiro no Estádio Municipal e outro no Pacaembu, em São Paulo, respectivamente.

A HISTÓRIA DO PÊSO

Apesar de a Academia dos Gracie proclamar sempre que a fôrça bruta, a diferença de pêso nada valiam ante a técnica do "jiu-jitsu", foi trombeteada aos quatro ventos essa diferença, ou seja, o "handicap" de 30 quilos que Kimura levava sôbre o nacional. Aliás, o próprio Gracie, antes da luta, fêz questão de ressaltar êsse detalhe, e que poucas possibilidades teria de vencer o seu antagonista.

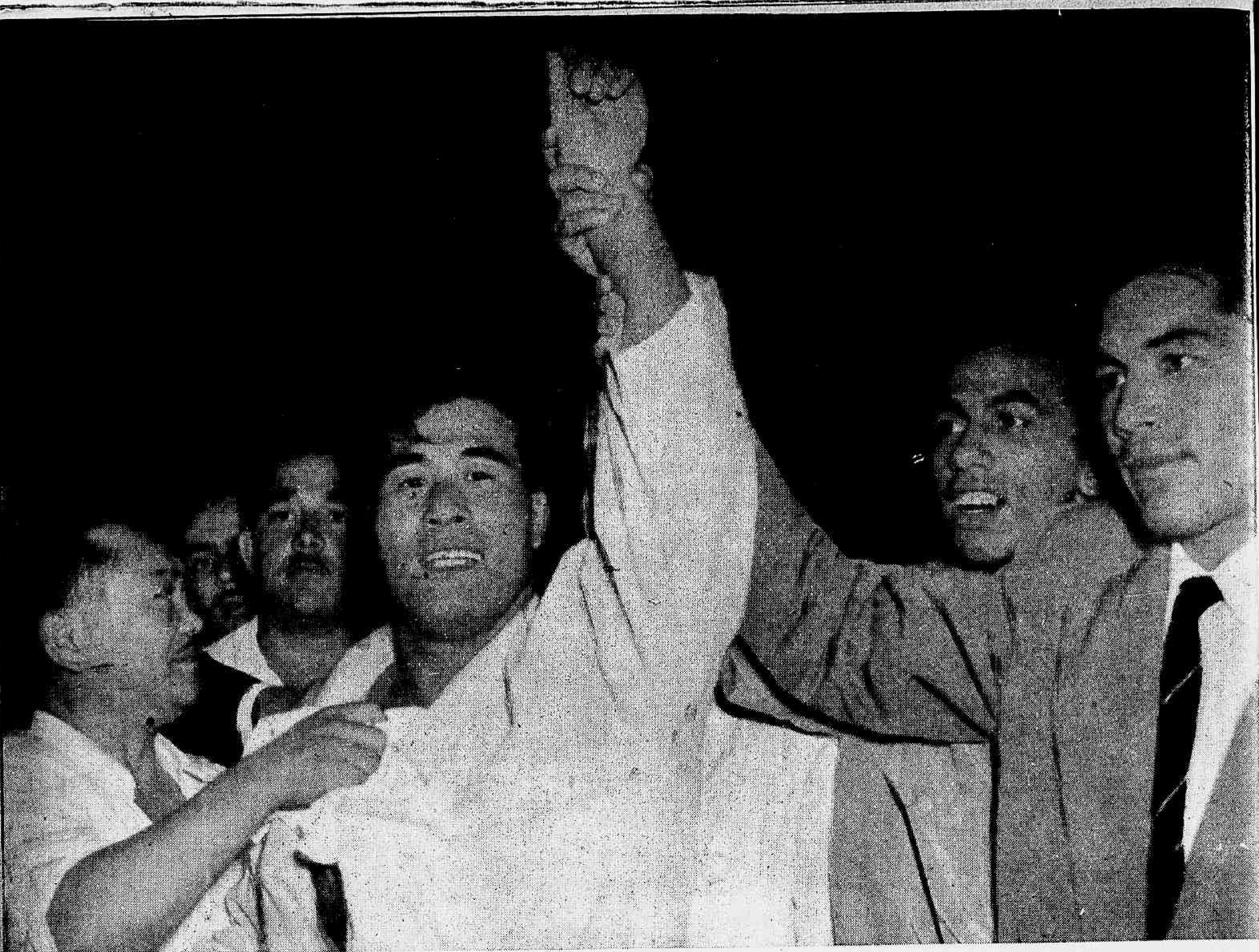
Cumpre notar que, para efeito de propaganda, Kimura, que foi o campeão amador do Japão durante mais de 13 anos, atualmente "faixa preta" do 7º grau, a mais alta categoria em "j.j.", assumiu o papel de desafiante de Hélio Gracie, e êste, apesar da diferença de pêso, aceitou o combate, tanto que declarou na véspera o seguinte: "Quanto a Kimura dizer que não admite possibilidades de ser derrotado por mim, de meu lado não constitui surprêsa, pois a sua fôrça, os seus trinta e tantos quilos que tem a mais do que eu e os quinze anos como campeão, certamente o tranquilizam a êsse respeito."

A CONTRADANÇA DOS JUÍZES

O Maracanã apanhou uma grande assistência, a maior que já se viu no Brasil em combates de "jiu-jitsu". As bilheterias arrecadaram cêrca de 340 mil cruzeiros, sem contar os "caronas", que invadiram o recinto de imprensa e quase tomaram conta do retângulo do ring. O combate principal demorou muito a começar, só um pouco antes da meia-noite, tendo como "intermezzo" um forte aguaceiro que quase impediu a sua realização.



EM DIVERSAS oportunidades o faixa preta de 7º grau descançou nas costas de Gracie, durante o seu completo domínio sôbre o adversário, como que brincando



EM 13 MINUTOS Kimura liquidou o seu adversário, de maneira categórica, sem deixar contestação. O argumento da diferença de pêso não vale, porque George Gracie, também da família Gracie, já venceu um adversário com mais 20 quilos do que o seu pêso. Kimura ri após a vitória.

Quando tudo estava pronto para o início da luta, começou a "palhaçada" dos segundos de Gracie. Encenação, é bem o têrmo, se partirmos da afirmação do próprio lutador nacional de que não poderia vencer o japonês. Recusaram o juiz escalado, Carlos Pereira, por julgá-lo sem moral e incapaz tècnicamente. A Federação não aceitou a recusa e, depois de marchas e contra-marchas, foi finalmente escolhido o árbitro, o comandante Euzébio de Queiroz. Com essa demora irritou-se mais ainda o público, que ocupava o estádio desde as 20 horas. Os representantes de Kimura limitaram-se, nipônicamente, a dizer em monossílabos: "Kimura aceita qualquer juiz!"

APOSTAS DE MINUTOS

A reportagem assistiu à cenas curiosas de apostas. Técnicos, que tinham visto Kimura atuar em São Paulo, diziam que Gracie não passaria do primeiro minuto. Os adeptos do brasileiro apostavam garrafas de refrigerantes com os jornalistas do "São Paulo Shimbu", órgão da colônia japonêsa de São Paulo, em como Gracie ganharia a luta. Outros afirmavam que Kimura iria brincar com o brasileiro.

Assim, a expectativa se resumia em saber em quantos minutos Kimura liquidaria



CUNHA, diretor técnico da Federação Metropolitana do pugilismo, emite sua opinião.



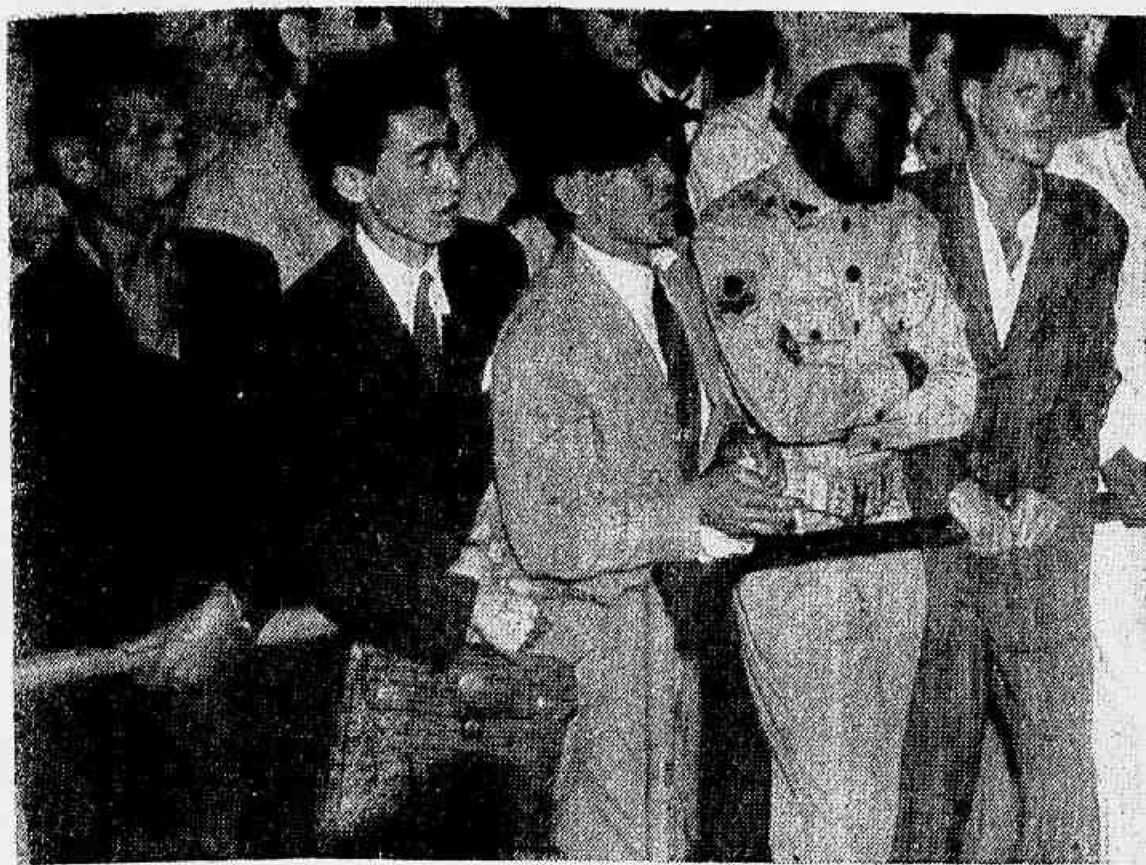
AUGUSTO CORDEIRO, professor de jiu-jitsu, achava que Gracie não resistiria muito.



LUIS MENDES, locutor esportivo, e Amaral Gurgel, novelista de rádio, falam da luta.



JAIME FERREIRA, campeão do maxixe, juiz e ex-lutador, dá o seu parecer técnico.



GENTE DE TÔDAS as classes assistiu à luta, inclusive vários membros da colônia japonêsa do Rio que foram apreciar as qualidades de seu patrício, Kimura.



ANTES DO COMBATE, Kimura exibe a sua fôrça. Foi êste o abraço de que Gracie não achou graça. Pudera, levar golpes de 7º gráu, não é sopa!

Gracie, ou então quantos segundos resistiria o campeão brasileiro.

13 MINUTOS DE INTENSA EMOÇÃO

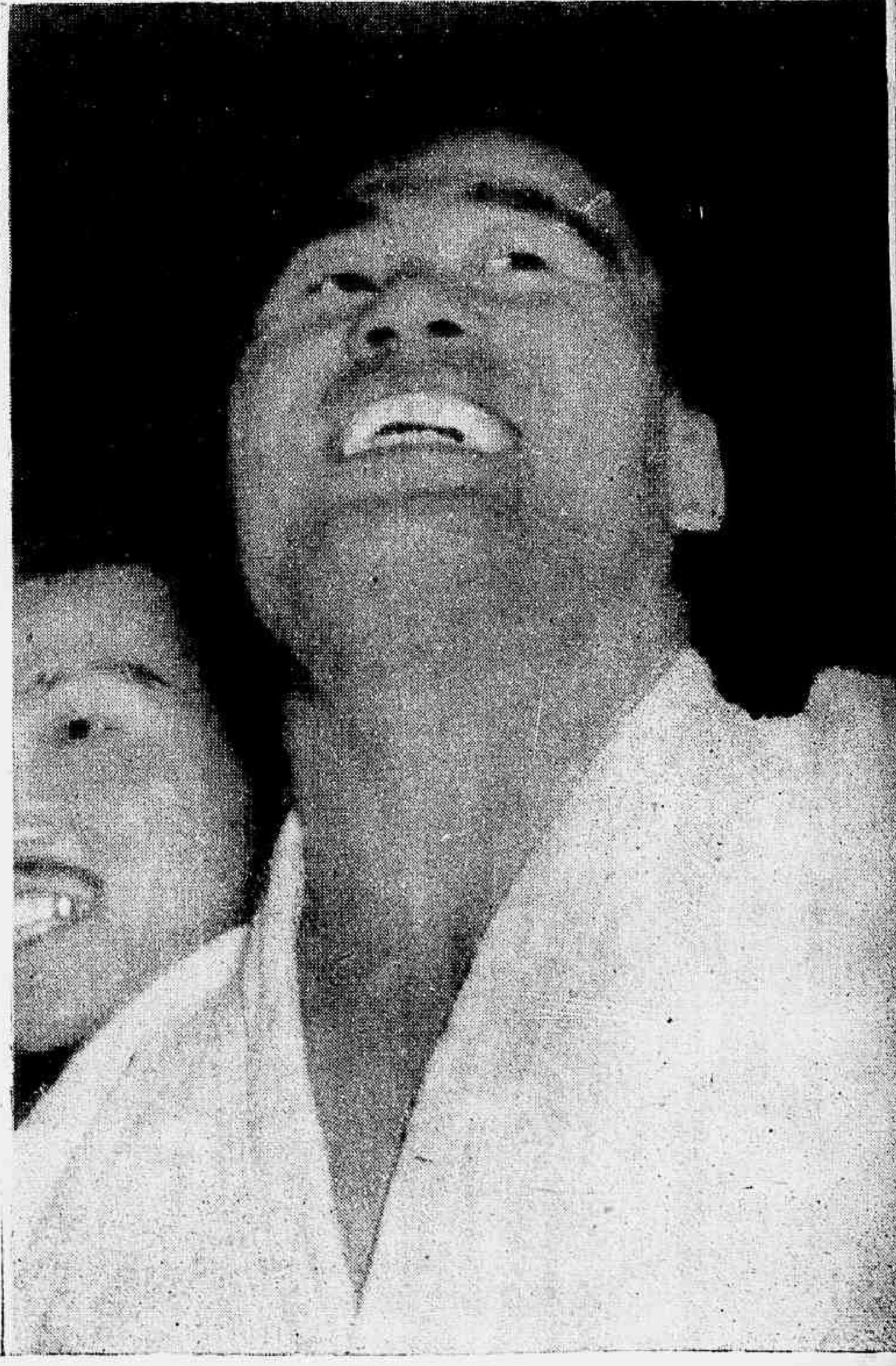
O lutador brasileiro que tinha desafiado Joe Louis, ex-campeão mundial de box, com o pêso superior ao seu em muitos quilos, para um combate de técnicas diferentes, que aceitou a luta com Kimura com a vontade de anular a desvantagem de pêso sob o poder de sua técnica, que considerava superior à do seu rival, esqueceu-se de que, na sua própria família, George Gracie, venceu e quase matou Tico Soledade, que lhe levava uma vantagem de 20 quilos, num combate dirigido pelo próprio juiz da luta com o japonês, e que Geo Omori, com 68 quilos, venceu por estrangulamento João Baldi, com 131 quilos.

(Cont. na pág. 16)

13 MINUTOS de emoção, de verdadeira lição de jiu-jitsu, foi o que o cronometrista da Federação Metropolitana de Pugilismo registrou em seu aparelho.



VERDADEIRO sorriso japonês. Kimura antegozou a facilidade com que derrubaria Gracie. Poderia tê-lo feito em poucos minutos, mas prolongou a agonia.

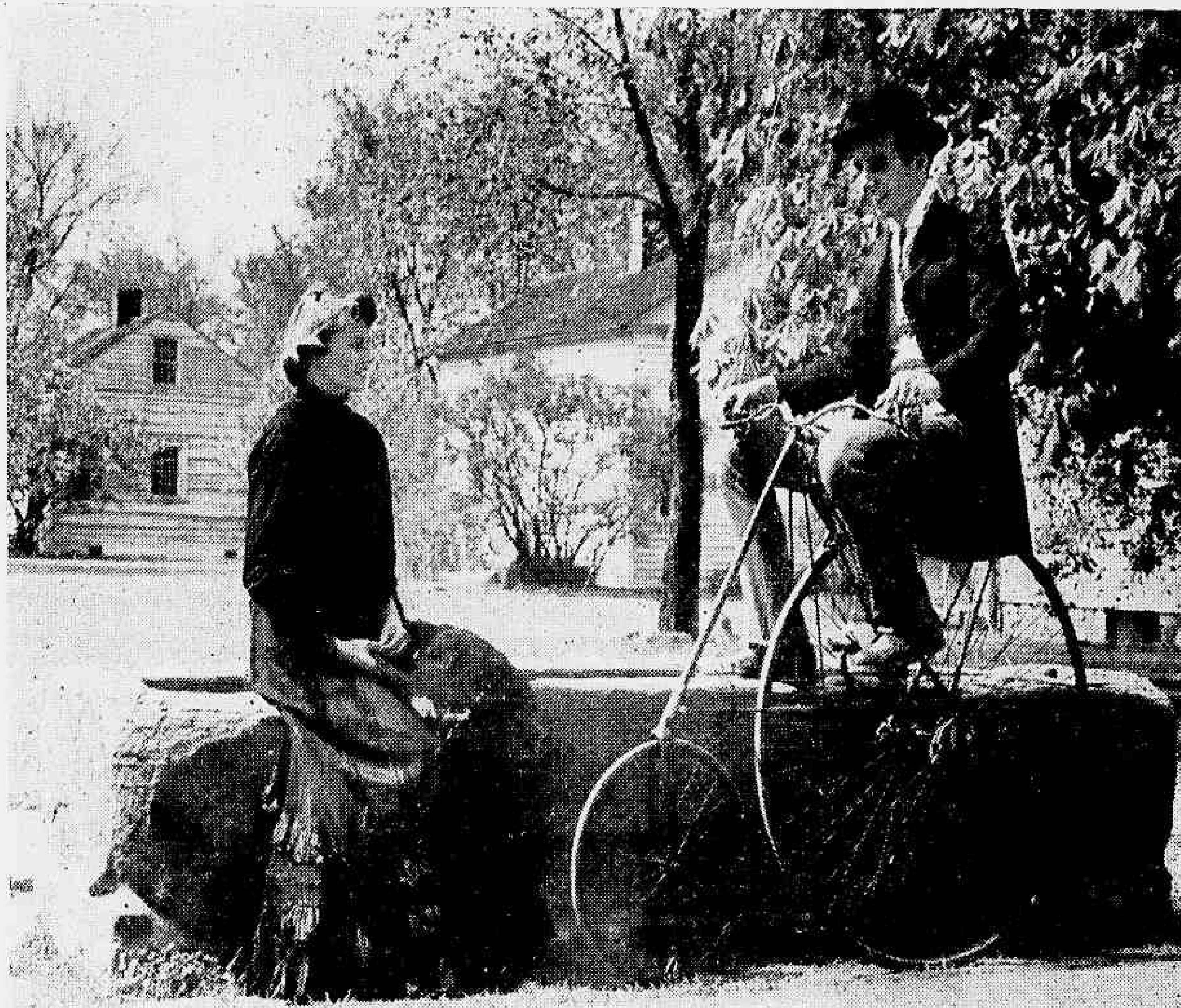


TRABALHA, VITAL, TRABALHA!



ANO LI ★ N.º 46 REVISTA DA SEMANA 17-11-51

Roda Gigante



AS reminiscências que vêm sendo publicadas por esta revista na última página de cada edição, os fatos ocorridos há meio século, não perderam tanto o cunho de atualidade, como se poderia imaginar, em alguns casos. E em outros, os contrastes servem para evidenciar como eram felizes, como viviam num mar de rosas, longe das realidades tormentosas que o século deveria trazer-lhes, os primeiros redatores da REVISTA. Não sei se o leitor vem acompanhando essas excavações, mas se porventura ainda não o fêz, nem sabe o que está perdendo. São deliciosas essas coisinhas que aconteceram em 1901, recordadas agora, confrontadas com a vida, tal como temos de enfrentá-la hoje. Vejam, por exemplo, o que escrevia o cronista Jacques de Bonhomme na edição de Natal daquele ano.

— "Haverá guerra? Não haverá guerra? Eis a pergunta ansiosa que, há quinze anos, se dirigem todos os homens a quem os graves problemas desta parte do continente ainda preocupam. Não são muitos, valha a verdade, mas se não assombram pelo número impõem-se pela qualidade, o que não é indiferente sabendo-se, como se sabe, da influência das minorias inteligentes e refletidas sôbre as massas ignorantes ou impulsivas."

E o comentarista ia adiante profetizando para 1902 outro ano de paz e fraternidade no Universo, pois "as novas gerações não podiam mais compreender chacinas nem mortandades a granel."

Santa ingenuidade!

Mas já então o Brasil andava à beira do abismo. Pelo menos assim admitia um articulista redigindo o seu tópico nestes têrmos:

— "A penúria geral tem aguçado extraordinàriamente o instinto da "cavação", confirmando assim o velho lema de que não há como a miséria para despertar nas imaginações as faculdades criadoras."

E, reportando-se a um monopolio em expectativa, com os sinistros intuitos de açambarcar, numa emprêsa favorecida por algum trunfo junto ao govêrno, as lavanderias da cidade:

— "Lavar pùblicamente a roupa suja no Rio de Janeiro... Mas não sei de terra onde mais ao pintar caiba o sisudo preceito de que a roupa suja lava-se em família. A nossa roupa suja carece de um resguardo cauteloso aos olhos dos curiosos, dos importunos e dos bisbilhoteiros. E como se lava roupa suja nesta cidade, aos olhos profanos!"

Cinqüenta anos transcorridos, o panorama é o mesmo. Apenas a imundicie aumentou pelas ruas e ninguém mais se lembra de monopolizar-lhe a limpeza. Nem a das vias públicas, quanto mais a das lavanderias!

Mas havia pedacinhos de ouro. Veja-se esta informação divulgada em negrito, corpo dez:

— "Uma revista científica afirma que a eletricidade cura a calvicie."

A eletricidade dava seus primeiros lampejos aqui no Rio. E os carecas alvoroçavam-se. Em pura perda, como se reconhece agora, meio século passado.

O fantasma das guerras andava muito por longe. Quatro anos mais tarde deveriam repontar os primeiros estremecimentos do mundo, mas em 1901 ainda o Imperador das Rússias firmava têrmos de aliança indissolúvel com a França. Veja-se êste início de correspondência, remetido por Colinette, de Paris, e estampado em 27 de outubro, ainda em 1901:

— "A visita de Nicolau II, a revista da armada, as manobras de Reims e as festas de Compiègne ocuparam durante quase todo o mês a atenção dos parisienses, que se mostram idolatras pela aliança franco-russa como uma sólida garantia de paz e de tranqüilidade."

Pois não era delicioso? Nossos antepassados de ontem, de apenas cinco décadas atrás, dormiam tranqüilos porque o imperador russo podia garantir a paz e a tranqüilidade do mundo.

Outros problemas de importância muito maior absorviam as atenções dos contemporâneos da fundação da REVISTA. E quando ninguém sonhava com o direito do voto concedido à mulher, vinha-nos da França — sempre a França na ordem do dia, gloriosa, imortal! — esta retumbante informação:

— "Um conselheiro municipal de Lille acaba de propor aos seus pares que seja cassado o direito de voto a todo o cidadão, maior de vinte-e-cinco anos, que se conserve celibatário."

★

Se a teoria da relatividade prevalecer também nos cinqüenta anos mais próximos, estamos adivinhando o sorriso malicioso do comentarista desta página, relendo estas linhas e fazendo por conta própria outros confrontos — do que publicamos hoje, com o preciosismo de todos os tempos, com o que estará acontecendo em 2001.

Nossa vingança é que outros meios-séculos e novos comentaristas maliciosos virão mais adiante...

CELESTINO SILVEIRA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

E Churchill voltou! .... 3 e 27/33
Gracie não achou graça (Levy Kleyman) . 4/7
Rósh-Ha-Shaná e Yôm-Kipúr (Abdias Rodrigues) 12/15
Carmen Miranda esclarece (César Ladeira) . 18/21
Notívagos da Arte (José Ramos) 55/57

LITERATURA

Roda Gigante (Celestino Silveira) 9
Uma vida por cinco moedas (Geo William) . 22
Horas Vazias (Loiva Leiria Borba) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 24/25

EXTRA

O Diário de James Forrestal 44/45

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 16
Puxe pelo cérebro 22
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58

FOLHETINS

A volta de Bugs Coonan 26
Uma pequena selvagem 35

FEMININAS

Modelinhos (Ramon) 36/37
Noites elegantes 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

HUMORISMO

Trabalha, Vital, trabalha (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 23

ILUSTRAÇÕES

Jerônimo Monteiro — Amilde Pedrosa — Rafael.

FOTOS

Abdias Rodrigues — César Ladeira — Moraes Franceschi — José Santos — Arquivo — Avulsas.



NA CAPA:

PATRICIA NEAL
(Foto Warner)

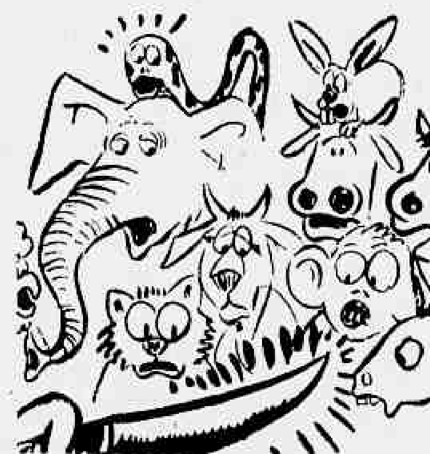
A SEMANA

O K, o W e o Y



A reforma ortográfica de 1943, em pleno vigor, aboliu do nosso alfabeto as três letras acima. Para o K, temos o C antes de A, O e U; para o W temos o V; e para o Y, o I latino. Nada de greguices, nem de saxonismos. A ortografia ficou mais leve, mais simples. Mas sucede uma coisa engraçada. Quando alguém tem necessidade de escrever, por exemplo, Chiang-Kai-Shek, usa o K. Para quê? Chiang-Kai-Shek é chinês. Sua grafia nada tem que ver com o K grego. Lògicamente devíamos escrever: Chiang-Cai-Cheque, ou então: Xiang-Cai-Xeque. Outra interessante: noticiando o casamento do Sr. Yen-Yu-Ming com a senhorita Hang-Keh-Meng, sendo celebrante Wang-Ming-Chang, Wang Weihsien, Wang Hsu-san, Shih Hsienyn e Wang Hsu-hai, os jornais grafaram tudo assim mesmo, com yy e ww, além de sh com som de x. Mas isso é contra a Lei que disciplinou a grafia portuguêsa em uso no Brasil. Não podemos escrever o nome Wang, com W, e sim com V. Como devemos pronunciar o W em nome chinês? Com som de V? Com o som de U. A primeira prosódia é teutônica; a segunda, inglêsa. E o diagrama sh, sem qualquer valor ortoépico em nossa língua? Como devemos pronunciar, por exemplo, Shih, nome de um dos celebrantes dêsse consórcio? Chi? Xi? Si? E o nome do noivo, Yen Yu-Ming? Para que os YY? Não foram abolidos? Dirão que, nome de batismo e de origem estrangeira, devará ser respeitado em sua grafia original: Washington, Kant, Winston, Shakespeare. De acôrdo. Mas será que os chineses usam WW, KK, YY? Para que vamos usar fonemas inglêses para designar palavras que nada têm a ver com os mesmos? Usemos os caracteres nossos. E' mais bonito e mais legal.

Matando o bicho



"MATAR o bicho" é como dizem os sertanejos do nordeste brasileiro quando tomam uma dose de "branquinha". "Matar o bicho" envolve uma significação de natureza íntima e quer dizer que, para o homem enfrentar as intempéries da vida, tem que defender-se com os efeitos da "caninha". Quem ingere um copito de cachaça, é o mesmo que ficar imunizado até para dentada de cobra! Mas o novo titular da Delegacia de Costumes e Diversões, dr. Cicero Brasileiro de Melo, não traduz o "matar o bicho" como qualquer outro brasileiro. Embora pernambucano, o dr. Cicero entende que sua função agora é acabar com o bicho, e quando diz estou disposto a "matar o bicho", não quer dizer que vai abrir o apetite com um golezinho de "Monjopina" antes do chambari, e sim que vai acabar com o bicho e os bicheiros do Rio. Bacharel em direito, velho conhecedor das leis penais e dos hábitos dos indivíduos que querem enriquecer sem trabalhar, o delegado de Costumes e Diversões assentou de pedra e cal que dará cabo do jôgo do bicho, amparado pelo artigo 59 da Lei de contravenções Penais. De agora em diante, todo aquêle que fôr apanhado a jogar ou a bancar o bicho, será capitulado como vadio, incurso no artigo 59 da citada Lei. Mas recomenda que os seus auxiliares não cometam arbitrariedades, violências, correrias, tiros em vias públicas e outros sensacionalismos. Êle quer que a campanha mate o bicho, mas na maciota, sem estardalhaços, como quem mata porcos. A morte da bicharada deve vir como se mata carneiro: sem tugir nem mugir. Mas matará mesmo?

O Legislativo carioca



DE quando em quando alguns jornais do Rio desancam o pau no lombo da Câmara de Vereadores do Distrito Federal, chegando mesmo, alguns dêles, a sugerir a liquidação do legislativo carioca. Mas, convenhamos, em todos os países do mundo, mesmo os de educação política mais elevada, as sessões legislativas sofrem, de ora em quando, dessas descaídas. E' mesmo do regime democrático. Se por vêzes um legislador se esquece do "decôro" parlamentar e deixa escapar de sua bôca expressões pouco regimentais, isso se deve à natureza dos assuntos e à feitura psico-física do exagerado. Mas, mesmo que haja tais desvios de linguagem, os benefícios que os legislativos trazem à população, compensam perfeitamente tais nuvens carregadas de eletricidade e entusiasmos. O que se devia pedir aos senhores legisladores, não era apenas o comedimento de linguagem contra êles mesmos, pois sabemos que para isso têm imunidades... O que devíamos pedir-lhes, era (isto sim!), o esquecimento de questões nìtidamente pessoais com A ou B, e tratarem dos interêsses mais urgentes do povo, deixando de lado o nome das pessoas desafetas. Um legislador deveria ser uma pessoa de caráter mais acima das picuinhas político-partidárias, para enxergar, exclusivamente, o benefício público. E' que, via de regra, o que vemos é isto: o vereador F não votou a favor do projeto B, porque êste é seu inimigo político! Êstes aspectos de nossa baixa educação política são muito mais vergonhosos do que os nomes feios que êles trocam mùtuamente nas horas das paixões partidárias.

EM REVISTA

A Filosofia protesta

ACABA de ser aprovado no Senado Federal o projeto de lei que permite o exercício do magistério ao diplomado por escolas superiores, sem exigência de concurso, nas localidades onde haja falta de professôres. O referido projeto, como nenhum leitor desconhece — diz um matutino carioca — foi motivo de longos debates nos meios estudantis, e o I Congresso Nacional de Estudantes de Filosofia, recentemente reunido nesta capital, dedicou-se, quase que exclusivamente ao estudo de medidas que pudessem impedir a sua aprovação. Pelo interêsse que tem para os estudantes de filosofia, à discussão do Senado assistiram cêrca de trezentos rapazes e moças, lotando as galerias do Monroe. Os estudantes foram advertidos diversas vêzes pela mesa, de vez que lhes era impossível conter exclamações de aplauso ou repulsa, conforme a marcha dos debates no plenário. A notícia que acima reproduzimos, tiramos de um dos nossos diários; mas, em verdade, o que deveria fazer a imprensa, era tomar uma atitude de orientação em tôrno do caso, o qual encerra grandes perigos e inconvenientes, não sòmente para os que estão cursando a Faculdade de Filosofia como para a própria mocidade, que terá de servir-se de professôres sem lastro pedagógico, como fatalmente se dará, se o Presidente não vetar o projeto. Não pode ser professor secundário quem não estudou para isso. Não basta possuir um diploma de médico, bacharel em direito, dentista ou engenheiro. Ser professor e saber ensinar, são coisas diferentes. Se o curso de Filosofia foi criado para formar professôres, como admitir-se que o próprio govêrno desmanche com os pés o que fêz com as mãos... e com a cabeça?



Escolinha de Arte Infantil



EM 1948, Augusto Rodrigues e outros professôres, pintores e desenhistas, fundaram a "Escolinha de Arte Infantil", funcionando na Biblioteca "Castro Alves". Nesses três anos de serviços ao Brasil e à criança, a Escolhinha acolheu mais de quinhentos alunos, estando matriculados uma centena dêles. O que tem sido esta inovação em nossos meios artísticos e sociais, prova muito bem a Exposição de Arte Infantil que se realizou, faz pouco, nos salões do Ministério da Educação, e que foi a primeira de cunho nacional já efetuada entre nós. Estimulados pelo exemplo do Rio, outros Estados, como o Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo e Pernambuco, criaram Escolinhas de Arte Infantil, em cujos cursos as crianças não pintam o sete, mas sim, as suas idéias, as suas concepções da vida, da sociedade, do meio em que vivem, elaborando uma Arte das mais interessantes e sugestivas, oferecendo meios aos pedagogos e aos filósofos para a interpretação da própria alma infantil. Pois bem: a Escolinha de Arte Infantil do Rio vai fechar. E em que época, Senhor Deus! Justamente a poucos dias da Semana da Criança! E vai fechar porque os seus fundadores e animadores não dispõem de recursos. Se o Govêrno Federal não vier em auxílio da magnífica idéia, as crianças continuarão à margem da cultura das artes plásticas, e aí, o jeito que têm é mesmo o de "pintar o sete", aplicando seu tempo e sua "arte" no manejo das atiradeiras e de outras artimanhas por falta de cultura mais sadia.

Vá plantar batatas

JÁ se usou muito essa expressão quando se queria que uma pessoa não amolasse mais. E parece que o conselho pegou mesmo. Como, desde que nos levantamos, até quando nos recolhemos ao leito, a vida é tôda cheia de contrariedades, é possível que cada pessoa em dez ouça o brado de "vá plantar batatas!". E muita gente deve ter ido mesmo. Prova-o a quantidade espantosa de batatas que há no Estado do Paraná, onde um milhão de sacas apodrece por falta de transporte. Em 1949 a nossa produção total era de 1.800.000 sacas; mas, tendo-se recebido excelentes sementes do estrangeiro, já em 1950 chegamos a colhêr, sòmente em S. Paulo, seis milhões de sacas, sem se falar nas safras do Rio Grande do Sul e Paraná. A cultura da batata também está florescente no Estado da Bahia, o que dantes não acontecia. Vemos, portanto, que a produção de batatas no Brasil é mais do que suficiente para atender às necessidades internas, sem ter-se necessidade de importá-las do estrangeiro, como vínhamos fazendo com a batata holandesa. Já temos sobras de batatas. Além de abastecimento do mercado interno, a preços muito baixos para o povo, ainda poderemos exportar para os países que delas precisarem. Não há dúvida: aquêle velho hábito de mandar-se uma pessoa "plantar batatas", como quem diz, "ora, não amole", surtiu o efeito desejado. As batatas estão sobrando por todo êsse Brasil em fora, e seria muito bom que inventássemos outras exortações salvadoras, como: "Vá criar galinhas!". "Vá chover em Ribeirão das Lages!". "Vá fazer manteiga!"



A PERSONAGEM DA SEMANA

QUANDO, já nos umbrais da morte, antevendo o dia de sua partida para os mistérios da outra vida, o Dr. Laureano mandou buscar sua filha Maria do Socorro para deixar-lhe a última lágrima na paternidade da última bênção, a emoção pública aumentou sensìvelmente, e não houve quem não se apiedasse da sorte de uma criança de cinco anos e já tão marcada pela crueldade de um destino padrasto. D. Marcina procurou cercar a filha com maiores desvelos, quando a menina passou a ser órfã de pai. É o que tem sido a dedicação da viúva Laureano para tornar menos triste a vida de sua filha, não há quem ignore.



Maria do Socorro

Tudo ia decorrendo em paz, quando rebenta esta notícia estranha: os pais do médico falecido iam anular o registro de Maria do Socorro, porque ela não era filha do casal. Mais uma vez D. Marcina voltou à evidência. Entrevistada, protestou contra a notícia e afirmou que Maria do Socorro era sua filha. Os seus sogros estavam laborando em êrro, confundindo-a com outra criança adotada. A imprensa se movimentou mais uma vez e mais uma vez D. Marcina Laureano se torturou nas tenazes de aflições cruéis, chorando com a filha ao colo, pedindo que não lh'a arrebatassem dos seus braços, quando era Maria do Socorro sua última razão de ser nesta vida. Já não tinha mais o espôso, nem pais, nem irmãos, todos desaparecidos no turbilhão de acontecimentos trágicos. E a ação foi retirada. Mas, inesperadamente volta o caso à baila. Jornais cariocas desvendam o mistério: D. Marcina não é a mãe de Maria do Socorro. Não queiramos converter um gesto de grande beleza moral dessa mulher, num escândalo judiciário. Maria do Socorro, mal desponta para a vida, e já é vítima dos preconceitos humanos. Para ela é D. Marcina a sua verdadeira mãe, e para D. Marcina, é ela sua filha legítima. Respeitemos a nobreza de uma e a inocência da outra, e evitemos que a menina se crie formando complexos de inferioridade social perante o mundo. Seria uma "santa mentira"...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

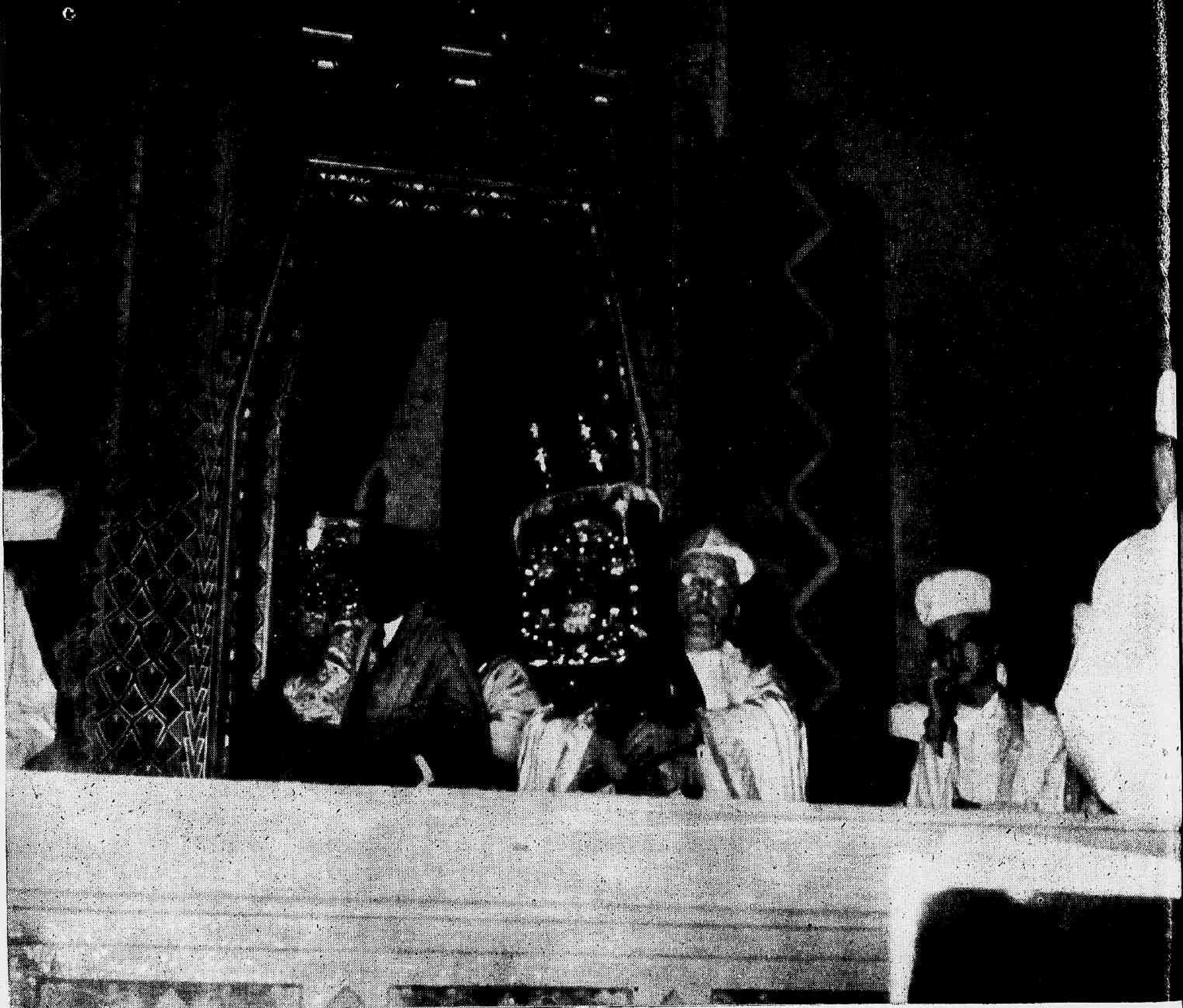
Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

SALVE 5712!



OS ISRAELITAS do Rio de Janeiro comemoraram condignamente em tôdas as sinagogas judaicas o seu dia de ano novo e do perdão. Ao templo da rua Tenente Possolo acorreram milhares de judeus, que ali foram orar. Na foto um aspecto da retirada da Bíblia da arca sagrada, durante a cerimônia.

RÓSH-HA-SHANÁ E YÔM-KIPÚR

ANO NOVO, O DIA DO PERDÃO ★ NAS SINAGOGAS ★ O RITUAL ★ OS ENSINAMENTOS DO TALMUD ★ A LEITURA DA TORÁ ★ O SEPULTAMENTO ★ O LUTO ★ A PALAVRA "JEOVAH"

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

QUANDO o repórter entrou na sinagoga, fêz-se um silêncio profundo. A curiosidade se apoderou de todos. Passado o transe prosseguiram com a cerimônia. Era natural a curiosidade daquela gente, que nunca vira um cristão assistir a um ritual judaico.

Uma multidão de crentes superlotava o templo da rua Tenente Possolo no dia 1º de outubro, findo. O roçagar dos vestidos de sêda das mulheres se confundia com o ringir musicado dos sapatos novos, que os homens usavam naquele dia de Ano Novo. Os bares e os cafés mais próximos estavam todos cheios de judeus que, à maneira dos cristãos, faziam espoucar champanha e cerveja. Era preciso festejar aquêle dia em que, segundo o Talmud, teve comêço o mundo e no qual é traçado o destino do homem e os acontecimentos do ano.

Há certas particularidades na religião judáica que a nós cristãos parecem esquesitas. Entretanto, dizem os judeus: "não fazemos senão o que nos manda o Talmud — nosso livro sagrado".

O Talmud é uma verdadeira enciclopédia composta de vinte grossos volumes. Foi escrito em hebraico e aramaico por uma plêiade de sábios, que se sucederam durante quinhentos anos consecutivos. Nessa preciosa obra encontra-se matéria sôbre medicina, teologia e filosofia — principal tema, que versa sôbre mandamentos da lei de Deus, e abrange tôda a vida social e íntima do homem. Não há nenhum recanto da vida onde não penetre a religião para indicar aos israelitas como devem proceder, não só para com os semelhantes, mas, sobretudo, para com Deus.

Um dos principais dógmas é o pacto entre Deus e os patriarcas; assim como um eterno juramento para com o povo de Israel, o qual consiste na obediência aos ensinamentos



A BIBLIA é o livro sagrado dos israelitas. Vestido caracteristicamente o velhinho lê com humildade.



COM A «Thalis», ornamento indispensável aos que são casados, êste outro também lê a Bíblia sagrada.



EM ATITUDE oratória, o rabino prega a religião mais antiga do mundo, dizendo: «Só há um Deus».

do Talmud, em compensação do que Jeovah engrandece o seu povo na Terra Santa, nos limites indicados na Bíblia.

A raça judáica tem três mil e quinhentos anos. Já viveu e sofreu muito. Mas não morre a esperança de um dia todos os judeus voltarem a viver com seu povo, normalmente, na Terra Santa.

Como religião monoteista a judáica é a mais antiga. Tôdas as outras tiveram como princípio o que os israelitas sempre apregoaram: "a existência de um só Deus! Estão no ano 5.712. O calendário judáico apresenta uma diferença considerável do calendário gregoriano. Os meses têm 29 e 30 dias. Contam-se os dias como os demais orientais; isto é, desde a saída das estrêlas. Há 11 dias de diferença do ano hebraico para o romano. Mas de 3 em 3 anos aumenta-se um mês; tem-se, portanto, um ano de 13 meses e o mês exedente completa os 11 dias que faltam ao ano que tem 354 dias. Começa em geral em setembro ou outubro e chama-se *Tishrê*. Conforme a tradição, nesse dia criou-se o mundo. E' também chamado o dia do juizo, pois, segundo os antigos, o Universo todo passa perante o julgamento de Deus. Nessa data decide-se o destino dos indivíduos, dos povos, e são previstos os acontecimentos do ano vindouro. Também nesse dia têm início as penitências que se prolongam por 10 dias, sendo o último chamado *Yôm-Kypúr*. As penitências consistem no arrependimento dos pecados e no jejun. No Talmud e na Bíblia está determinado o que os judeus podem comer, não só nesses dias, mas também, durante tôda a vida. Um israelita não entra, como os cristãos, num restaurante qualquer, pois as iguarias que deve comer nem sempre são encontradas.

No décimo dia há jejum completo. Não se come nada durante 24 horas. Afora essas penitências vem outro dia santificado, chamado *Avono*, nono mês do anódia de destruição do templo de Jerusalém. Faz parte também da penitência a escursão a Sinagoga. Estejam onde estiverem os judeus, nesses dias, são obrigados a irem à pé para o templo. Não podem tomar nenhuma condução.



EM CIMA: A magestosa fachada do templo da rua Tenente Possolo, onde foram realizados os rituais comemorativos da data sagrada. Em baixo: da esquerda para a direita, duas damas da sociedade judaica e, finalmente, um grupo de outras crentes, com seus vestidos novos, feitos para o dia de ano novo e do pedrão.







A ARCA SAGRADA, ONDE SE acha a Bíblia, é levada em desfile pelo recinto do Templo. Êsse ato constitui um dos mais importantes das cerimônias judaicas, nos dias de ano novo e do perdão.

SALVE 5.712!

A seguir vem *Sinchat Torá*, ou seja *Alegria da Torá*. Nesse dia termina a leitura dos 5 livros de Moisés, q se vinha fazendo durante todo o ano nos serviços religi sos; e, imediatamente, é ela reiniciada com o primei capítulo do Pentateuco. Celebra-se êsse fato com cerimôni cheias de colorido e amenidade, demonstrativas do gô íntimo que a leitura da Torá proporciona ao judeu. O rôlos são retirados da arca sagrada pelos rabinos que, e solene procissão, percorrem a sinagoga tôda. Em cada vo a congregação inteira rompe em cânticos expressivos d júbilo.

O Talmud determina ainda a mortalha para os mo tos. Todos têm direito e devem ser enterrados com igual dade. Para isso foi determinado que a mortalha seja bra ca — côr que encerra pureza. Assim, todos os mort são envolvidos num lençol de linho branco, virgem. O olhos são lacrados com cerâmica. Êsse emblema provem d versículo da Bíblia: "*O homem veio da terra e para a ter volta*".

Os israelitas cuidam da aparência dos seus mortos po que acreditam na reincarnação e acham que êles terão d comparecer perante Deus para julgamento dos seus atos A uniformização da mortalha traduz bem a intenção d serem fàcilmente reconhecidos. Não fazem como os d mais povos que deixam que cada um seja enterrado com pode. Rico ou pobre tem o mesmo entêrro. Para os q não podem comprar a mortalha, outros a fornecem.

Outra derivação lógica da lei judaica é o respeito à me mória dos mortos. Desde os remotos dias em que Abraã adquiriu a gruta de Machapelá para dar sepultura digna sua espôsa Sara, a veneração dos parentes desaparecidos te sido um dos traços básicos do judaismo e se manifesta e suas formas mais nobres tanto na recordação devota com na oração, pelo descanço de suas almas. A lei judaic manda honrar os pais e a tradição ensina a render tribu à sua memória. Assim se afirma o culto da família e s mantém íntegres os laços consaguíneos que ligam as pesso até depois da vida terrena.

A submissão à vontade divina, dominante durante tod o curso de sua vida, se evidencia também no judeu n instante de sua morte. Quando o fim parece iminent o muribundo profere sua última oração — *Vidúi*, ou seja "Confissão", na que se encomenda a Deus, cujas decisõe



DURANTE a passagem da arca os crentes se aproximam a fim de tocar-lhe com os dedos. Todavia, tudo é feito tão rápido, que são poucos os que o conseguem.



MESMO ASSIM, mãos nervosas conseguem tocar no santuário sagrado. E crentes ficam satisfeitos por terem realizado tal desejo no sagrado dia

acata, e termina com o clássico *SHemá*: "Ouve, Israel, Adonai é único".

★

ROSH — HÁ — SHANA, dia de Ano Novo, e *YÔM — KIPUR*, dia do perdão, são as duas festas austeras do ano judaico. Nelas não ha evocações históricas nem recordações da vida rural de Erest Israel. São festas essencialmente religiosas, destinadas a pôr o indivíduo frente ao duplo tribunal de Deus e de sua própria consciência. Assim se explica por que enquanto as outras festas são acolhidas e celebradas com júbilo e animação, os sentimentos que prevalecem em *Rosh-há-shaná* e *Yôm-Kipúr* são de serenidade e sua comemoração se limita a cerimônia religiosas e a atos de austeridade. São as datas destacadas de um período de 40 dias, que se inicia com a lua nova de *Elúl*, um mês antes de *Rosh-há-Shaná* e termina com *Yôm-Kipúr*. Êste lapso de tempo é para meditação e recolhimento.

Segundo a Bíblia *Elúl*, Moisés tornou a subir ao monte Sinai, para receber as segundas tábuas da Lei, e ali permaneceu 40 dias, ao cabo dos quais, regressou com novas tábuas e com o perdão de Deus pelo pecado do bezerro de ouro. Êstes 40 dias, viveram-nos os israelitas entregues ao exame de suas consciências e ao arrependimento, chegando, em seu sacrifício, a privar-se de todo alimento durante o último dia. Nasce daí a crença de que êsses 40 dias, a partir da lua nova de Elúl, sejam um período de graça para o homem, que, mediante o arrependimento de seus pecados, conquista o perdão que Deus lhe concede em *Yôm-Kipúr*. Vem a ser, pois, um despertar da consciência ante a iminência do juizo de Deus Por isso, durante o mês de Elúl se toca o *Shófar* nos ofícios matinais da sinagoga, para arrancar os fiéis de sua letargia moral.

Nas orações pronunciadas nesse período incluem-se as *Selichót*, preces invocadoras do perdão, que se dizem a partir da meia-noite ou da madrugada seguinte ao sábado anterior a *Rósh-ha-Shaná* e se repetem até *Yôm Kipúr*. Durante êste período sério e severo, os judeus costumam ir aos cemitérios para aproximar-se dos membros desaparecidos de sua família, que em vida foram seus guias e modelos na prática do judaismo.

Um detalhe curioso: — jamais um judeu pronuncia o nome de seu Deus. Tal é a santidade que encerra, para êles, a palavra, que não se julgam suficientemente puros e dignos de pronunciar o nome de *JEOVAH*.



A PALAVRA dos mais velhos, e portanto, mais entendidos nos assuntos religiosos, é ouvida com atenção por todos, nos dias de ano novo e do perdão. E todos estão com os seus «Iarmenke» (chapéu) na cabeça.



A ARCA é colocada na urna do altar ao som de dulcíssimos cânticos. E' um ato que prende a atenção de quem assiste, devido ao seu cunho religioso, todo característico. Nesta solenidade todos ficam em silêncio.



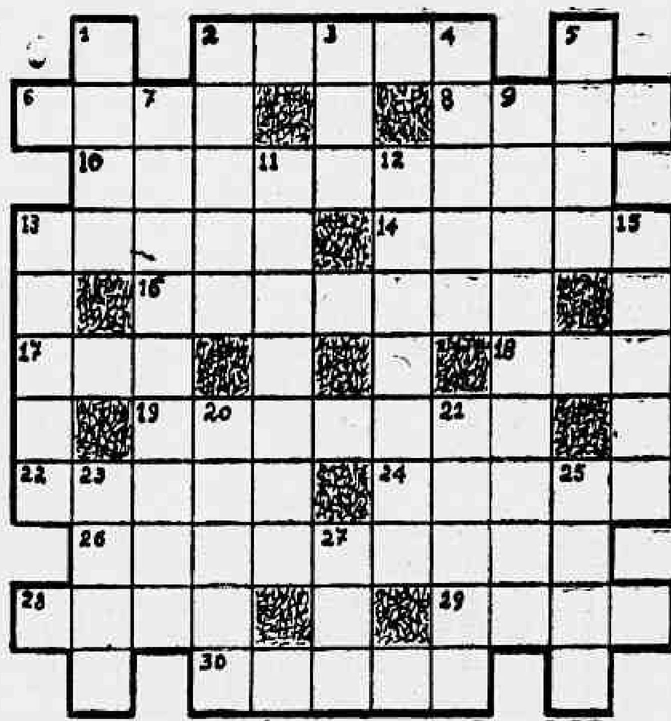
ANTES DO recolhimento da Bíblia os cantores entoam cânticos sacros. Isso, no entanto, é feito no início e no fim das cerimônias de Rosh-ha-Shaná e Yôm-Kipúr.



VAI SER guardada a arca sagrada. Antes, porém, o cantor-mór entoa um hino sacro. Os crentes ficam todos atentos a êsse final religioso.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 79 para Veteranos



HORIZONTAIS: — 3. Muito contente — 6. Tira disfarçadamente - 8. Gênero de plantas da família das Anacardiáceas — 10. Emaranhar — 13. Desesperar-se — 14. Violino grosseiro, espécie de arrabil, de 2 cordas, usado na Argélia, Tunísia e Marrocos — 16. Temor mórbido dos venenos — 17. Cidade do Iraque — 18. Antigo tecido francês fabricado no Languedoc — 19. Pôrto civil da circunscrição de Magude, distrito de Lourenço Marques, Moçambique — 22. (Pe. José) Jesuita francês e que foi missionário na China — 24. Tronco comum das artérias que levam o sangue arterial a tôdas as partes do corpo — 26. Decomposição (pl) — 28. Meios — 29. Cidade da Hungria — 30. Pequena moeda grega.

VERTICAIS: — 1. Fruta-pão — 2. Restituição — 3. Sufixo verbal, que exprime ação demorada — 4. Calculei — 5. Inocente — 7. Ataque de nervos — 9. Dança cubana (pl.) — 11. Ofegante — 12. Espera de ação (pl.) — 13. Espécie de víbora, adorada pelos negros da África — 15. Autoridade em determinado assunto — 20. Antigo povo que habitava as margens do Tanais, no país hoje chamado Ucrânia — 21. Que diz respeito à vida animal — 23. Mulher que se enfeita com mau gôsto — 25. Título dos antigos imperadores da Rússia — 27. Em defesa de.

*

Problema N. 79 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Tecido de algodão com listas de côr — 8. Ata de novo — 10. 5º mês dos hebreus — 12. Ligações — 14. Assassinar — 16. Cólera — 17. Formar em alas — 18. Tornar oco — 19. Aguardente de cereais — 20. Consenti — 21. Construia — 23. Cidade da Bélgica — 24. Grande deserto da África — 26. Pequena ave.

VERTICAIS: — 2. Seguir — 3. Estampilhar — 4. Tombar — 5. Liga — 6. Denguice — 7. Ramos de uma árvore — 9. Princípio ácido existente no ásaro — 11. Dar balidos — 13. Diz-se do animal adulto próprio para a reprodução — 15. Rio da Inglaterra — 18. Praça de taba — 20. Criadas — 22. Mecha dos balões — 25. Atmosfera.

Otaner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 78 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Camenas — Barés — Arará — Aparava — Caruma — Anamim — Apícola — Imuta — Pacará — Arador — Ora — Arataca — Ivo — Abafara — Amo — Pacote — Avatar — Emalo — Adamita — Sirena — Aratim — Alotada — Arava — Ramosa — Ásaros.

VERTICAIS: — Cacapó — Apesar — Arapari — Amila — Maricá — Acarom — Eruca — Aboleto — Namora — Átonas — Alarife — Ada — Sá — Ava — Pá — Atorada — Banira — Avarás — Aramaca — Amara — Ramuda — Atitar — Evito — Amativo — Samara — Oramas.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Morar — Modelar — Unes — Má — Gás — Mar — Ir — Rego — Aceites — Assim.
VERTICAIS: — Monarca — Odes — Rés — Al — Ramagem — Mugia — Raros — Meti — Ris — Ês.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

FÔRÇA BRUTA x TÉCNICA

(Cont. da pág. 7)

A expectativa cresceu quando, começada a luta, Hélio tentou a primeira pegada de quimono, que o japonês aceitou, dando-lhe um balão, jogando-o ao chão, tentando uma série de golpes, dos quais o mais predileto foi a torsão de braço, conhecida como "chave americana", além do estrangulamento e do "arm lock". Gracie limitou-se a se defender à todo custo. Em duas oportunidades tentou Kimura a gravata pela frente, a fim de tontear o seu adversário, e facilitar o golpe fatal.

No segundo "round", Hélio, sangrando na orelha, levou o japonês ao chão e, mais uma vez, êste assumiu o contrôle das ações. Hélio ainda tentou desequilibrar o seu antagonista com um jôgo de pernas, mas o japonês não foi na conversa e resolveu aplicar-lhe a "chave americana", tentando partir-lhe o braço. Foi quando interveio o segundo de Hélio, o seu irmão Carlos, pedindo a desistência, para evitar que o braço do seu pupilo fôsse quebrado. Hélio concordou com a dessitência, com uma boa saida para dizer que não fôra êle que "pedira soda". Carlos Gracie, depois da luta disse que assim fêz porque sabia que o seu irmão não se entregaria.

KIMURA DECEPCIONADO COM GRACIE

O japonês não gostou do seu adversário e declarou, antes de embarcar para os Estados Unidos, onde fará inúmeras exibições, que durante a luta notou que o seu antagonista só se preocupava com a defesa, e fugia ao combate, e que, portanto, não teve a oportunidade de aplicar um pouco de técnica.

Veio à baila saber se êle poderia ter liquidado Gracie em 1 minuto. Kimura respondeu que sòmente em 3 poderia fazer o trabalho completo, confirmando o que todos perceberam nitidamente: Kimura quis brindar o público com mais alguns minutos de luta.

FÔRÇA BRUTA OU TÉCNICA?

Depois do combate formou-se uma controvérsia: teria sido vitória da fôrça bruta ou da técnica?

Procuramos ouvir opiniões entendidas e leigas para esclarecer o assunto.

O diretor técnico da Federação Metropolitana de Pugilismo, Cunha, achou que foi uma luta real e não combinada, em que Kimura demonstrou grande superioridade técnica. Uma fôrça espetacular, aliada a uma série de conhecimentos de golpes de que deu grandes demonstrações.

Amaral Gurgel, famoso novelista de rádio, achou que foi uma grande luta. Houve fôrça e técnica, pois, apesar dos 13 minutos, valeu a pena assistir à classe de Kimura e à coragem de Hélio.

Luís Mendes, conhecido locutor esportivo, considerou uma exibição formidável a do japonês e um notável espírito de resistência o de Gracie.

A opinião de Augusto Cordeiro, professor da arte japonêsa e diretor de academia, foi esta:

— Vitória da técnica, da técnica apurada, com uma falta de reação de Hélio. Não foi uma boa luta, por êste motivo. A diferença de pêso não influi em "jiu-jitsu". Aliás, Kimura pesa 90 e Hélio, como atleta e com 1m,80 de altura, deve pesar 70 quilos, portanto, a diferença parece que não foi de 30 mas de 20 quilos. Mas diferença de pêso tem influência mínima no esporte japonês.

Um parecer abalizado foi o de Jayme Ferreira, considerado o campeão do maxixe, ex-lutador, juiz e "announcer" de lutas: — Falei com Kimura e êle me disse que demorou mais a luta em homenagem ao público e que empregou poucos golpes, vencendo com uma chave de luta livre. Só empregaria "jiu-jitsu" se Hélio atacasse, e como não o fêz... Minha opinião é de que foi uma luta entre um gato e um camondongo.

Carlos Pereira, o juiz recusado por Carlos Gracie, a propósito dos têrmos em que foi cortado, respondeu:

— Falta de competência da minha parte é um fato que sòmente a FMP, autoridade máxima no assunto, poderia julgar. Quanto a moral, não se compra, adquire-se.

Depois falou contra a própria academia Gracie, pois foi professor e monitor daquela entidade durante 10 anos.

— Quanto à luta, achei o japonês de uma classe excepcional. Não houve vitória da fôrça bruta, pois o diferença de pêso pode ser vencida pela técnica.

O balanço é bem claro, a diferença de pêso não influi. Houve vitória da técnica, sem contestação.

O ANEDOTÁRIO DO COMBATE

Parece que o carioca vive eternamente em busca de um assunto para glozar, e a luta entre Kimura e Gracie, serviu especialmente para trocadilhos, alguns até infames.

Dizem que, depois da luta, Gracie foi encomendar um novo quimono a um alfaiate sirio, deu-lhe o endereço da Academia. No dia da entrega da roupa, como o filho do Oriente não enxergasse bem o número da porta, perguntou em voz alta: AKI MURA a Hélio Gracie?

Mas a piada que fêz mais sucesso foi, sem dúvida, aquela de que o Kimura, depois de atender o juiz, bem na hora em que ia partir o braço do brasileiro, virou-se para Hélio, que confirmara a desistência pedida pelo seu irmão, e exclamou: — "Acho-te uma Gracie!"

Mas, Gracie não gostou da graça!



Um perfume de grande classe

EMBRUJO
DE SEVILLA



EXTRATO
LOÇÃO
AGUA DE COLONIA

MYRURGIA

CARMEN MIRANDA ESCLARECE:

"EU E MEU MARIDO SOMOS DE NOVO FELIZES!"

UM PADRE CATÓLICO EVITOU O DIVÓRCIO DA "ESTRÊLA" ★ UM LAR À BRASILEIRA EM HOLLYWOOD ★ BACALHAU À GOMES DE SÁ E OUTRAS DELÍCIAS ★ AURORA VOLTA AO BRASIL

De CESAR LADEIRA

Hollywood — Outubro.

ESTA reportagem esperou cinco anos e três dias para ser feita. Mas, valeram a pena a espera e o tempo, porque deime por bem pago ao conseguir uma completa e detalhada entrevista com Carmen Miranda, a quem não via desde fins de 1946, (quando estive pela primeira vez em sua residência em Beverly Hills) e com quem conversei demoradamente e convivi por três agradabilíssimos dias neste fim do verão californiano de 1951.

— Ôba! Salve êle! Cada vez mais cada vez!

Expressões que vêm provar que a nossa "pequena notável" continua bem carioca, usando a gíria saborosa que nasce não se sabe como e que tem duração efêmera na bôca volúvel do povo.

Você é um homem de sorte em encontrar-me aqui em Hollywood, pois quando recebi a notícia de sua chegada, eu estava em excursão por trinta cidade do sul dos Estados Unidos tomando parte no "Show Hadachol" e tão cedo não estaria de volta. Mas o Senador vendeu o remédio e os novos donos resolveram interromper a excursão. E é porisso que estou aqui de novo...

— Senador? Algum novo empresário?...

— Não, senhor. Senador na batata, no duro, e provável candidato a governador do Estado de Lousiana, o Senador La Blanc.



CARMEN exibe duas chaves e um chapéu havaiano, enquanto o repórter segura a chave simbólica, de uma ilha de Honolulu, ofertada à «estrla».

Imagine você que êle era dono de um remédio que curava tudo, à base de 80 % de álcool. Organizou um grande comboio de estrada de ferro, meteu lá dentro os artistas do espetáculo e percorria as cidades do seu Estado, onde era armado ao ar livre um grande palco. A entrada não era em dinheiro: bastava-se comprar 2 vidros do milagroso remédio, colocados estratègicamente à venda. As atrações do "show", entre outras, eram, alem da sua prezada amiga, César Romero, Dick Haymes, Jack Dempsey, Rudy Vallee, o prêto Rochester, Bob Hope, Jimmy Durante, outras atrações que vocês desconhecem no Brasil, muitas garôtas bonitas, orquestras além das "misses" prêmios de beleza das cidades por onde íamos passando. E um gigante inglês de quase 10 pés de altura, que quando me carregava eu parecia uma bonequinha de pixe, dêste tamãninho... E se não fôsse a venda da Hadachol, você não me apanharia por aqui.

Mas Deus é brasileiro e gosta dos repórteres bem comportados...

CÉSAR BATEU esta bonita chapa de Carmen, na sua agradável vivenda de Beverly Hills. O sorriso da eterna «garôta notável» está cada vez mais feiticeira.



TELEFONEMA de fã? Não, mas do empresário, que gere os negócios de Carmen. Convite para uma nova excursão, muitos milhares de dólares — e a vida é bela!



— POIS ENTÃO pode dizer aos velhos amigos brasileiros que a casa está às ordens — e a turma antiga é sempre recebida carinhosamente aqui neste «chateau»!



A DEDICATÓRIA DIZ: — "Para a REVISTA DA SEMANA, por intermédio de César Ladeira, um grande beijo de Carmen Miranda." — O beijo é extensivo ao leitor. Gostou?



CARMEN NO COLO do gigante inglês Ted Evans. com quase 10 pés de altura. Parece uma boneca artificial: não é, mais apenas boneca de carne e osso.



ALBUM DE FAMÍLIA: Carmen e seu marido Dave, acompanhados de seu sobrinho Gabriel, filho de Aurora e Gabriel Richaid, o sobrinho predileto...



AO PÔR DO SOL, à beira da piscina, Carmen posa para o repórter brasileiro e volve o pensamento para os tempos antigos da Urca e da Mayrink...

Carmen está ainda "muito boa". Digo "ainda", porque não é inùtilmente que os anos passam para as criaturas humanas, mas as fotografias que eu próprio tirei na intimidade de seu lar, fotografias sem retoque, de reportagem jornalística, provam melhor que palavras inexpressivas, como está em boa forma a nossa Carmen Miranda. Um corpinho de garôta adolescente, dessas que despertam "fiu fius" nos lábios incontroláveis, o seu rosto expressivo como sempre, os cabelos côr de cenoura ou de um louro avermelhado como quiserem, pois eu não entendo muito bem dêsses nomes arrevezados que os cabeleireiros usam para os matizes infinitos das tinturas de cabelos — Carmen é uma personalidade ímpar e dominante.

— Tem trabalhado muito, Carmen?

— Bastante, graças a Deus, com sucesso e muita gaita, o que não deixa de ser bom, pois as taxas do impôsto de renda daqui são elevadíssimas e levam grande parte do que se ganha, mas felizmente tenho assegurada minha situação financeira que é ótima. Tenho duas casas, já pagas, esta aqui de Beverly Hills e outra em Palm Springs, onde passo o verão e costumo descançar no intervalo de temporadas trabalhosas. Afinal, não posso me queixar...

— E onde tem exercido sua função?

— O rádio absolutamente não me interessa mais. Já é uma coisa que vai ficando para o passado, pois a televisão está no auge, atualmente, nos Estados Unidos. Só aqui em Los Angeles existem 8 estações de televisão em funcionamento! E agora então que já estão fazendo normalmente a televisão "coast-tocoast", das costas do Pacífico ás do Atlântico e vice-versa por intermédio de estações intermediárias espalhadas por todo o território americano, a fôrça da TV tende a crescer cada vez mais. Só me interesso atualmente por televisão, "night clubes" e excursões. Ultimamente cantei no Ciro's daqui, em S. Francisco, no Copacabana de Nova York e no Chez Paree de Chicago, para citar apenas as últimas "boites" em que me exibi. E já apareci 4 vêzes no "show" de televisão de Milton Berle, 2 no Jimmy Durante, e uma nos espetáculos de Bob Hope, Ed Wynn e Tallulah Bankhead, respectivamente. Para seu govêrno, devo lhe contar que cada "show" dêsses custa ao anunciante de 50 a 60 dólares, cada vez que é televisado. Está bem? Posso lhe adiantar também que pretendo, no próximo ano, ter o meu pròprio programa de televisão que está intitulado "Carmen Miranda TV Show..."

— E excursões, Carmen?

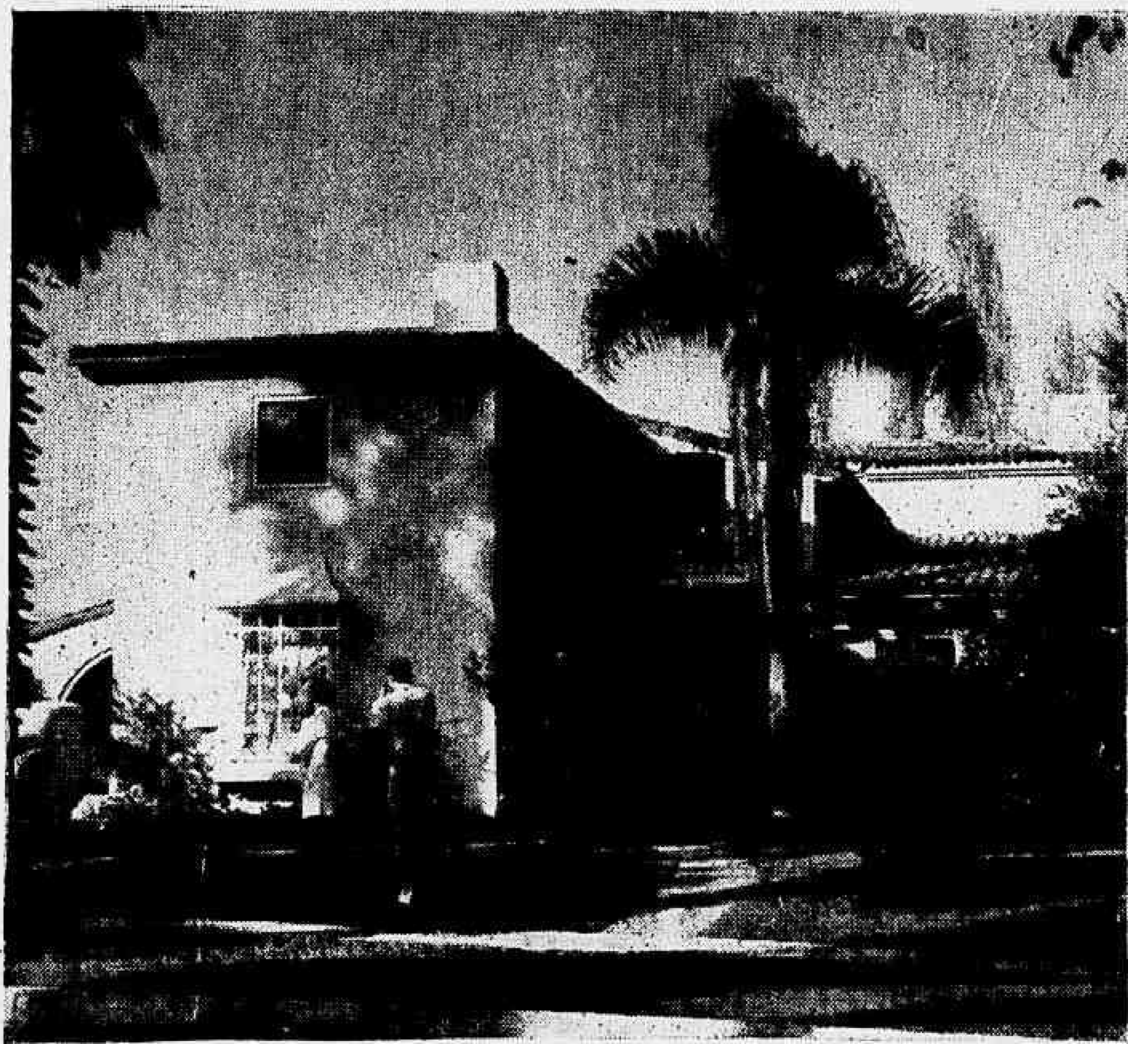
— Tenho realizado inúmeras, mas a mais sensacional de tôdas foi a que realizei a Honolulu. Sem exagêro fui recebida por cêrca de 8 mil pessoas, quase tôdas em trajes hawaianas que me presentearam logo com as insignias floridas da região. Cantei também em outras três ilhas de Honolulu — Maui, Kauai e Hilo — e numa delas fui recepcionada pela colônia portuguêsa de pescadores, que desejavam que eu cantasse alguma coisa no idioma comum a brasileiros e lusitanos. Fiz-lhes a vontade, cantei um samba dos bons tempos. Resultado: agradeceram muito, aplaudiram bastante, disseram que eu cantava muito bem, mas que êles não tinham entendido patativa... Foi uma excursão inesquecível.

E cinema?

— Só para o ano, e na Metro com um filme produzido por Joe Pasternack.

— São êsses apenas os seus planos para o futuro próximo, Carmen?

— Não, absolutamente. Durante os próximos 3 anos todos os meus contratos se-



A RESIDÊNCIA de Carmen em Beverly Hills. Dois turistas paulistanos procuram filmar a saída do carro de Dave, da garage, para um passeio manital.



ÊSTE É O SENADOR La Blanc, candidato a governador da Louisiana e dono de um remédio à base de 80% de álcool. Foi quem empresou ùltimamente a Carmen



TRINDADE FELIZ: Carmen entre d. Maria, a mãe mais feliz de Hollywood, e Aurora que pretende regressar ao Rio, com o marido e os filhos, muito breve

Em baixo: Pouca gente sabe que a falecida Maria Montez apareceu «extra» num filme de Carmen Miranda. Foi «Road to Rio», estrelado por Don Ameche

ão feitos pela grande agência William Mor-ris, a qual estou prêsa. Está em estudos um grande contrato que me levará, possì-velmente em fevereiro ou março, outra vez a Londres, e pela primeira vez a Paris. A Portugal e outros países que sempre de-sejei visitar, como a Itália e Espanha, irei sòmente a passeio, pois apesar de ofertas de contratos que tenho tido a diferença de câmbio com o dólares não compensaria uma apresentação minha. Pelo mesmo motivo dei-xei de aceitar propostas para filmar em Buenos Aires e trabalhar no Teatro Maipo, assim como ofertas que recebi de Israel, Índia e Egito. Afinal tudo isso me inte-ressaria muito poder aceitar, pois gostaria imenso de aparecer ao lado de Cantinflas que veio pessoalmente aqui em casa me convidar para filmar com êle, ou de Im-pério Argentino num filme rodado na Es-panha. Mas o que posso fazer? As vêzes tenho outros compromissos aos quais não posso faltar...

Fiquei satisfeito. O assunto artístico es-tava esgotado, mas a reportagem ainda não estava terminada.

— Carmen, e seu casamento, anunciado uma vez pelas agências telegráficas que iria ser desfeito? Faço mal em tocar neste as-sunto?

— Ao contrário, meu amigo, faz muito bem. Você também sabe como o público se interessa pela vida particular dos artis-tas que admira, vida tôda íntima que só devia dizer respeito a nós próprios, mas que infelizmente somos obrigados, pelas cir-cunstâncias que rodeiam nossa atividade ilu-minada fartamente pelos refletores da publi-cidade, a exibí-la a contragosto. Então va-mos falar com franqueza: casai-me, há qua-tro anos e meio, com Dave Alfred Sebas-tian e com êle fui bastante feliz. Na época anunciada pelos jornais (êles descobrem tudo!), estive 4 meses separada dele, por incompatibilidades. Mas o padre católico que nos casou, fêz-nos tais apelos em nome da religião católica que só via com maus olhos o escândalo de uma artista católica separada de seu marido, que afinal nos reconciliou, dando-nos, a ambos, mais uma oportunidade. Temos sabido aproveitá-la somos de novo felizes, e vamos tocando o barco com a ajuda de Deus...

Carmen Miranda reside em companhia de seu marido e da senhora sua mãe, dona Ma-ria, a responsável pelos jantares tìpicamen-te brasileiros, e às vêzes bastante portuguê-ses (como o delicioso bacalhau à Gomes de Sá que lá comi). Ùltimamente estão mo-

(Continua na pág. 50)



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE NOME TEM O APARELHO QUE MEDE A VELOCIDADE DOS VENTOS:

Dinamômetro?
Anemômetro?
Estetoscópio?

2 — A QUE NAÇÃO PERTENCE A ALGÉRIA:

À França?
À Espanha?
À Inglaterra?

3 — QUAL A POPULAÇÃO DO EGITO:

30 milhões?
17 milhões?
10.500.000?

4 — QUAL A CAPITAL DA COLOMBIA:

Caracas?
Maracaibo?
Bogotá?

5 — QUE NOME DAVAM OS NOSSOS INDÍGENAS AOS PADRES OU SACERDOTES:

Pagé?
Cunhanbebe?
Abaré?

6 — EM QUE CIDADE ALAGOANA FOI ESQUARTEJADO CALABAR:

União?
Pôrto Calvo?
Penedo?

7 — QUE NOME SE DÁ AO FILHO DE BUENOS AIRES, ALÉM DE BUENAIRENSE:

Portenho?
Patagonês?
Argênteo?

8 — QUE QUER DIZER «BOI CABANO:

O que só tem um chifre?
O que não os tem?
O que os tem inclinados para baixo?

9 — QUE QUER DIZER CRISÓSTOMO:

Adepto de Cristo?
O que tem bôca de ouro?
Filho do Profeta?

10 — COMO SE DESIGNA O ANIMAL QUE É SEMELHANTE A VÍBIRA, OU A CABEÇA DE VÍBIRA:

Colóbio?
Érbico?
Equióide?

11 — QUAL É O PLURAL DE GUARDA-JÓIA:

Guarda-jóias?
Guardas-jóia?
Guardas-jóias?

12 — QUE VEM A SER «HALITOSE»:

Dificuldade de respirar?
Mau hálito?
Formação de sais?

13 — O VERBO «ILIDIR» É SINONIMO DE:

Enganar?
Cercar?
Refutar?

14 — QUE NOME TINHAM OS TRIBUNAIS DOS ANTIGOS JUDEUS EM JERUSALÉM:

Sinedrim?
Caaba?
Sinagoga?

15 — QUE SIGNIFICA «PRECITO»:

Condenado?
Objeto fora de uso?
Escuro?

(Respostas na pág. 46)

O PEQUENO CONTO

UMA VIDA POR CINCO MOEDAS

GEO WILLIAM



NAS minas de diamantes do Transwall houve alarma geral. Um dos maiores diamantes, encontrado dias antes, tinha desaparecido misteriosamente.

A polícia mineira entrou em ação brutalmente, após ter esgotado todos os meios suasórios junto aos escavadores negros e isso, após ter levado avante incontáveis buscas e investigações numa esfera superior, isto é, junto aos brancos dos acampamentos.

Todos os negros, tôdas as suas famílias, até os filhos pequenos, foram purgados, para começar. Dessa purga geral nada resultou a não ser terrível fraqueza em todos os negros da região.

— Não faz mal — afirmara o diretor geral dos garimpos — Uma purga de quando em vez é até providencial. Essa negrada jamais desintupiria e agora estarão lépidos e higienizados!

Tendo ocorrido que a pedra poderia ter sido segura pelas dobras estomacais de um possível ladrão, todos, indistintamente foram submetidos à ação do "raio X". Mas tudo foi em vão.

Jamais ocorreu, a essa gente gananciosa, a possibilidade de estar, o grosso diamante, no interior do horrendo ferimento na coxa direita de Bill, o Elefante, mineiro robusto e que ia para muitos anos estava trabalhando nas profundas excavações.

Mesmo deitado em seu catre, Bill tomara o purgante, submetera-se à prova do "raio X". As agrafes que tinham unido os lábios da grande fèrida, já estavam deixando escapulir bastante pús, sinal evidente de que o ferimento ia se infeccionando. Quando o negro apresentara-se à enfermaria para ser pensado, dizendo ter-se ferido com o machado, até os enfermeiros calejados torceram o nariz ante aquêle corte fenomenal e profundo.

Bem no fundo do ferimento aberto em suas próprias carnes propositadamente, estava o famoso diamante que Bill surrupiara com dextreza, a mando dos irmãos Caverdbrige, recebendo promessa formal de que lhe seriam pagos cinco soberanos pela façanha. Ora, cinco soberanos para um negro miserável, representavam verdadeira fortuna!

Tardavam os irmãos em procurá-lo e êle sentia dores atrozes à altura do ferimento. Finalmente, certa noite, os dois surgiram no interior da paupérrima choça.

— Onde está a coisa?

— Aqui — respondeu Bill, o Elefante, apontando para a ferida.

— Vamos! Entregue-a!

— Mas vai doer muito... Está tudo inflamado!

— Deixa ver!

Os dois viraram de lado o negro. Como se se tratasse de rasgar um pano velho, um dêles arrancou os bordos das agrafes, enquanto que outro tapava a bôca do infeliz com a mão robusta. Em seguida, escarafunchando com os dedos ávidos no meio daquela carne martirizada, onde pús e sangue misturavam-se, o homem alcançou a jóia, limpando-a nos trapos do catre e metendo-a no cinturão.

Bill não resistira a dor e desamaiara. Do ferimento brutalizado, esvaia-se em largas golfadas o sangue viscoso pelas artérias dilaceradas.

Os dois irmãos, ao sair furtivos, atiraram ao catre os cinco soberanos prometidos. Quando, na manhã seguinte, encontraram Bill, o Elefante, morto, esvaido em sangue, encontraram também junto à sua carapinha as cinco moedas de ouro, que cintilavam extranhamente naquele ambiente de morte e sujeira!

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

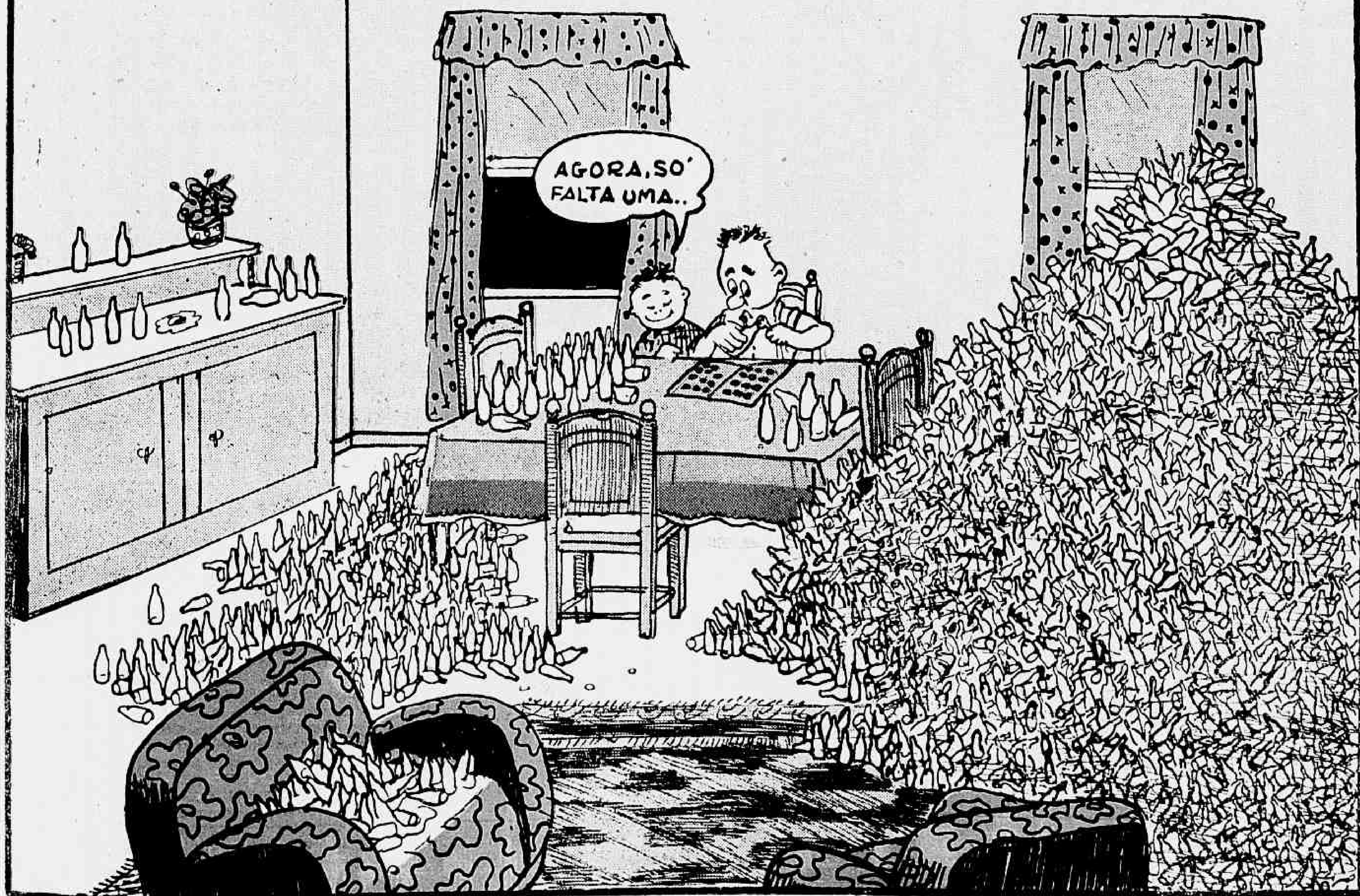
A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

ESTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE"
3 — NOVA MANIA—TAMPINHAS DE GARRAFA





ASSIM falava a encantadora Mary, com sua beleza radiosa. E sua titia quarentona, enfrentava essa ardorosa discutidora de casamentos e lhe perguntava:

— Mas, querida, como poderás saber que serás a única no coração desse homem?

— Como a senhora o soube?

Essa pergunta lhe retira da face a côr natural, tornando-a lívida.

— Quem te disse?

— Mamãe. Um dia em que lhe perguntei por que motivo a titia jamais se casara. Isso não a incomoda, pois não?

Tia Isabelle move com a cabeça, negativamente.



— Não, e vê tu, minha filha, aceitei tôda a solidão e tôda a dependência antes que fôsse desleal para com aquêle que me havia dado aquilo que eu também lhe havia dado. Foi numa noite aí nesse velho jardim. Eu estava em visita à tua mãe, e êle conversava comigo. O jardim estava cheio de flores e inundado de luar. Estavamos sentados perto à fonte, ouvindo o suave ruido da água a cair. Foi quando êle me disse: ""Isabelle, o menino de bronze te envia beijos. Veja como êle parece estar a sorrir". Eu, então, lhe respondi: ""Eu não quero outros beijos senão os seus". E foi esta a última vez. No dia seguinte, êle foi morto num acidente, quando caiu do cavalo ao vir ver-me.

Tia Isabelle fez ligeira pausa, continuando: Com o choque, caí doente. Muito doente. Parecia que minha cabeça estava ôca; e, um dia, quando me sentei perto da fonte, recordando os dias passados, notei que o ruido da água não chegava aos meus ouvidos. Comecei a perceber que estava sem a audição. E assim começou a minha surdez: vozes que me pareciam muito distantes; eu não podia dizer se o vento agitava os galhos das árvores, senão vendo o movimento dos ramos e das fôlhas; via que os pássaros cantavam, mas não lhes podia ouvir sua música".

Sua voz perdeu-se dentro do maior silêncio:

— Mas, antes que minha surdez fôsse completa, muitos outros homens se mostraram apaixonados por mim, pois que, minha beleza ficara, e Frances fêz o que lhe foi possível por mim. E vi que ela não se sentiu contente quando eu lhe declarei que jamais me casaria, Mary. E hoje eu me sinto feliz, porque dentro dêste silêncio, meu amor e eu vivemos num mundo nosso.

— Tia Isabelle querida! Como é belo, delicioso e triste!

Mary se ajoelhara diante de sua tia, um braço em volta dela e, tia Isabelle, que havia lido em seus lábios, não tinha necessidade de ouvir as suas palavras.

— Se eu fôsse forte como tu, ter-me-ia libertado da tutela de Frances e feito qualquer coisa por mim mesmo. Mas não sou forte, e, há vinte e cinco anos passados, as mulheres não reclamavam a liberdade. O que desejavam era o amor.

— Mas eu desejo que o amor me traga a liberdade. Não desejo ficar subordinada como Porter pretende que eu fique, se casar-me com êle. Êle me colocaria num pedestal e me adoraria; mas o que eu preciso é colocar-me em igualdade com meu marido, ombro a ombro, e ser uma companheira. Não quero que se ocupe muito de mim, ou que se ocupe de mim com condescencências, como sucede com Gordon diante de Constance.

— Com condescendência? Mas como? Êle a adora, Mary.

— De certo que êle a ama. E fará tudo o que for preciso por ela, mas agirá como se ela fôsse uma criança. Não a consultará, não pedirá sua opinião quando tratar-se de questões vitais. Não partilhará com ela dos cuidados sôbre os importantes negócios que lhe interessam, e ela jamais descobrirá seu belo valor feminino. Então ela será sempre uma mediocridade à medida que êle fôr tendo necessidade dela.

Tia Isabelle move a cabeça, a sorrir:

— Não entre em fundas analises, Mary. Homens e mulheres são sêres humanos, e cada um pode perder-se a si mesmo na rebusca do ideal.

— Sabe como é que Porter me chama, tia Isabelle? Mary Rebelde. Diz êle que eu jamais procede como se desejaria que eu o fizesse. Entretanto, eu ajo como devo. E' como se uma fôrça interior me guiasse.

Mary se levanta ao dizer estas palavras e alonga os braços num gesto teatral.

— Tia Isabelle, se eu fôsse um homem, teria muito o que fazer para mim mesmo neste mundo. Entretanto, aí estou eu, nesse jôgo duplo, tomando minha parte na direção da casa com Susan Jenks, e recebendo das mãos de meus ricos amigos os prazeres que posso permitir-me de aceitar sem os poder retribuir.

Tia Isabelle pede que ela se sente novamente.

— Mary Rebelde, diz ela, o que poderá aprisionar-te?

Ambas riem gostosamente e, em seguida, diz a jovem:

— E' hora de dormir, tia Isabelle. Sinto-me envergonhada por tê-la prendido tanto.

Despedem-se com beijos, e Mary se prepara para deitar-se. Retira seu gorrinho, e a cabeleira magnífica se derrama em volta. Era ainda um dos lados de sua indocilidade. Desde pequena, que, como também a Constance, haviam-na forçado a cuidar bem dos cabelos: mas, logo que começou a crescer, Mary protestava. Pegavam-lhe as madeixas, esticavam-nas como se fossem rabinhos de rato, pregavam papéizinhos e tudo faziam para que, ao amanhecer, os cabelos estivessem cacheados e muito bonitos. Mas Mary não gostava dêsses cuidados, e durante a noite desfazia todo o aparato. Certa vez, como castigo à sua indisciplina, ameaçaram cortar-lhe os cabelos, e ela, ao invés de chorar, rejubilou-se.

— Isso me faz ficar parecida com um menino, diz à sua mãe, na maior calma, e é o que me agrada.

Uma outra fantasia de criança era aquela de recitar suas orações em voz alta. E é assim que ela continua a dizê-las, como sucedeu nessa noite, quando, ajoelhada ao pé de seu leito, rezou com as mãos postas, a bela cabeça loura, os cabelos derramados aos ombros, orando em voz alta.

Em seguida, apagou a luz e abriu as cortinas. Quando ela olhou para a rua através da chuva que caía fortemente, a luz do poste revelou uma figura imóvel à entrada do terraço. Durante um momento, impressionada, ela fita com insistencia o vulto; depois volta ao quarto, veste o penoir, calçou as sandálias e abriu a porta. A lâmpada ainda estava iluminando o "hall". Barry, ao entrar sempre a apaga. Mary fica indecisa por uns instantes, mas começa a descer a escada de lado; mas para de súbito quando percebe que alguém aparece.

— Barry...

Roger Poole ergueu os olhos para ela.

— Não é o seu irmão, diz êle. Eu... devo pedir-lhe perdão por havê-la incomodado. E' que estava com insônia e saí um pouco.

Porter silencia um tanto perturbado. Vendo-se diante dela, com todo aquêle esplendor de um vestir íntimo, a cabeleira revolta em volta de seu corpo, teve a impressão de que estava em face de uma visão celeste.

Mary lhe sorriu.

— Não tem importância, diz-lhe a moça, e peço que não se desculpe. Vejo que não havia motivo para que eu me preocupasse assim. E' que eu havia esquecido de que havia outro na casa.

Ela não pôde verificar os efeitos de suas palavras. Mas Porter teve a impressão de que todo o seu ser se afundava num abísmo. Para ela, êle nada mais era do que o locatário que paga seu aluguel. Mas para êle... Deus do céu! Para êle, ela era, naquele momento, uma criatura divinal! Naquele instante ambos ouviram o ruido característico de uma porta que se fecha.

— E' Barry, diz Mary. E seu rosto se cobriu de súbito rubor. Que pensaria Barry se a encontrasse, àquela hora, em conversa com Roger? E que pensaria êle de Roger Poole, a andar pelo jardim, à noite, sob a chuva? Roger viu a confusão de Mary.

— Vou apagar a luz, diz êle, e esperar.

Por sua vez ela também esperou, na obscuridade, até que Barry entrou em seu próprio quarto. Mary, vendo que tudo se ...

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, jovem solteira, órfã, vivendo em companhia de uma tia, procura alugar um dos apartamentos de sua grande casa acastelada, na noite do casamento de sua irmã Constance, que parte em lua de mel. Sua tia Frances se espanta quando sabe que Mary havia feito isso, pois tinha intenção de mandá-la para Nice. O novo inquilino, um funcionário do govêrno, começa a sentir certa paixão por Mary, enquanto Porte Bigelow, velho amigo da família, procura convencê-la de que deve casar-se com êle. E' jovem, rico, educado, poderá fazê-la feliz. Mary resiste, e, uma noite, quando Porter tenta por todos os meios convencê-la durante um passeio de carro, já muito tarde da noite, confessa à sua outra tia, Isabelle, o seu drama íntimo, em face das insistências de Porter. No quarto de cima, o solitário Roger, o inquilino, não dorme a pensar em Mary e na felicidade que teria experimentado, se a conhecesse a mais tempo.

Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

volvera muito bem, murmurou docemente:

— Muito agradecida. — E também se foi.

Capítulo V

Desde aquela noite de sua chegada ao castelo, ainda não pudera Roger penetrar no círculo da família de Mary. Havia percebido tons de hostilidades no olhar de Barry, quando êste o olhara; e Mary, apesar de sua bondade, havia esquecido de que êle morava alí. Era assim mesmo. Os de casa haviam dado o tom, e êle os compreendera muito bem. Lá em cima, no seu apartamento da Tôrre, êle poderia viver sòzinho, mas, mesmo assim, não se considerar solitário. Tinha os livros, e êstes lhe permitiriam esquecer tais coisas.

Roger fêz diversos passeios pela cidade que se agitava, agora, para a estação das atividades sociais e políticas. As pessoas que haviam fugido durante o calor do verão, voltavam agora; os membros da Câmara e do Senado afluiam dos quatro pontos cardiais para as sessões do Congresso. Viam-se também chegar tôda uma população de gente ávida de empregos, grupos patéticos e pacientes à espera da promulgação de decretos que lhes permitissem reivindicações a que se julgavam com direito. Também começavam a chegar os curiosos e os turistas, tomando conta da cidade de um extremo a outro, fazendo a ascensão do Capitólio, descendo as escadarias do monumento, aventurando-se à Casa Branca, visitando o hotel "de la Monnaie". E, em honra a tôda essa gente, as grandes lojas começavam a exibir mostruários magníficos.

Roger se dirigiu para o campo. Em certos países novembro é o mês da tristeza e do frio. Mas na cidade banhada pelo Potomac, é a época em que reina a doçura das manhãs embelezadas por cerrações cor de rosa e de crepúsculos emoldurados de ametista. Se os prados são gelados, é congelamento de um brancor de pena que se funde na glória do sol da tarde. Se os arbustos se desfolham, há ainda pelo chão um tapête de ouro pálido, pois que as fôlhas esperam que os ventos do inverno as conduzam em turbilhões, como multidões de borboletas morenas em sarabanda pelos ares. Depois há o verde e o vermelho em todos os ramos, exuberantes e viçosos.

Foi num dia ensolarado de novembro, que, seguindo ao longo de Rock Creek, através do parque, chegou Roger a um velho moinho, onde se havia instalado pequeno salão de chá.

Roger sentou-se a uma das mesinhas disposto a descansar e pediu um alimento substancial, pois que a caminhada o deixara com muito apetite. Enquanto esperava ser servido, viu chegar grande automóvel com cinco pessoas. Imediatamente reconheceu Porter Bigelow, que estava acompanhado por dois senhores mais idosos e duas mulheres. A maior possuia uns olhos atrevidos, cabelos de um negro brilhante, e trajava negro, com pequeno chapéu da mesma côr, enfeitado com delicada pena recurvada. Seu "tailleur" de corte impecável e acentuava a esbeltez. Como agasalhos, peles de leopardo. Suas faces se destacavam pela maquilagem de um rosa vivo sob violeta. A outra, mais jovem, também de tez morena, de pequena estatura, assemelhava-se a um passarinho. Dos pés à cabeça ela trajava rosa escuro, do mantô ao vestido, tudo nela refletia a côr rosea sombria.

Mas foi essa jovem que Roger fixa seus olhos, com tôda a atenção. Onde a tinha visto antes? Êles procuraram uma mesa pròxima à sua, e passaram todos muito perto de Roger. Porter não os reconheceu. O homem de alta estatura e com um velho capote e chapéu mole, não podia ser aquêle a quem Porter vira na sala de janatr de Mary.

— Todo mundo confunde nossos nomes, Porter, — diz a moça tôda côr de rosa, sentando-se. — Já na escola os alunos confundiam, não é verdade, Lilah?

— E' verdade.

A mulher de negro não precisava servir-se de palavras, porquanto seus olhos falavam por ela.

— Podia-se dizer a "grande Lilah" e a "pequena Leila?" — Pergunta Porter.

— Não!

Os olhos sombrios por sôbre o agasalho de leopardo, tornaram-se imensos ao fixarem o rapaz.

— Era, "Leila querida" e "terrível Lilah". Geralmente eu os desnorteava, como você sabe.

Os três homens se puseram a rir.

— Que fazia você para tanto? — Pergunta Porter inclinando-se um pouco para a frente.

Todos os homens se inclinavam sempre para Delilah Jeliffe. Ela os atraia, mesmo quando os repelia.

— Eu fumava cigarros, por exemplo, — diz ela — o que todo mundo faz hoje; mas, àquele tempo, era um ato que exigia heroismo na mulher.

A moça de côr de rosa intervem com veemência:

— Penso que, ainda hoje, é horrível, Lilah, — diz ela.

Lilah sorri e faz um gesto de indiferença com os ombros.

— Mas não foi o pior. Um dia eu me deixei levar...

Todos os dois homens mais idosos e o jovem a escutavam atentamente, o mesmo fazendo o que estava sentado à outra mesa.

— Deixei-me enlear com um rapaz estudante de preparatórios. Tinha êle dezenove anos, e eu dois de menos. E partimos ao clarão do luar no carro de Romeu. Divertimo-nos como dois loucos. Mas o padre não nos quis casar. Penso que o sacerdote julgou que não passávamos de dois escolares fugidos das aulas. Ralhou conosco e nos mandou para trás num táxi.

O senhor velho e magro protestou:

— Mas, minha querida!

— Oh! você não o soube, papai querido! — Diz ela. Consegui voltar para casa antes que descobrissem minha fuga, pela mesma porta que eu havia aberto para fugir. Mas não resisti ao desejo de contar aos outros. Era tão divertido vê-los impressionados!

— E o que sucedeu ao seu Romeu? — Perguntou Porter.

— Encontrou uma outra Julieta, uma adorável pequena loura, e viveram felizes naqueles tempos.

Os olhos de Leila estavam cintilantes.

— Mas eu não vejo...

— Mas, de certo que você não vê, menina. Para mim tudo isso não foi mais do que uma aventura ao longo de um caminho. Para você, deveria ter sido um amofinante desgosto.

Estas palavras chegaram nítidas aos ouvidos de Roger. Era então isto que significava o amor para certas mulheres: uma aventura ao longo do caminho. Um homem serviria aos seus prazeres até que surgisse um outro no decurso da viagem.

Lilah estimulava seu auditório:

— E agora quer saber por que eu era "a terrível Lilah?" Justifico muito bem o nome que me deram, não é mesmo?

A pergunta era dirigida a Porter, e êste respondeu:

— São as mulheres que dão o primeiro passo, diz. Se elas se arriscam, nós nos aproveitamos; se acenam, nós as seguimos.

O general Dick intervem. No halo de seus cabelos brancos, com aquêle rosto corado, sua fisionomia tinha o ar de um querubim indignado.

— A maneira por que vocês, os jovens, tratam das coisas mais sérias, é espantosa.

Depois êle sentiu a pequenina mão de sua filha que se punha sôbre seu braço.

— Lilah está sempre disposta a dizer coisas em que não pensou antes, papai. Eu peço que não a levemos a sério.

— Ninguém me leva a sério, diz Lilah, e é por isso que ninguém sabe, ao certo, o que sou, verdadeiramente.

— Eu te conheço, diz seu pai; és como uma pequena poldrinha que eu domestiquei na fazenda: quando eu a deixava fazer o que lhe vinha à cabeça, ela era deliciosa; mas, quando eu procurava dominá-la, ela se tornava irreverente.

Todos riram com a comparação. Depois, quando o chá foi servido com grande prato de torradas, a conversação diminuiu e perdeu qualquer interêsse. Entretanto, a atenção do homem sentado à mesa vizinha foi novamente despertada, quando Lilah disse a Porter ao terminar o repasto:

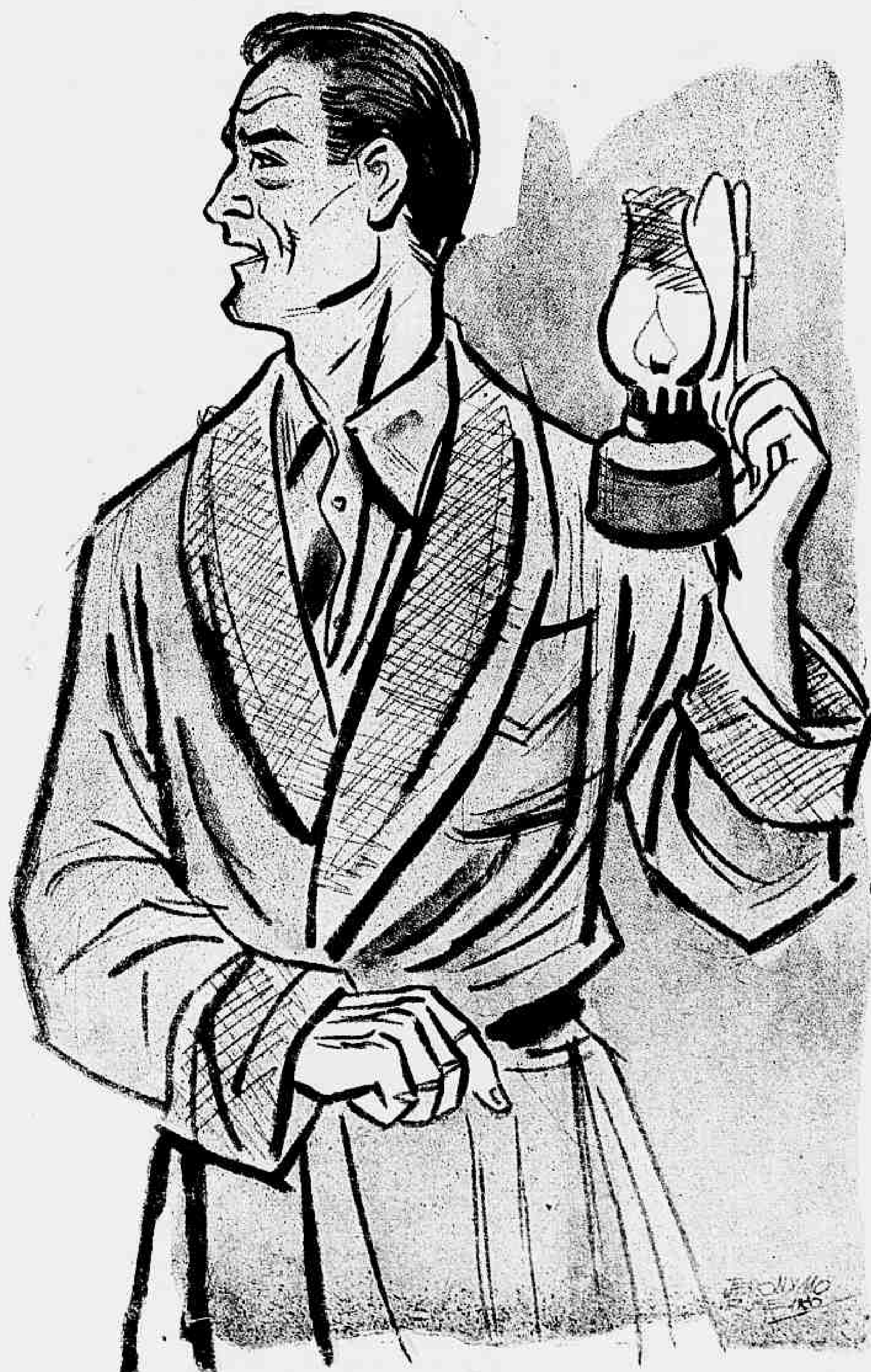
— Fomos convidados para passar o "Dia de Graças" em casa de Mary Ballard. Você estará lá, sem dúvida, não?

— Com efeito os meus pais devem partir para o sul, e eu poderei faltar à festa de família.

— Mary Ballard é encantadora.

Isso foi pronunciado em tom intencional, com um bater característico de cilios. Mas Porter não respondeu, e, quando se colocou por detrás da cadeira da moça, um vivo rubor lhe invadiu as faces já coradas. O nome de Mary êle o conservava no coração; raramente lhe vinha aos lábios.

(*Continua no próximo número*)



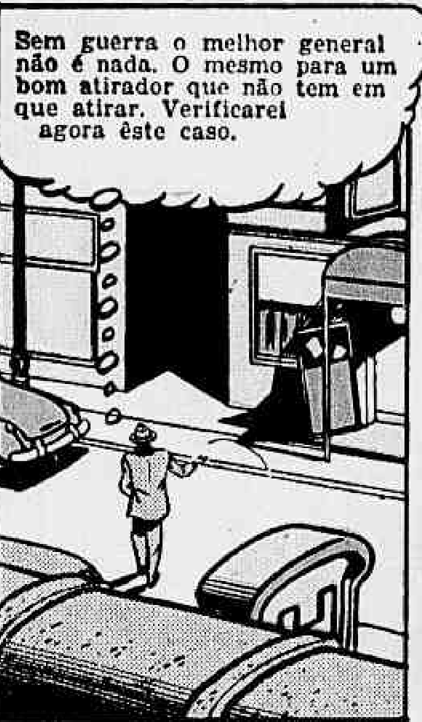
Tradução de RENATO de ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO

A VOLTA DE "BUGS" COONAN

































"A VOLTA DE ATTLEE AO PODER TERIA POR EFEITO ENFRAQUECER A UNIDADE E A CONFIANÇA QUE DEVEM AUMENTAR ENTRE A GRÃ-BRETANHA E OS [EST]ADOS UNIDOS. PREJUDICARIA A POSSIBILIDADE PARA A GRÃ-BRETANHA DE INFLUIR NO CURSO DA POLÍTICA NORTE-AMERICANA. TENHO A CERTEZA!"

E CHURCHILL VOLTOU!

QUARENTA e oito horas antes das eleições, Winston Churchill discursava: ...ua poderá ser pior para a Grã Bretanha ...ara a paz mundial do que a volta de Attlee ... poder. Ela só poderia ter por efeito en...quecer a unidade e a confiança que devem ...mentar entre a Grã Bretanha e os Estados ...idos. Prejudicaria consideravelmente a pos...ilidade para a Grã Bretanha de influir no ...so da política norte-americana. Não he...o em dizer que uma situação dessa espé... seria prejudicial às crescentes esperan... de se chegar a um acôrdo prático com a ...ião Soviética graças a negociações basea... na fôrça paciente e no entendimento en... os povos livres.

...espondendo ás acusações feitas contra êle ...ser um provocador de guerras, continuou: ... uma acusação feroz e ingrata. E' contrá... à verdade. Se continuo, agora, na vida ...blica é porque, bem ou mal, mas em todo ...caso sinceramente, acredito que possa dar uma contribuição importante para evitar a terceira guerra mundial. Isso será o coroamento da minha carreira".

Disse, depois, que "a terceira guerra mundial não poderá estourar a não ser que o govêrno soviético, calculando suas possibilidades de vitória e superstimando-as, desfeche contra nós uma violenta agressão. E' por isso que tenho confiança no futuro: Se eu fôsse comissário soviético no Kremlin e se considerasse a situação dêsse ponto de vista, penso que teria maior tendência por uma conversação amistosa com os chefes do mundo livre para ver se poderá coexistir em paz".

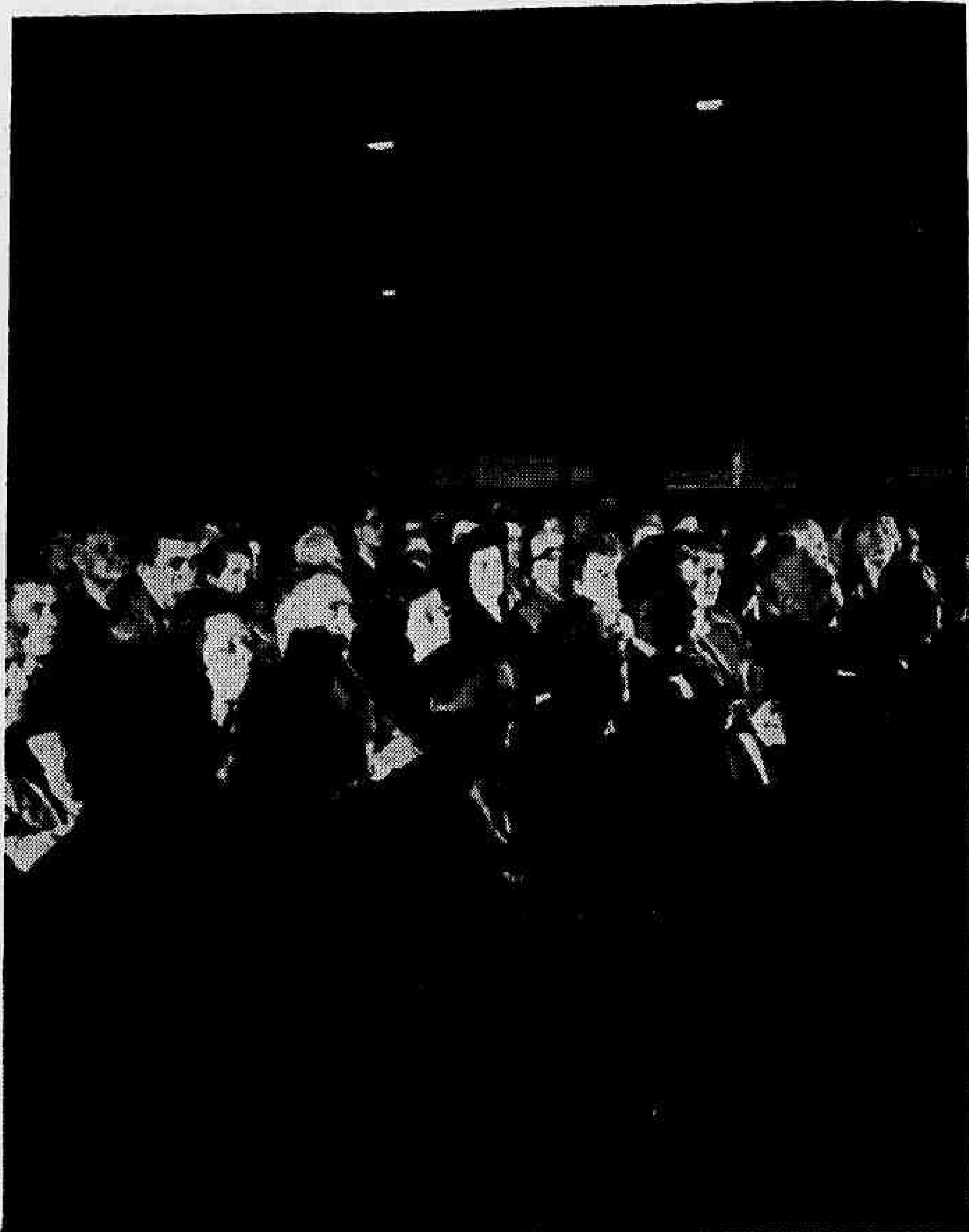
Depois recordou que apoiava a "tardia política de firmeza adotada pelo govêrno no Egito", acrescentando: "Estou certo de que se ha seis meses atrás, apenas, a Grã Bretanha, os Estados Unidos, a França e a Turquia tivessem aplicado uma política comum no que concerne ao Irã, Iraque, Egito e Síria, nenhuma das dificuldades presentes e até agora não resolvidas teria se levantado. Sem que se trate de uma guerra mundial para as nações livres, John Bull não teria sofrido perdas inúteis nem sofreria tais humilhações. Devemos abordar os problemas mundiais e as questões internas sob novo ângulo" — terminou.

★

A vitória de Winston Churcill repercutiu no mundo inteiro como acontecimento de mais alto significado político no ano corrente. Também no Brasil essa repercussão se fêz sentir. E aqui estão os primeiros flagrantes que a REVISTA DA SEMANA, com absoluta exclusividade, oferece aos seus leitores. São, alguns, tirados quando ainda Winston Churchill se entregava à sua intensa campanha, excursionando em companhia da espôsa, e outros feitos no momento exato em que se conhecia o resultado das urnas e quando, logo em seguida, o herói de "sangue, suor e lágrimas" voltava a ter contacto com seu povo, agora novamente como chefe de gabinete.



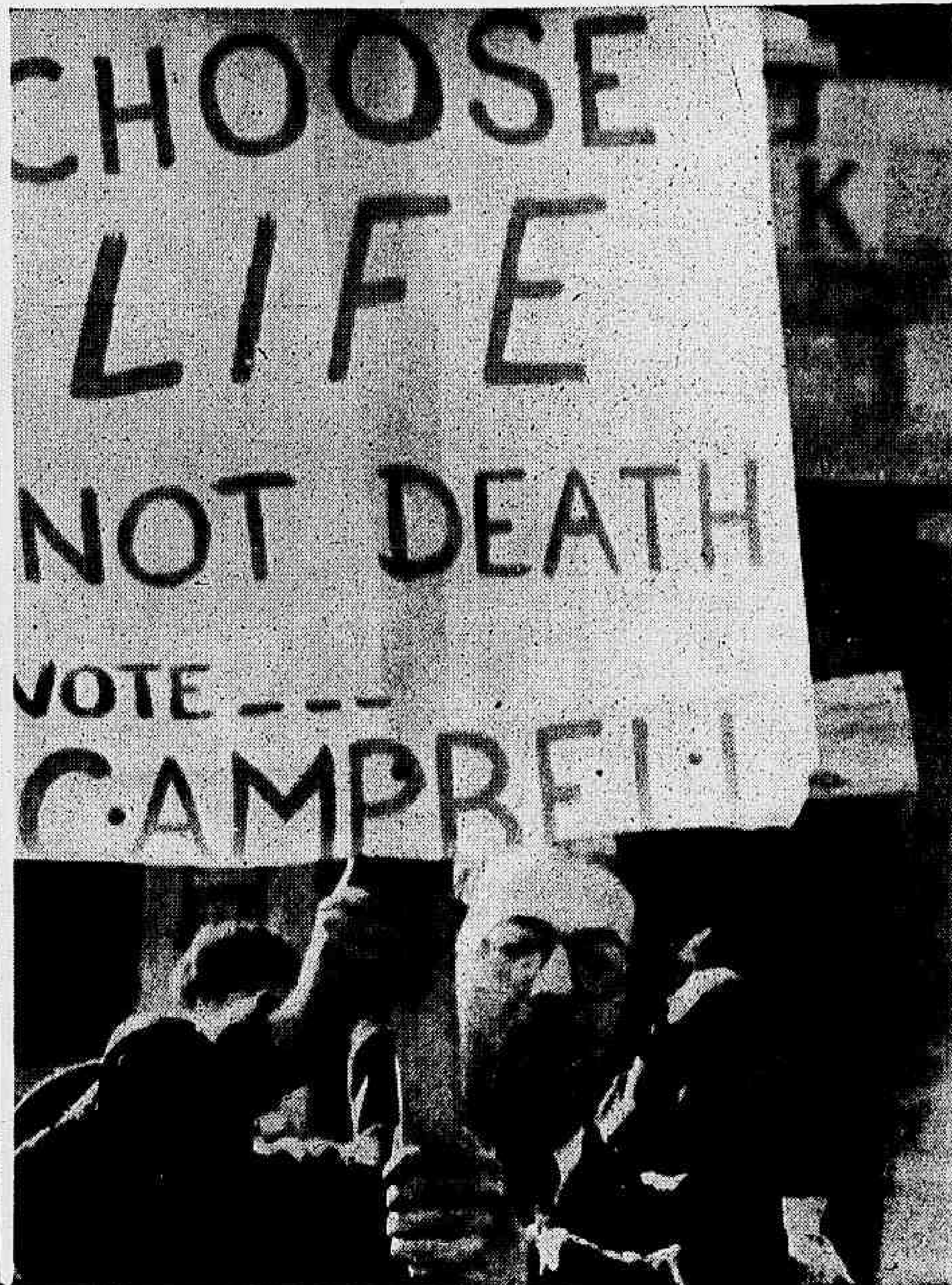
EM COMPANHIA DA ESPÔSA, WINSTON CHURCHILL EMPREENDEU A SUA RÁPIDA E EFICIENTÍSSIMA CAMPANHA ELEITORAL ATRAVÉS DA INGLATERRA. NA FOTO ACIMA OS VEMOS NA SEDE DO "WORKING MAN'S CLUB".



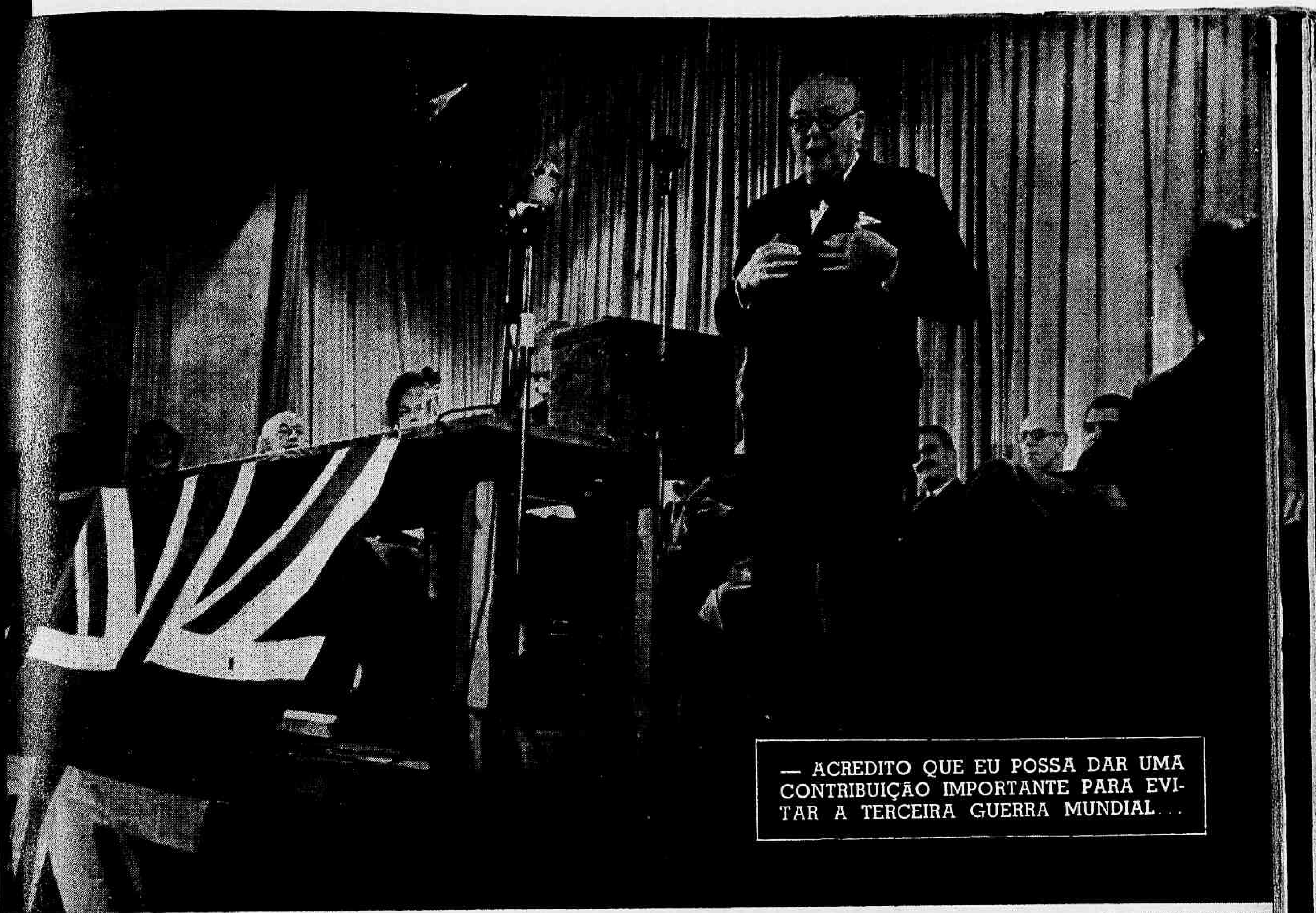
HOMENS E MULHERES DA GRÃ-BRETANHA QUE CONHECERAM OS HORRORES E MISÉRIAS DE UMA GUERRA E NÃO QUEREM TRAVAR RELAÇÕES COM OUTRA, DEPOSITAM O MELHOR DE SUA CONFIANÇA EM CHURCHILL.



AS RESPONSABILIDADES DE WINSTON CHURCHILL VOLTANDO AO PODER, SÃO AS MAIORES QUE JÁ CAÍRAM SÔBRE OS OMBROS DE UM HOMEM, NA ATUALIDADE. MAS O POVO INGLÊS TEM NOÇÃO DO VALOR DO VOTO



ÊSTE, CERTAMENTE, NÃO VOTOU EM CHURCHILL, MAS EM CAMPBELL. E PERCORREU AS RUAS DA CAPITAL BRITÂNICA, DE TABULETA EM PUNHO, COM SOLENES PROTESTOS CONTRA O CANDIDATO VITORIOSO NO PLEITO



— ACREDITO QUE EU POSSA DAR UMA CONTRIBUIÇÃO IMPORTANTE PARA EVITAR A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL...



O RÁDIO VAI DIVULGANDO OS RESULTADOS DA APURAÇÃO ENQUANTO CHURCHILL PERMANECE DE OUVIDO ATENTO!

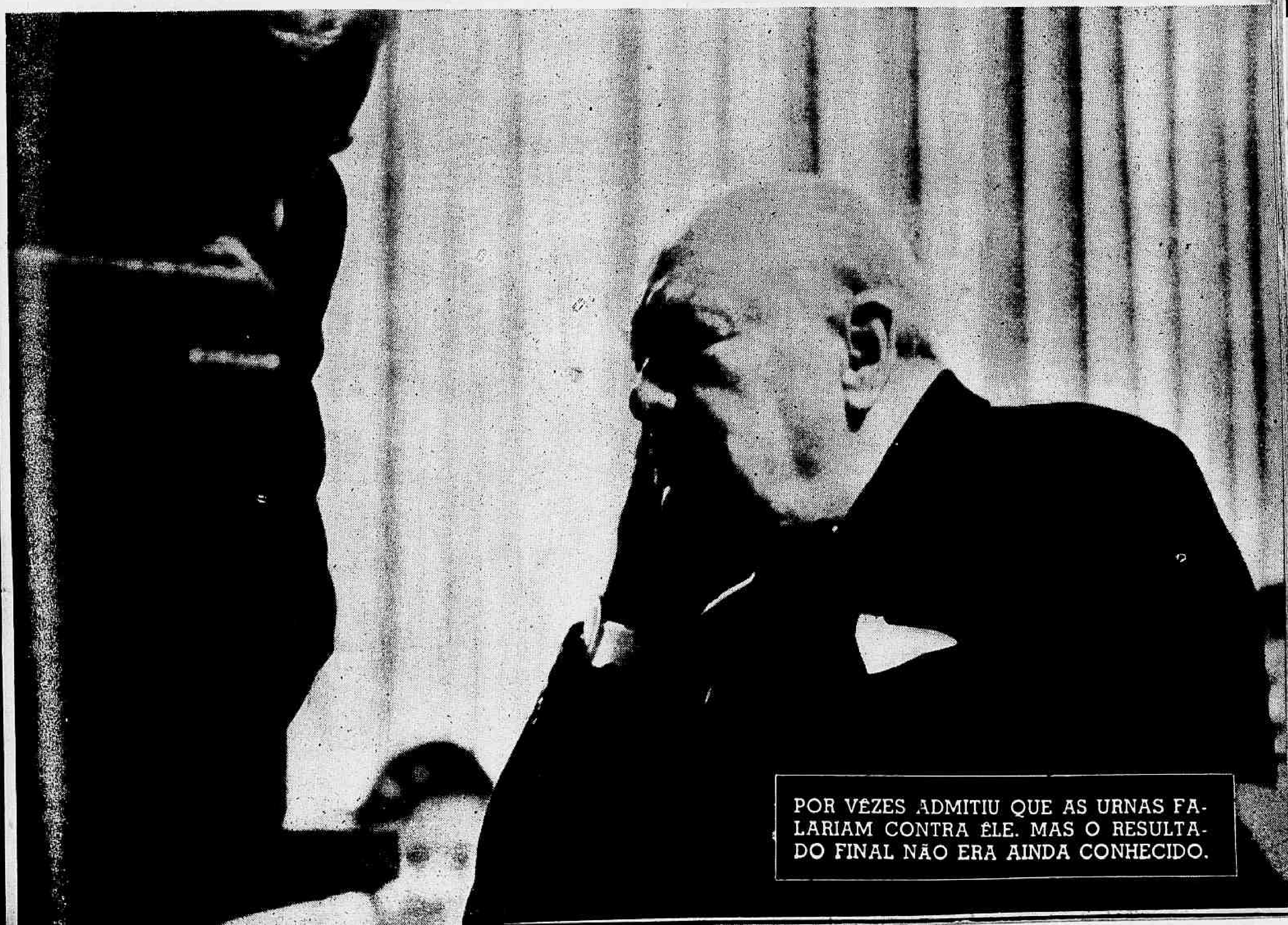
A INGLATERRA DISSE: SIM!

— SE EU FÔSSE COMISSÁRIO SOVIÉTICO NO KREMLIN E SE CONSIDERASSE A SITUAÇÃO DÊSSE PONTO DE VISTA...

E AGORA O RESULTADO? VENCIDO? VENCEDOR? A SERENIDADE DO GRANDE LÍDER INGLÊS NÃO DEIXA TRANSPARECER!



...TERIA UMA CONVERSAÇÃO AMISTOSA COM OS CHEFES DO MUNDO LIVRE PARA VER SE PODERÁ COEXISTIR A PAZ!



POR VÊZES ADMITIU QUE AS URNAS FALARIAM CONTRA ÊLE. MAS O RESULTADO FINAL NÃO ERA AINDA CONHECIDO.

CHURCHILL VOLTOU

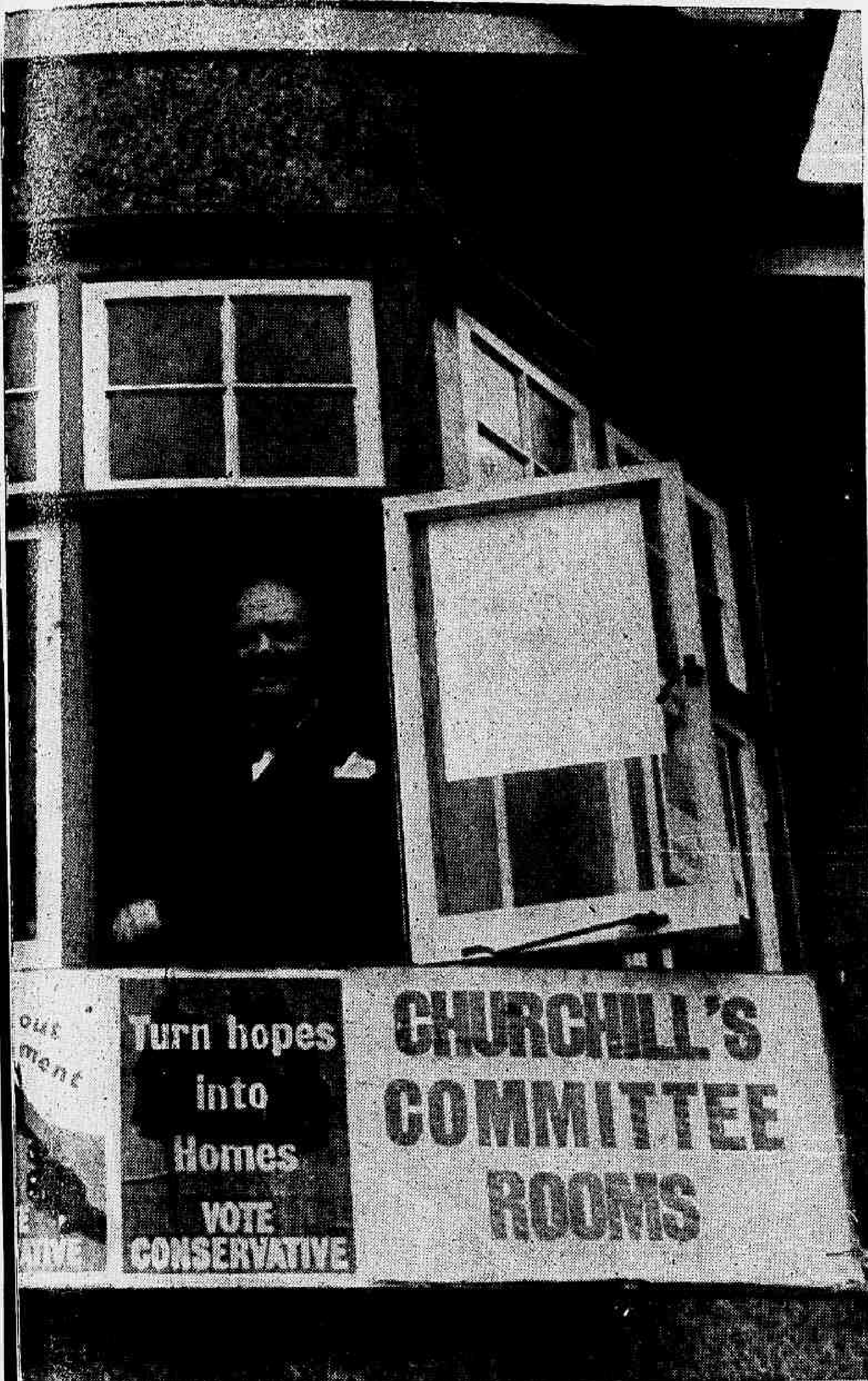
UM GIRO PELAS REDONDEZAS DA CIDADE E MAIS UM CHARUTO PARA DISTRAIR O ESPÍRITO. NÃO ADIANTA SOFRER. LÁ FORA O ESPERAM OS CAÇADORES DE AUTÓGRAFOS, TAL COMO SE VÊ EM HOLLYWOOD...



FINALMENTE O RESULTADO! A FÉ INQUEBRANTÁVEL DO POVO BRITÂNICO NO SEU CHEFE HERÓICO DOS DIAS MAIS TRÁGICOS DA GRANDE GUERRA NÃO FALHOU! PELO PAÍS INTEIRO CIRCULAM AS NOTÍCIAS: CHUR-



O SEU PRIMEIRO CHARUTO DEPOIS DE CONHECIDA A VITÓRIA E O SEU PRIMEIRO PASSEIO SOB AS ACLAMAÇÕES DO POVO LONDRINO. MELHORES DIAS ESTÃO RESERVADOS PARA A INGLATERRA E PARA O MUNDO!



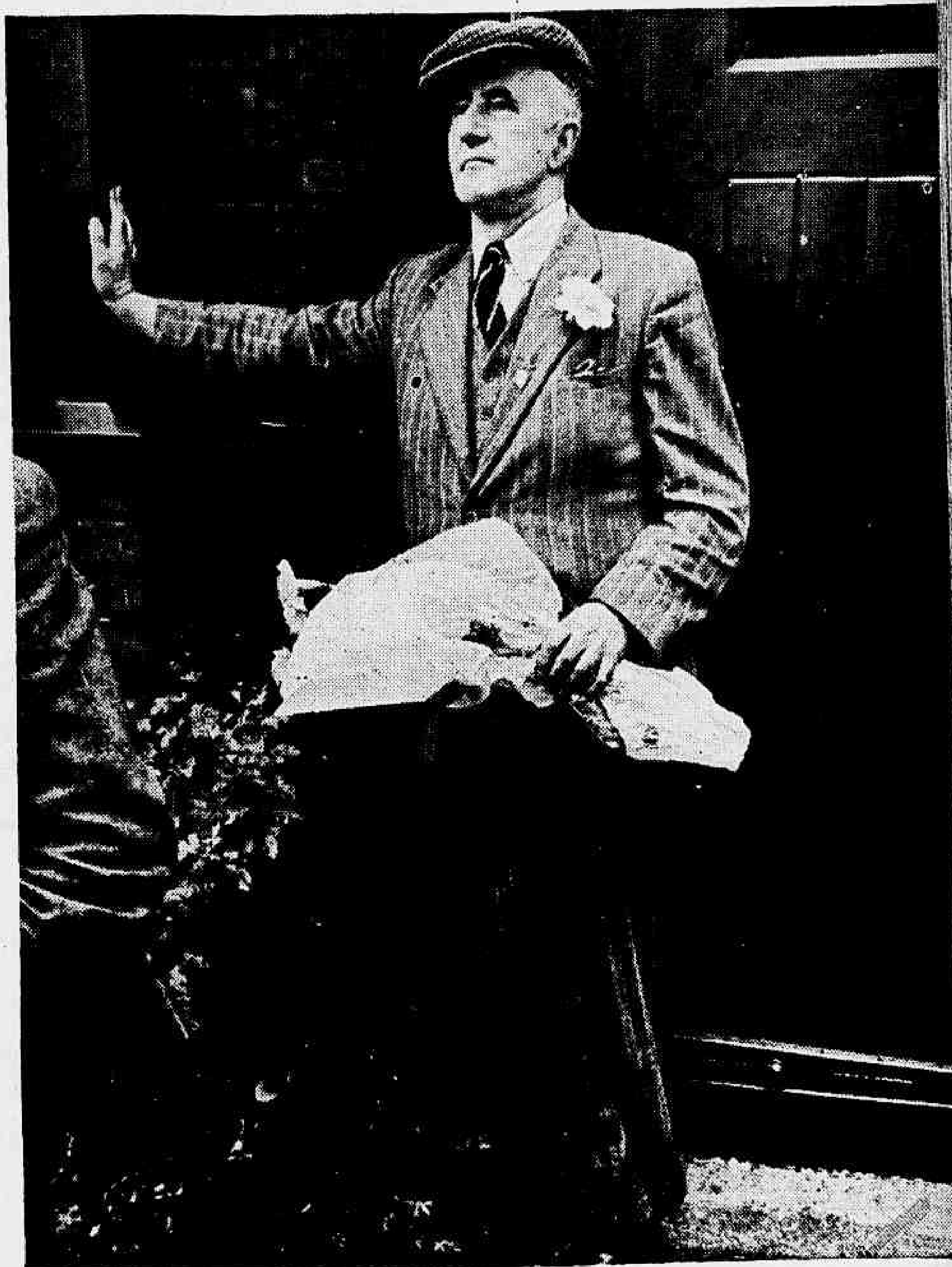
CHILL VENCEU! CHURCHILL VOLTOU! — PORQUE O INGLÊS DISSE "SIM" QUANDO CHURCHILL O CONSULTOU. E A ESPÔSA ESTÁ FELIZ TAMBÉM! AGORA, O CIDADÃO BRITÂNICO VOLTA A CONFIAR NO FUTURO E NA PAZ.



AS MULHERES QUEREM SER AS PRIMEIRAS A ABRAÇAR O NOVO "PREMIER", AS MESMAS MULHERES QUE SOFRERAM OS HORRORES DA "BLITZKRIEG" EM 1939, CONFIADAS NUM DESTINO MAIOR PORQUE ÊLE VOLTOU!



NA FISIONOMIA DE TODOS SE ESTAMPAM SORRISOS DE CONFIANÇA; E AS MULHERES, DESILUDIDAS COM A EXPERIÊNCIA DE CLEMENT ATTLEE, ESPERAM QUE CHURCHILL SABERÁ CONTORNAR O MAIOR PERIGO.



ÊLE MADRUGOU NAS IMEDIAÇÕES DA RESIDÊNCIA DE WINSTON CHURCHILL, COM UM CRAVO NA LAPELA E MUITOS OUTROS NA MÃO. TINHA ABSOLUTA CERTEZA DA VITÓRIA, E QUIS SER O PRIMEIRO A SAUDÁ-LO...



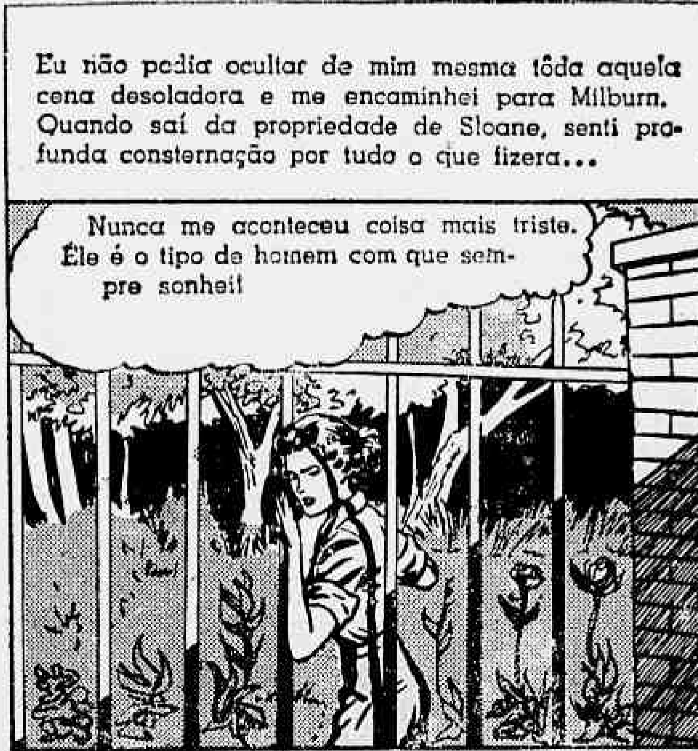
AIR FRANCE

é a chave de novos horizontes...

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549

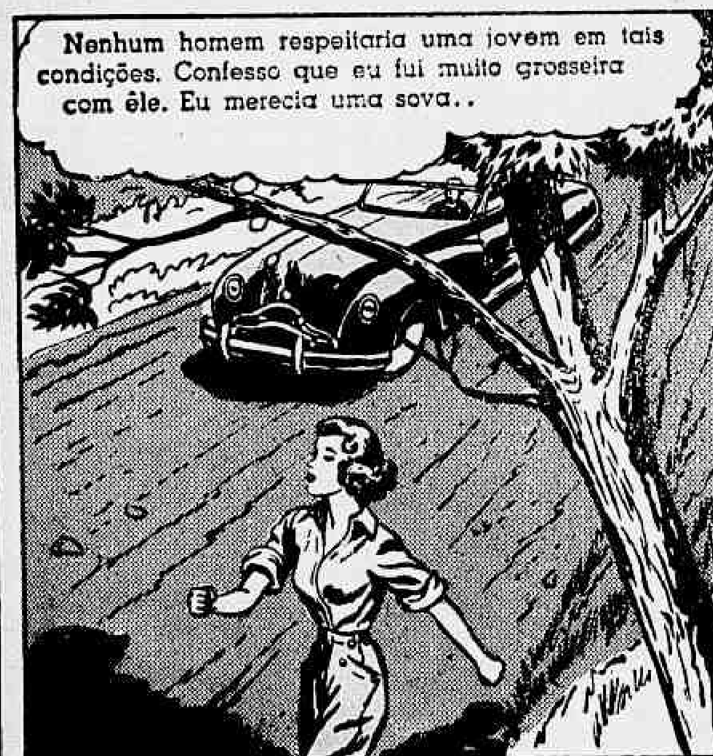
UMA PEQUENA SELVAGEM

























MODELINHOS



AVIZINHA-SE o Natal e o guarda-roupa dos príncipes da família deve ser inteiramente renovado. E' tradicional entrar o Ano Novo de roupa nova, e aqui estão algumas tentadoras sugestões para mamãe utilizar. Ramon desenhou, com o seu proverbial bom gôsto, êsses modelinhos para os seus herdeiros. Veja como são de simples confecção, como devem ficar ainda mais graciosos dentro dêles os seus filhinhos. Desde os menores, de três a quatro anos, até à garôta com pretenções a moça, todos encontram nesta página o que vestir. E há também um figurino de impecáveis linhas para a irmã mais velha, todos com os respectivos detalhes da parte trazeira. São próprios para a praia, podem ser usados quando a família vai para a montanha. Feitos em tecidos leves, condizentes com o verão que aí está, resultam de admirável efeito. Damos, assim, neste número, uma folga aos modelos para madames, afim de atender aos apelos que nos chegavam, destinados à garotada de casa. E no próximo número, e nos seguintes, Ramon continuará contemplando mamães, titia e as irmãs adultas, com outras sugestões, sempre obedecendo ao princípio elementar que nos diz ser a elegância, amiga inseparável da simplicidade. Ainda mais quando se trata de bem vestir a mulher ou a criança.



HORAS VAZIAS

BRENO entrara do trabalho, suado, carregado de cansaço:

— Ande, Alma, prepare o meu banho depressa.

E, naquele seu jeito abrutalhado, descalçava os sapatos, ia largando a roupa pelo chão. Ela atrás, recomendando que tivesse cuidado, a casa estava arrumada, tudo em ordem. Êle soltou um palavrão. E logo:

— Prá que você está aí, se não é prá isso?

Reagiu:

— Mas é preciso que você saiba que não sou sua escrava.

Êle riu atrevido:

— É? Então por que não experimenta sair de casa?

— Que faria se eu fizesse isso?

Não escutou a resposta, porque logo Betânia corria a pendurar-se nela, quase arrancando-lhe a saia do vestido:

— Mamãe! Mamãe! Cláudio qué me batê!

Cláudio surgiu vermelho de raiva:

— Ela tomou o chocalho do Rodriguinho. Essa má! Essa pestinha!

Ralhou com o mais velho e foi acalmar o chôro do pequeno, sentadinho no berço. Foi quando bateram à porta e Cláudio, despachadinho, veio trazer-lhe o telegrama:

— É prá você, mãe. O homem disse.

As mãos tremeram-lhe. Abriu a mêdo, e leu: "Amanhã aí. Vovô". Seu coração exultou. Agora sim, ia ter uns tempos de paz e sossêgo. Breno, diante do sôgro, costumava esconder a verdadeira personalidade, e ela passava mais descansada com os bons tratos da farsa do marido.

No entanto, a vinda de seu pai veio trazer outra solução para o seu drama: facilitou-lhe tomar uma decisão definitiva.

Foi uns dias depois, na varanda, após o jantar. Acabara mesmo de acomodar os filhos e voltava, acendendo luzes pelo caminho, quando Breno a surpreendeu com aquelas palavras:

— Veja, Alma, seu pai quer levar os meninos por alguns tempos. Você não acha razoável? Afinal, o apartamento é apertado, você quase não tem tempo de sair à rua com os coitadinhos, vivem presos...

Olhou para o pai. E o velho tentou convencê-la:

— Você descansaria também, minha filha. Essa vida de cidade grande, nesses apertos, esfalfa a gente. Ainda mais você, tão dedicada a seus filhos e ao seu lar...

De esguelha, notou o sorriso disfarçado do marido. Sentiu naquele instante tudo o que êle pensava realmente de sua dedicação, o pouco valor que dava aos seus trabalhos e aos seus cuidados. "Você não está fazendo mais do que a sua obrigação! São essas as atribuições de tôda mulher que casa" — costumava alegar êle. No entanto, jamais se lembrava de dar a ela um consôlo, uma palavra de ternura, um carinho. Sempre rude, realista, naquele seu materialismo grosseiro. Talvez que, incitada por êsse pensamento, qualquer coisa se definiu dentro dela. Jamais lograra afastar-se dos filhos, jamais admitira a possibilidade de uma separação prolongada das crianças. E naquele curto espaço de um segundo, tôdas as suas lutas vieram à tona, e então compreendeu, pelo risozinho cínico de Breno, qual a atitude a tomar. Respondeu, numa determinação inesperada para ambos:

— Pois sim, seja. Será para o bem dêles, tenho certeza.

E, deixando pender os braços ao longo do corpo num desalento que nada mais devia ser do que prenúncio dos acontecimentos subseqüentes:

— Eu também preciso descansar. Estou realmente muito esgotada.

E as crianças foram com o avô...

Lembrava-se agora o quanto sofrera com a separação. O que a consolara um pouco, fôra a certeza de que lá fora, no seu lugarejo distante que abandonara ao casar, os filhos estariam bem cuidados nas mãos da avó e de um punhado de tias e de parentes. Assim, passados alguns dias, estava conformada. Sua vida foi então muito diferente. O tempo, antes escasso, sobrava, e ela às vêzes, ficava indecisa sem saber como empregá-lo. Antes, imaginava tanta coisa para fazer fora do seu círculo rotineiro e, no entanto, depois, encontrava-se diàriamente diante de tantas horas vazias. Foi então que começou a outra parte de sua história: passou a sair mais de casa, tôdas as tardes inventava compras na cidade, não tanto para empregar o tempo, como pelo prazer de sentir-se sôlta, de ter sensação de liberdade. Numa dessas saídas, encontrou a velha amiga dos tempos de solteira. E Vânia lhe disse:

— Ah, querida! Você nem sabe como estou bem aqui no Rio. Tenho um empregão, o que ganho dá para viver folgadamente e ainda mandar uma mesada lá prá casa, no interior...

Notou que, realmente, Vânia estava bem disposta e muito elegante. Perguntou-lhe:

— Você ainda não pensou em casar?

— Casar?

E ela riu-se, divertida:

— Nada disso, querida. Deus me livre de perder a minha liberdade...

E logo, amiga e prestativa:

— Você quer? Eu lhe arranjo uma colocação.

— E meus filhos?

— Ora, com o que ganhar, você poderá pagar perfeitamente uma boa ama.

E o veneno estava lançado em sua alma:

Agora pensava em tudo, no turbilhão que fôra a sua vida, nas lutas que tivera de enfrentar para apaziguar o marido, constantemente exaltado e queixoso do seu desleixo:

— Você devia ficar mais em casa. Êsse negócio de trabalhar fora só dá confusão. A casa vive numa bagunça doida...

Então, conhecendo-lhe o ponto fraco, ela respondia calmamente:

— Pois é. Mas no fim do mês você bem que gosta.

E êle serenava por uns dias. Logo voltava com as queixas, os palavrões, os maus tratos.

— E as crianças? Quando é que você resolve mandar buscá-las?

— Assim que eu arranjar uma boa ama.

— Que ama, coisa nenhuma! Você vai mais é parar com êsse trabalho. Chega. As coisas precisam voltar à anterior situação.

Foi então que relembrou a vida que levava, antes de encontrar Vânia, e começou a apavorar-se. Em realidade, não pretendia escrever tão cedo para que lhe trouxessem os filhos. Intimamente, estava satisfeita com o fato de ter encontrado um derivativo, um motivo para espairecer da rotina do lar. Até se sentia mais paciente para enfrentar a cólera de Breno. E êle, parece que, notando o seu bom-humor, o seu aspecto repousado, e, pressentindo a causa que determinara aquela transformação favorável, mostrava-se desagradado com o seu bem-estar. E foi daí que resultou tôda a tragédia.

★

Chegara chorando ao emprêgo. Vânia viera consolá-la:

— Querida, não chore assim... Conte o que se passa com você. Tenho notado que há algo errado na sua vida.

E ela contou. Abriu o coração, narrou tôda a sua infelicidade ao pé de um homem rude como Breno. E Vânia, para distraí-la, começou a introduzi-la em rodas alegres, fazendo-a ingressar no seu círculo social.

E o fim foi inevitável. Quando viu, estava decidindo o rompimento com Breno. Após uma discussão acalorada, numa tarde de sábado, Alma apanhou a roupa e afastou-se de casa. Conquistara a própria indepen-

(Cont. na pág. 46)



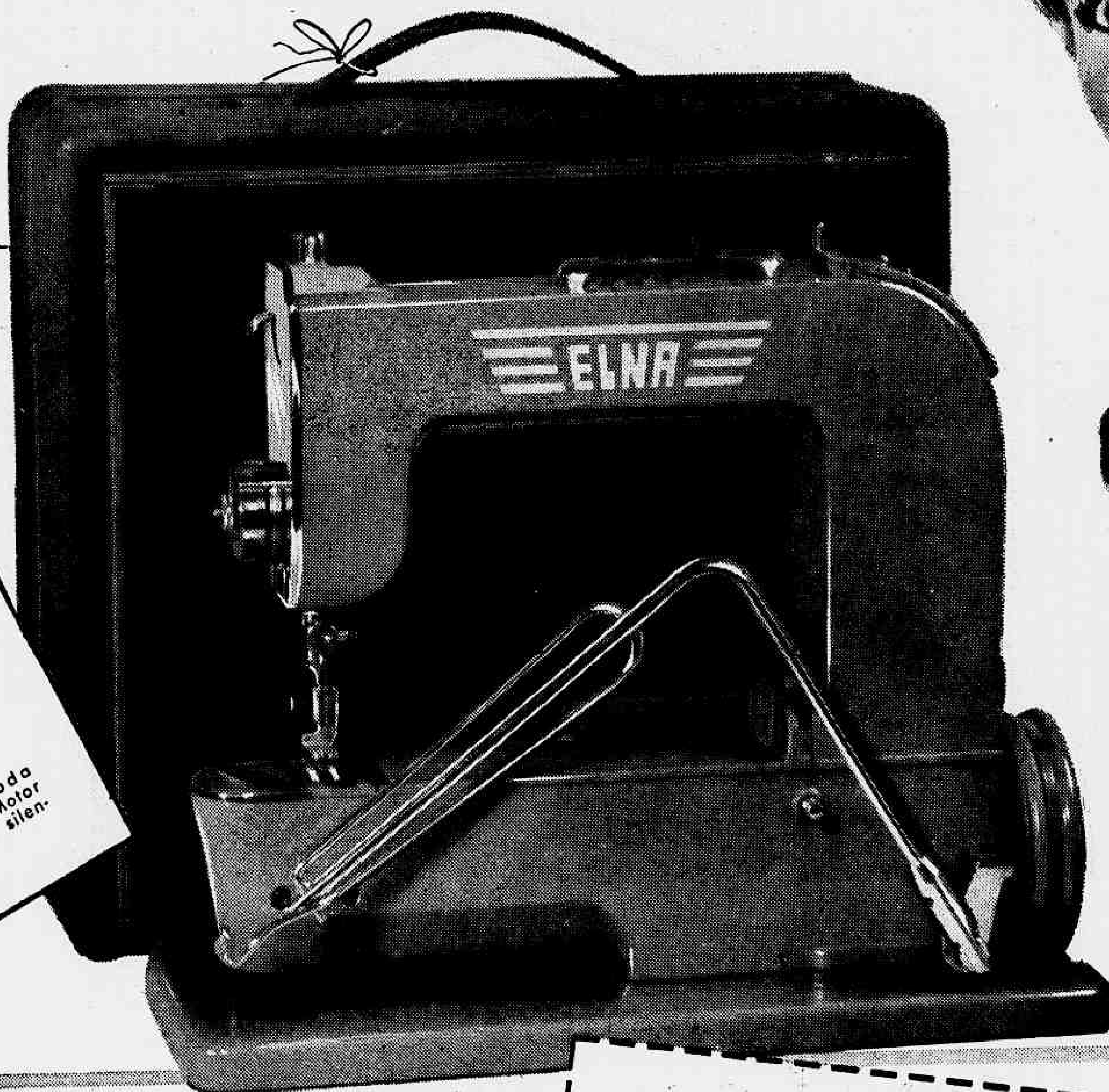
Conto de LOIVA LEIRIA BORBA
Ilustração de AMILDE PEDROSA

esta é a sua Oportunidade!

Durante um periodo especial, as máquinas ELNA serão vendidas **sem entrada inicial**, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.

ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL.



COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo	Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte	Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre	Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife	Rua da Concordia, 143
Curitiba	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos	Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador	Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome:..............................

Endereço:..............................

Cidade:.............................. Tel.:..............

Estado:..............................

RS2. 24





Noites Elegantes

PARA um "cock-tail", um jantar elegante, uma recepção ou um baile, devem ser escolhidos modelos mais apurados onde a elegância das linhas combinem harmoniosamente com a originalidade do modêlo, constituindo, assim, uma afirmação patente do bom gôsto de quem o traja. Nesta escolhida coleção estão apresentadas algumas sugestões, que representam os últimos caprichos da moda atual. Nesta página, em cima, à esquerda, temos um maravilhoso modêlo para jantar onde o tafetá e a renda combinam-se numa audaciosa criação; à direita, desta vez é para o "cock-tail" o modêlo exibido, confeccionado em tafetá vermelho apresenta um amplo decote, terminando em original drapeado no busto. Na página ao lado: quatro suntuosos modelos para noite onde a organza, o setim brocado, o "tule", e o organdi, apresentam-se em maravilhosas e elegantes criações, quatro magníficos modelos dos mais afamados costureiros de Paris.









"Sem dúvida... Kolynos embeleza!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por famosas universidades norte-americanas e européias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Que susto!... O dentista disse-me que os milhões de bactérias que temos na boca podem destruir os dentes...*



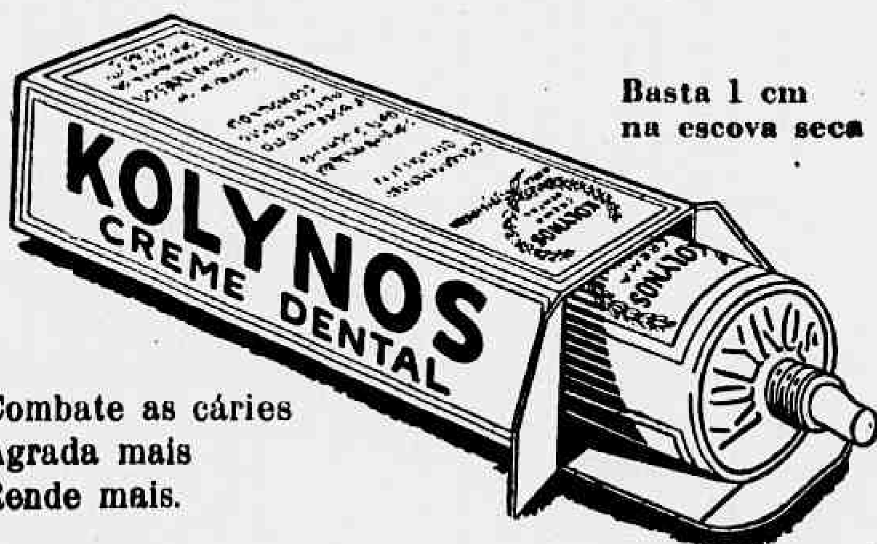
2. *...porque essas bactérias produzem ácidos capazes de atacar o esmalte dos dentes e causar as cáries... as dolorosas cáries!*



3. *Mas... aqui vem Kolynos!... O Creme Dental Kolynos, com sua espuma penetrante, destroi as bactérias que produzem esses ácidos, causadores das cáries.*



4. *E Kolynos, que nos protege contra as cáries, clareia os dentes, refresca o hálito, torna o sorriso encantador... Sim, Kolynos embeleza.*



Basta 1 cm na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-405-P



WEEK-END

Môlho para macarronada nhoque ou ravioli:



TOMA-SE um pêso de vaca ou vitela, bem magro, tempera-se com alho e um pouco de vinagre: leva-se ao fogo numa panela com gordura ou azeite, junta-se a carne e deixa-se refogar até que ela fique corada de todos os lados. Feito isto, juntam-se duas cebolas partidinhas, uma colher de manteiga, meio quilo de tomates, um pedaço de linguiça se houver, 1 fôlha de louro, todos os cheiros verdes, uma colher de massa de tomates, e água que cubra bem a carne. Assim que ferver, deixa-se cozinhar em fogo brando, juntando-se mais água se fôr preciso, até que a carne fique mole. Quando o môlho estiver pronto, junta-se uma colherinha de açúcar, retiram-se os cheiros verdes e se quiser também pode-se coar o môlho que está pronto para se empregar.

FRANGO AO FORNO

Limpa-se e prepara-se um frango grande e bem novo, deixando-se de vinha d'alho durante algumas horas para tomar bem o tempêro. Coloca-se depois o frango em uma assadeira, regando-o com um pouco de azeite, manteiga e um pouco de môlho. Deixa-se dourar no forno e então espreme-se por cima o suco de 1 limão. Polvilha-se com pó de rôsca um pouco mais de manteiga e deixa-se assar em forno regular. Em separado, faz-se uma massa com ½ kg de batatas cozidas, e prèviamente passadas na máquina ou espremedor. Juntam-se 2 gemas, 2 colheres de queijo ralado, sal e a pimenta. Fazem-se bolinhas pequeninas recheando-as com presunto ou toucinho defumado. Passam-se as bolinhas em ôvo batido, farinha de rôsca e fritam-se em azeite, servindo-se ao redor do frango assado.

BALDEZINHOS DE CAMARÃO

Faz-se uma massa com 250 gr de farinha, 1 ôvo inteiro, sal, uma colherinha de fermento e 2 colheres de vinho do Pôrto. Arruma-se em forminhas altas, enche-se com recheio e com talos de salsa fazem-se as alças dos baldezinhos, que se enfeitam com ôvo cortado e uma folhinha de salsa.

CONCHAS DE ARROZ COM BANANAS

Faça um arroz comum. Cozinhe os miúdos dos frangos no caldo, parta aos pedacinhos, deite num môlho de tomates, misture ao arroz, junte 3 gemas, encha com isto conchinhas de porcelana, deixe ficar um pouco abauladas. Polvilhe com queijo, regue com manteiga derretida e leve ao forno por uns instantes. Tome 6 bananas, corte-as em rodelas de 1 cm, passe em farinha de trigo e frite-as na manteiga pura ou misturada com banha. Retire as conchas de arroz do forno e arrume as rodelas de banana por cima em forma de coroa. Pode substituir os miúdos por um frango.

MASSA PARA RAVIOLI:

AMASSAM-SE 500 grs. de farinha de trigo com seis ovos, uma colher de parmezão, ralado, sal e água fria até que a massa tome boa consistência. Deixa-se descansar um pouco e depois, tomando-se pequenos bocados dessa massa, abrem-se êstes com o rolo, fazendo-se uma faixa fina e comprida. Sôbre essa faixa dispõe-se de distância a distância, um pouquinho do recheio que se vai empregar. Picadinho de carne com presunto, ou de galinha, ou um refogado bem batido de espinafre com manteiga ou simplesmente paté de presunto, sendo êste último o recheio mais empregado por ser o mais fácil, de modo a deixar uma beirada que se dobra sôbre o recheio. Cortam-se os raviolis, com o auxílio da bôca de um cálice, quase junto do recheio e apertam-se bem as beiradas para que não se abram ao cozinhar. Prontos todos os raviolis, cozinham-se em água fervendo, temperada de sal. Escorrem-se como se faz com o macarrão e arrumam-se os raviolis numa travessa, cobrindo-se as diversas camadas com um môlho para macarronada e polvilhando-se com parmezão ralado. Leva-se a travessa por alguns minutos ao forno quente.

NA COZINHA

TORTINHAS DE REQUEIJÃO

Massa de açúcar, 750 gr de requeijão (rigota), 75 gr de açúcar, 3 ovos, 2 colheres de nata, 1 colher-de-sopa de farinha de trigo.

Estende-se a massa com o rôlo na grossura de 2 cm e cortam-se rodelas que servem para forrar as forminhas. Espalha-se sôbre o fundo qualquer geléia de maçãs, uva, marmelos, enche-se com requeijão passado na peneira e misturado com os ovos, açúcar, farinha e a nata. Levam-se ao forno regular e, depois de frias, polvilham-se com açúcar.

PUDIM DE BAUNILHA

TOMA-SE 100 grs. de açúcar, 100 grs. de farinha, 100 grs. de manteiga, o conteúdo de uma fava de baunilha, 3/10 de litro de leite, 6 ovos. Derrete-se a manteiga numa caçarola, mistura-se a farinha, o açúcar, a baunilha, o leite e deixa-se ferver tudo. Depois de frio, juntam-se as gemas e as claras bem batidas. Derretem-se 3 colheres de sopa de açúcar em uma pequena frigideira, mexendo-se sempre, adicionam-se 2 colheres de sopa de água, põe-se na forma quente de pudim e, virando-a, espalha-se essa calda por igual. Põe-se a massa do pudim, cozinha-se em banho-maria durante 1 e 1/2 hora, e vira-se depois de esfriar 10 minutos.

PUDIM DE MAÇÃS

8 a 10 maçãs descascadas e cortadas em quartos, 1 e meia xícaras de arroz, ½ litro de leite, sal, açúcar, manteiga e 2 claras.

Refogam-se um pouco as maçãs com o açúcar e um cálice de vinho branco. Põe-se em uma vasilha de porcelana que possa ir ao forno, cozinha-se o arroz, bem lavado e sêco, com leite, açúcar, sal, e manteiga e espalha-se sôbre as maçãs.

Batem-se bem as claras, mistura-se com 4 colheres de açúcar e enfeita-se o pudim usando-se para isso, o saquinho de lançar ou o cartucho de papel.

Pulveriza-se de açúcar e leva-se ao forno médio por uns 20 minutos.

PÃO DE MEL COM CHOCOLATE

500 gr de amêndoas raladas, com casca, 500 gr de açúcar, 100 gr de chocolate ralado, 5 gramas de canela, a casca ralada de 1 limão.

Com as amêndoas e o açúcar, o chocolate e um pouco de água, cozinha-se um mingau que deve soltar-se da caçarola. Juntam-se os outros temperos e leva-se mais uma vez ao fogo, mexendo-se sempre, até formar uma massa flexível. Adiciona-se, depois, um pouco de farinha de trigo, estende-se sôbre uma tábua polvilhada e corta-se em quadradinhos iguais. Pincelam-se com clara de ovos, polvilha-se com açúcar e leva-se ao forno regular em assadeira untada.

LEITE FRIO COM MORANGOS

1½ litros de leite e açúcar, 750 gr de morangos. Limpam-se e lavam-se bem os morangos, misturam-se com açúcar e deixam-se no leite bem frio. Pode-se ferver primeiro o leite e misturá-lo aos morangos depois de bem frio.

GELEIA DE FLORES DE LARANJEIRA

10 flores de laranjeiras, 1 litro de vinho branco, caldo de 1 limão e de 1 laranja, 300 grs. de açúcar, 20 fôlhas de gelatina, 2 claras.

Deitam-se as flores com o vinho e a gelatina amolecida, misturam-se as claras batidas, deixa-se cozinhar, coa-se por um pano, despeja-se em fôrma molhada e deixa-se gelar.



CASA PEDRO



Pelica vermelha com aplicações de palha. Uma sensação da atual temporada. Criação especial da CASA PEDRO.

URUGUAIANA, 11 — 1.º and. — RIO

Para o interior sòmente contra cheque ou vale postal. Peçam catálogos.

O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?

É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

*

Reservas e informações: Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional

TRANSPORTES AÉREOS

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

TENTATIVA INÚTIL PARA SER RETIRADA DA POLÍTICA A QUESTÃO DA PALESTINA E AO MESMO TEMPO MANTENDO-SE RELAÇÕES AMISTOSAS COM A ARÁBIA PARA A GARANTIA DOS ESTADOS UNIDOS

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

13. A QUESTÃO DA PALESTINA

O interesse de Forrestal pela questão da Palestina revelou-se quando êle compreendeu a valiosa significação do Oriente Médio e foi a fase da sua vida pública que mais debates provocou. Foi logo após a vitória dos Republicanos nas eleições legislativas, em 1946, que Forrestal teve a idéia de retirar a questão da Palestina da batalha partidária americana, não obstante as complicações decorrentes da atitude. Todavia, em 1947, a questão estava mais emaranhada do que nunca na política interna, conforme vemos abaixo.

4 de setembro de 1947 — Almôço do Secretariado

TERMINADO o almôço, Hannegan, Diretor Geral dos Correios, propos que o Presidente fizesse uma declaração sôbre a política na Palestina, referindo-se especialmente à entrada dos 150,000 judeus naquele país. Disse que não era sua intenção forçar uma decisão qualquer, mas que desejava apenas mostrar que uma declaração neste sentido tinha grande influência e repercussão no meio judáico, quando se tratava de angariar fundos para a Comissão Democrática Nacional e, em seguida, frisou que no ano passado foram obtidas grandes importâncias por parte de contribuintes judeus, ùnicamente por causa da atitude do Presidente para com a Palestina... Eu então ponderei que na eleição de Nova Iórque, do ano passado, a declaração do Presidente sôbre a Palestina não conseguiu o efeito esperado. Alguém mais disse que o Presidente foi influenciado na sua declaração pelo Rabino Abba Hillel Silver, que não é Democrata nem amigo de Truman, e o resulatdo foi que os inglêses ficaram muito aborrecidos com a declaração.

FORRESTAL RESOLVE TRATAR DO ASSUNTO

29 de setembro de 1947 — Almôço do Secretáriado

"PERGUNTEI ao Presidente se não havia possibilidade em se retirar a questão da Palestina da política e respondeu-me que seria interessante fazer-se uma experiência, embora êle não tivesse muita fé no assuto. Anderson perguntou-me qual seria a minha atitude se estivesse do lado dos judeus e respondi-lhe que ouviria pacientemente a repercussão do caso quanto à segurança dos Estados Unidos, caso notasse qualquer perigo deixaria o assunto à matroca entre as duas partes, procurando levá-lo para uma base nacional e de interêsse mútuo".

Forrestal inicia a campanha com o senador J. Howard McGrath, presidente do Partido Nacional Democrata.

26 de novembro de 1947 — Almôço com o Senador McGrath

"EU disse a McGrath que na minha opinião a questão da Palestina era das mais importantes na política internacional americana e já que estavamos falando em tirar da política interna os assuntos estrangeiros, a questão palestina com tôdas as suas ramificações dentro do pais, deveria ser a primeira a ser estudada. Que esta questão é semelhante à questão irlandesa do Eire, ha quarenta anos, e que ambas nada tinham a ver com a política americana". McGrath respondeu dizendo que compreendia muito bem a seriedade da situação.

A QUESTÃO E A CAMPANHA DE FUNDOS

FORRESTAL faz deduções sôbre diversos pontos depois da conversa que teve com McGrath. Em primeiro lugar as maiores contribuições feitas à Comissão Nacional democrática foram feitas por judeus e muitas delas "com o propósito único de algum dia exporem seus pontos de vista e que os mesmo sejam sèriamente considerados quando se tratar de certas questões como a da Palestina". Havia receio entre os judeus de que os Estados Unidos não estivessem agindo de acôrdo na solicitação de votos a favor da Palestina na Assembléia Geral das Nações Unidas. Sôbre êste ponto, Forrestal fêz uma objeção dizendo que "era isso justamente que o Departamento do Estado queria evitar e que já suportamos demais as paixões partidárias. Angariar votos e aliciar adeptos tornam ainda mais difícil a séria desagregação da boa vontade árabe". McGrath disse que "além disto os judeus ficam na expectativa do que os Estados Unidos tudo farão para dar uma solução ao caso por meio de votos na O. N. U. ainda mesmo contra a vontade".

A Assembléia geral votou pela partilha, territorial, em 29 de novembro, conforme desejo da comunidade judáica.

1º de dezembro de 1947 — Almôço do Secretariado

AO findar a semana, Lovett, sub-secretário do Estado, referiu-se ao resultado das atividades das Nações Unidas na questão da Palestina e disse que nunca sentiu tanta insistência como ha três dias, principalmente na quinta de manhã e terminando no sábado à noite. Entre os que o importunarem encontrava-se Herbert Bayard Swope e Robert Nathan... A **"The Firestone Tire and Rubber Company"** que tem uma concessão na Liberia informou ter recebido um telegrama pedindo transmitir uma mensagem ao seu representante na Liberia dando-lhe instruções no sentido de fazer pressão junto ao govêrno liberiano para que vote a favor da partilha. A dedicação e a atividade dos judeus foram tão grandes que quase os prejudicaram nos objetivos que tinham em vista.

3 de dezembro de 1947 — Almôço com Byrnes

PERGUNTEI a Byrnes o que êle achava sôbre a possibilidade de um acôrdo entre os chefes Republicanos e os Democratas, para que a questão da Palestina fôsse colocada numa base fora da politica. Êle não se mostrou muito otimista acêrca do sucesso do intento pelo fato do Rabino Silver ser partidário de Taft e êste seguí-lo na questão da Palestina-Haifa. Declarei que achava horrível e ao mesmo tempo doloroso o fato de a nossa política internacional ser regida pelas contribuições que um determinado bloco de interesseiros faz aos partidos.

A PROCURA DO APOIO REPUBLICANO

SEM atender à advertência, Forrestal foi ter com os Republicanos, fazendo uma visita ao senador Vandenberg no dia 10 de dezembro e êste apontou-lhe logo de início um obstáculo evidente — "que havia entre a maioria dos Republicanos a impressão de que o partido Democrata utilizou-se politicamente da questão da Palestina e que os Republicanos tinham o direito de imitá-lo no gesto". O próprio Vandenberg procurou fugir ao assunto mas não deixou de repetir as palavras de Stassen: — "Se os Republicanos colaborarem na política internacional, terá que ser desde a decolagem até a aterrissagem forçada". Forrestal avistou-se com o governador Dewey e achou-o ainda mais desanimado.

13 de dezembro de 1947 — Jantar com o Governador

"NO jantar realizado hoje à noite conversei com o Governador Dewey sôbre a Palestina e indaguei sôbre o debate que havia em tôrno da atividade não partidária com relação à Palestina, pois tratava-se de um assunto que no momento muito me interessava por causa da segurança da nação. O governador respondeu-me que concordava com o princípio, mas que era um assunto de solução difícil devido à inconstância dos judeus, que passou a considerar a Palestina como símbolo emotivo porque o Partido Democrático não quis submeter-se às vantagens do voto judáico. Dewey disse-me que não acredita mais em "acordos entre homens", depois da experiência que teve na campanha de 1944, quando êle e F. D. Roosevelt fizeram um acôrdo no sentido de não se referirem durante a campanha eleitoral à questão do emprêgo da fôrça pelas Nações Unidas e à participação americana na mesma. Logo depois de efetuado êsse acôrdo, continuou Dewey, F. D. Roosevelt incluiu o assunto num discurso que pronunciou em 27 de outubro perante a Associação de Política Estrangeira na cidade de Nova Iorque".

REPROVANDO F. D. ROOSEVELT JUNIOR

EM fevereiro, quando Franklin D. Roosevelt Junior apresentou-se ostentosamente como defensor de uma forte política de apoio ao Estado Nacional Judáico, Forrestal reprovou-o logo de início e asperamente.

3 de fevereiro de 1948 — Encontro com Franklin D. Roosevelt Junior

"...EU disse que estava apenas trabalhando para tirar a questão da política, isto é, procurando um acôrdo entre os dois partidos de modo que não houvesse competição entre os dois no pleito em tôrno desta questão. Roosevelt Junior disse que isso era impossível, que a nação estava muitíssimo comprometida e que o Partido Democrático, por meio de tal acôrdo, tinha mais probabilidade para a vitória do que os Republicanos. Fui obrigado a repetir o que já havia dito ao senador McGarth, em resposta a uma observação que êle fêz, que se deixarmos de acompanhar os sionistas é bem provável que percamos os Estados de Nova Iorque, Pensilvânia e Califórnia e que já era tempo de pensarmos que poderemos também perder os Estados Unidos".

Forrestal não perdeu as esperanças e persistiu. Nada conseguindo dos dois partidos, fêz um último esfôrço alistando o Departamento do Estado na campanha, mas pouco lucrou com isso. Bernard Baruch aconselhou-o mais prudência no caso, pois poderia prejudicá-lo no pôsto em que estava. O próprio Forrestal também assim pensava, pois embora as suas intenções fôssem profundamente magnanimas, o resultado seria mínimo. Seu interêsse pela Palestina nunca esmoreceu, estava sempre nos seus raciocínios lógicos e estratégicos, mas, passado o inverno, êle desistiu completamente da questão.

A crise mundial de 1948 surpreende a nação desprevenida de tropas. Wedemeyer critica a obra de Marshall na China.

II. "BRINCANDO COM FOGO"

EM janeiro de 1948 o general Eisenhower, que estava para pedir demissão do pôsto de Chefe do Estado Maior, entrou em novas cogitações acêrca da sua candidatura à presidência da República. Depois do Conselho de Guerra, no dia 22, êle mostrou a Forrestal a carta que escrevera a Leonard V. Finder, jornalista em New Hampshire, sôbre o assunto.

22 de janeiro de 1948 — Palestrando com o general Eisenhower

EISENHOWER disse que levara muito tempo redigindo a carta e que seu único receio era que os têrmos da mesma, mal interpretados, dessem motivo a uma recusa ao que êle considerava um dever em tôrno do qual sua vida se formara; que havia muitos jovens patrícios que, com razão ou não, o consideravam como um símbolo das obrigações, das oportunidades e dos deveres solicitados à mocidade americana e que estava muitissimo preocupado com a responsabilidade que isso lhe trazia. O general disse aos moços que ha um limite para qualquer concepção da obrigação humana, quando se trata de responder à chamada ao dever. Foi por isso que inclui na minha carta um parágrafo acêrca do perigo em se permitir que as considerações politicas exerçam influência sôbre a conduta e as atividades dos homens do alto comando das fôrças armadas".

Depois de ouví-lo, disse-lhe que a carta por êle escrita o colocaria numa posição de destaque na batalha eleitoral e que assim prestaria mais um grande serviço à nação. Não tenho dúvida alguma a respeito da sinceridade de Eisenhower e nem tampouco que a sua carta seja o reflexo de uma luta genuinamente moral que se trava no seu íntimo.

Disse também que não recebera auxílio algum na composição da carta e que me tinha procurado porque não conhecia ninguém mais com quem pudesse se aconselhar. Respondi-lhe que a carta, tanto no seu conteúdo como no estilo, estava ótima e não necessitava de alterações.

Eisenhower enviou a carta no dia seguinte e o efeito foi o que êle esperava.

PERIGOS QUE SURGEM EM TÔDAS AS FRENTES

NA segunda quinzena de janeiro já se começava a perceber que a nação seria compelida a fazer uma revisão nas previsões relativas aos planos militares. O país enfrentava perigos por tôda parte, na Europa, no Oriente Médio e no Extremo Oriente. O orçamento militar de 11 biliões de dólares, que parecia enorme no tempo de paz, não fornecia o suficiente para as contingências do momento. Em fevereiro, o secretário Marshall, passando em revista a gravidade da situação e fazendo um novo apêlo para o treinamento militar universal, declarou que "estamos brincando com fogo e nada temos para apagá-lo".

carência sentida referia-se na realidade às fôrças terrestres. Em 18 de fevereiro, por ocasião de uma sessão realizada ne Casa Branca, o major-general A. M. Gruenther, diretor da Junta Militar, apresentou ao Presidente um sumário da situação. O total de tôdas as fôrças era apenas de 1,374,000 contra 1,715,000, autorização feita pelo Congresso. O exército tinha sòmente 140,000 homens no Extremo Oriente, quando eram "necessários" 180,000; destes havia só, 20,000 na Coréia que podia 40,000. Na Europa havia um deficit. Quanto às unidades terrestres, organizadas nos Estados Unidos, havia duas além de um têrço de divisões desfalcadas, com menos de 47.000 ao todo e que foram logo reduzidas para 40.0004 Além de um pequeno batalhão de fuzileiros, tropa de desembarque, nada mais existia sôbre o assunto. "O general Gruenther tocou nos pontos explosivos possiveis como: Grécia, Itália, Coréia e Palestina, declarando que, se houvesse algo de anormal nas referidas zonas, as nossas reservas ficariam reduzidissimas... Salientou que se empregássemos mais de uma divisão em qualquer das ditas areas, a mobilização parcial tornar-se-ia uma necessidade".

HICKENLOOPER E LILIENTHAL

Havia ao mesmo tempo dúvidas sôbre os outros aspectos da situação da defesa.

24 de fevereiro de 1948 — Almôço. Assuntos da Comissão de Energia Atômica

PALESTRANDO com o senador Hickenlooper, êste disse que alí se encontrava para esclarecer certos receios vagos que sentia com relação à Comissão de Energia Atômica e suas atividades. Êle não via uma providência ou plano para o caso, mas que a natureza e quantidade dos discursos que Lilienthal andava fazendo, a importância que estava dando às futuras possibilidades da fôrça atômica como fonte de energia para fins industriais e outros e finalmente a sua constante referência ao contrôle da energia atômica pelo **povo**, tudo isso indicava que as providências do momento eram as seguintes: — 1) o sr. Lilienthal não podia ser dispensado, mas sim mantido no pôsto indefinidamente; 2) indicação geral da idéia de estatismo. Continuando disse que na comissão não havia mais ninguém, a não ser Lewis Strauss, conhecedor do assunto, não havendo, entretanto, dúvidas sôbre a personalidade de Robert F. Bacher, como cientista competente e também membro da CEA (Comissão de Energia Atômica). Andava preocupado pelo simples fato de não haver progresso nas pesquisas de extinção dos trabalhos em Manhatten e que o homem que dera fama ao referido serviço, isto é, o General Groves não estava mais neste campo de ação...

A CHINA AOS OLHOS DE WEDEMEYER

NO dia em que conversamos sôbre êste assunto, houve na Tchecoslovaquia um violento golpe de Estado comunista, que logo se apoderou do poder. Foi essa a primeira subversão de um govêrno livre fortemente amparado pelo Império Soviético, causando em todo o Ocidente comoção e incerteza. Forrestal poucas notas escreveu no seu diário sôbre o caso, mas a partir daquele dia seu calendário está todo anotado com marcações de encontro com altas patentes militares e diplomatas. Êle fêz um sóbrio relatório sôbre o dilema chinês.

1º de março de 1948 — O General Wedemeyer

ENCONTRO matinal com o general Wedemeyer, que voltou do Extremo Oriente para assumir o cargo de Diretor dos Planos e Operações do Estado do Exército. Pedi-lhe que me desse sua opinião sôbre a China e a nossa política atual. E' claro que êle não a considera realista e que Marshall não está enfrentando o problema porque se encontra sob a impressão de insucesso. Wedemeyer disse que por ocasião do seu primeiro encontro com Marshall, depois que êste foi nomeado embaixador, Marshall mostrou-lhe as instruções que recebera do Departamento do Estado, ditadas por John Carter Vincent e outros. A finalidade das ditas instruções era um govêrno que tivesse por base uma fusão entre o partido Kuomintang e os Comunistas. "Marshall", disse Wedemeyer, "foi por mim informado imediatamente que isso era impossível, em virtude das diferenças existentes entre os dois partidos e que a idéia de uma aliança política entre os mesmos redundaria no predomínio dos comunistas".

A tensão aumentava. O golpe da Tchecoslovaquia espalhara pelo mundo livre uma sensação de nervosismo e grande agitação. E, no dia 5 de março, foi recebido de Berlim um telegrama alarmante, enviado pelo General Clay e sob sigilo. Ha muitos meses que Clay vinha dizendo que uma guerra no momento era pouco provável, mas "nas últimas semanas decorridas tenho notado leve mudança na atitude soviética que não sei explicar, mas que me provoca o presentimento de que a guerra poderá vir repentinamente". Sem documentos comprovante, o general acrescentou que não poderia fornecer um relatório oficial sôbre o assunto, " mas meu pressentimento tem razão de ser".

No diário está o texto sem comentário e todos ficaram sabendo que o citado telegrama fôra causador de grande alarma em Washington. O serviço Secreto foi consultado para se manifestar a respeito e a informação que prestou foi de que a guerra não viria dentro de sessenta dias. O telegrama de Clay enviado em virtude dos horizontes carregados das semanas anteriores foi séria advertência para o primeiro passo do esfôrço americano na reconstrução do seu desmantelado poderio militar.

O próximo artigo "Iniciado o Rearmamento".



Henry A. Wallace, então Secretário do Comércio, ao deixar a Casa Branca, após conferenciar com o Presidente Truman sôbre os efeitos de seu discurso no Madison Square Garden.



Acheson, Patterson (Secretário da Guerra); o falecido senador Vandenberg, Forrestal (da Marinha) e senador Connally, em sessão secreta discutem a ajuda a Grécia e a Turquia.

SAÚDE DO BEBÊ

A VITAMINA DA COAGULAÇÃO

Dr. SABOIA RIBEIRO

OS males decorrentes da falta de Vitamina K na criança atingem principalmente o recém-nascido, porque decorrem de condições transmitidas pelo organismo materno durante a gestação.

A criança nasce, na situação em foco, pobre de um princípio cuja ação de presença mantém a necessária coesão entre os elementos do sangue dentro dos vasos, e a normal retração do coagulo em casos de hemorragias externas. Êste princípio é a **protrombina**, carente na gestante tôda vez que ela é portadora de uma insuficiência hepática descurada durante o seu estado.

Experiências hão já sido feitas, segundo as quais provocada uma insuficiência hepática aquêles fenomenos se verificam, mostrando assim a relação de causa e efeito, isto é, que a insuficiência hepática provocada trás as condições reveladoras da carência de protrombina, com seus efeitos. Em contraprova, sua introdução no organismo carente assera o corretivo desejado, normalizando-se o equilíbrio dos elementos figurados do sangue e seu tempo normal de coagulação.

É, pois, hoje, um dos cuidados que cercam a mulher em gestação o que diz respeito ao bom funcionamento de seu fígado, pois na hipótese contrária poderá haver uma diminuição de protrombina, que é o equivalente, no organismo humano, da Vitamina K. E constatada essa diminuição um duplo mal decorre: para ela própria, com a possibilidade de hemorragias durante o parto, e para a criança, com as diversas formas como nela se apresenta a avitaminose K.

Em suma, a origem mais ou menos remota da Avitaminose K na criança é a ausência de protrombina no sangue materno, a qual, através da placenta, lhe faltou em ordem a estimular a formação de trombocitos (o princípio cogulante do sangue). E' o que acontece, o mais das vêzes, quando existe obstrução para o escoamento do fluxo biliar, como na ictericia, e outras formas da insuficiência hepática, durante a gravidez. Há, na ictericia, retenção biliar; a bile não chega ao intestino, nessas circunstâncias, e como para que se forme a protrombina, torna-se necessário que ela passe, no intestino, por um determinado processo, isso não se dá, não havendo a estimulação da medula óssea e das células geradoras dos trombocitos nela (granulocitos e magacariocitos).

Mas, a carência de protrombina gera ainda outros males que não apenas sôbre a coagulação do sangue, mas ainda produzindo alterações nas paredes dos próprios vasos sanguineos, o que faz romper espontâneamente, quanto mais diante dos traumatismo que possam ocorrer durante o parto.

Na criança, dada essa origem materna, a avitaminose K é quase sempre de origem congenita, e se resume no caráter hemorrágico, de sede e extensão várias. Manchas, sufosões, purpuras, melenas (hemorragias intestinais), epistaxis (idem, do nariz), eis o que, na prática, se encontrará como expressão dela.

A confirmação do diagnóstico clínico depende do laboratório, que vai encontrar sempre, na avitaminose K, diminuição considerável, quase desaparecimento dos trombocitos.

Resumindo.

A insuficiência ou perturbação na formação da vitamina K na gestante retarda a retração do coágulo e alterações na estrutura dos vasos, aquela favorecendo as hemorragias e as prolongando, esta, tornando os vasos fáceis de romper, e até expontaneamente.

Os estados de obstrução no escoamento normal da biles são o mais das vêzes o responsável por êsses efeitos da mais séria gravidade, assim para a gestante como para a criança em gestação, como se vê em muitas ocasiões logo após o nascimento.

Dois estados, no recém-nascido, traduzem o deficit de vitamina k assim originado: a diatese **hemorrágica** (e certas hemorragias do umbigo estão nesse caso) e as **hemorragias intracranianas** como expressão da rotura de vasos cerebrais, mesmo em partos normais, as quais mais tarde (pois na grande maioria dos casos nada se observa no primeiro momento) vão mostrar-se já em paralisias, convulsões e até epilepsia, já no atraso com que se inaugura a marcha, já no atraso mental.

Previne-se contra os efeitos da Avitaminose K mediante injeções de vitamina, de 2 miligramas, uma semana antes do parto, e na criança, logo após o nascimento.

HORAS VAZIAS

(Cont. da pág. 38)

dência econômica, não precisava mais depender do marido. No mesmo dia escreveu aos pais relatando os fatos, e passou a morar em companhia de Vânia.

Tudo ia muito bem até que Vânia contratou casamento. Então Alma compreendeu que o interêsse da amiga se fixava noutro sentido, que ela com o tempo deveria afastar-se para dar lugar a um terceiro personagem. Assim, quando Vânia casou, e ela resolveu abandonar o apartamento da amiga, é que compreendeu que não sabia viver sòzinha. Era dessas criaturas cheias de imaginação, de sonhos, que vivem muito no seu mundo interior, e em face da realidade não sabem conduzir-se sem um apoio. Ademais, para agravar, a felicidade de Vânia, seu entusiasmo com o marido e com o novo lar, os motivos que alegara para abandonar o emprêgo, começaram a fazer muito mal a Alma. Sentiu-se abandonada, tomou-se de um sentimento absurdo, assim como se tivesse sido ludibriada por Vânia.

Nessa noite, após aquêle sonho em que se vira no doce convívio do lar, em meio dos filhos, assistindo à alegria de Breno diante das façannas do Rodriguinho, compreendeu que sentia saudade de tudo o que perdera. E, coisa estranha, não eram mais os maus tratos do marido, a sua intransigência que recordava agora. A saudade trazia-lhe as melhores cenas, os momentos de paz, de alegria, as cenas em família, o conjunto de pequenas satisfações num encadeamento festivo e ao mesmo tempo doloroso para sua alma.

Galos cantavam ao longe na madrugada que rompia, quando se deu conta da hora. Desalentada, virou a cabeça para a parede, tentando dormir outra vez. Ao lado, na mesinha de cabeceira estava a última carta da mãe falando nas crianças e comentando a rápida visita de Breno e as amargas queixas que tivera dela. Então apertou o rosto nos travesseiros e prorrompeu em soluços, chorando desesperada por todo o mal que fizera a si mesma, por sua vida destruída.

★

Quando mais tarde partiu para o trabalho, levava no coração a certeza de que não amava mais a Breno, porém sentia falta do lar, do convívio com as crianças, daquela estabilidade rotineira, sem a obrigação de enfrentar condução, comer às pressas para não perder o horário, atender às ordens de um chefe ranzinza. E pior que tudo, sentir-se apontada pelos risinhos cínicos, ostensivos ou disfarçados, pela maldade dos conhecidos, quando passava na rua sòzinha e infeliz.

E, já no ônibus, ia pensando que, apesar de tudo, não valia a pena reatar com o marido, mesmo porque nada mais seria igual. Breno jamais seria capaz de perdoar-lhe. Preferível passar as férias de fim de ano com as crianças. Verdade que iria sofrer muito, mas não havia outro jeito. Suspirou desalentada e pensou que, afinal, esta era a vida que sempre desejara viver durante o jugo do marido irrascível. Para que recomeçar tudo outra vez?

Respostas ao teste

1—Anemômetro
2—França
3—17 milhões
4—Bogotá
5—Abaré
6—Pôrto Calvo
7—Portenho
8—O que tem chifres para baixo
9—Bôca de ouro
10—Equióide
11—Guarda-jóias
12—Mau hálito
13—Refutar
14—Sinedrim
15—Condenado.



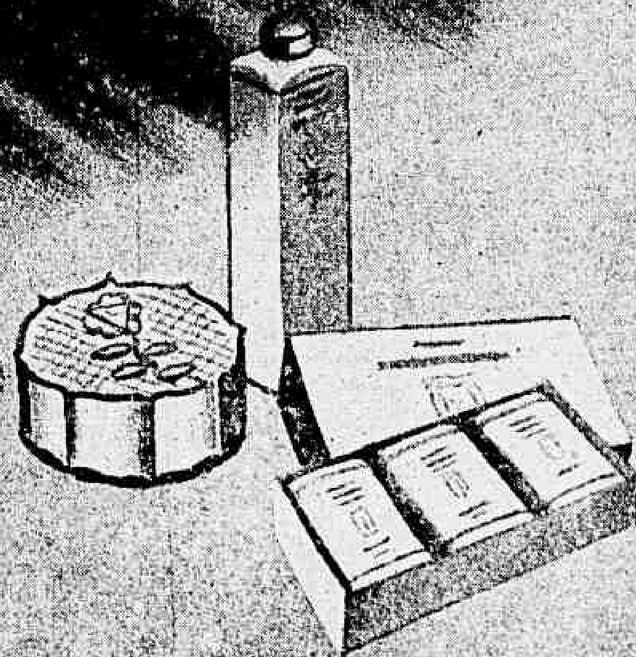
CRÈPE DE CHINE

Colônia

Água de colônia que tem o "esprit", a vivacidade e a suave sugestão de uma onda de fragrância, "tout à fait" parisiense...

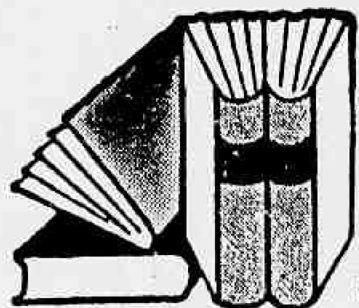


TALCO, SABONETE e PÓ DE ARROZ ...os complementos preciosos da harmonia CRÈPE DE CHINE

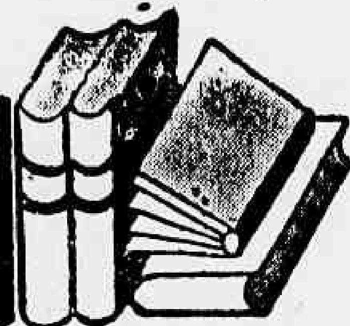


Perfumes MILLOT Importadora Ltda.

Vogo Publicidade



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



EMILIO MOURA

EMÍLIO GUIMARÃES MOURA, o poeta Emílio Moura, nasceu em Dores do Indaiá, Minas, filho de Eloi de Moura Costa e de Dona Cornélia Guimarães de Moura. Fêz os estudos primários nas cidades de Bom Despacho, Carmo da Mata e Claudio, e os secundários no "Instituto Guimarães", em Dores do Indaiá, e no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, hoje Colégio Estadual. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da U.M.G., em 1928. Dedicou-se ao jornalismo e ao magistério. Foi Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Minas Gerais e professor da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Atualmente exerce o cargo de superintendente do Departamento de Educação, da Secretaria da Educação, depois de ter sido diretor da Imprensa Oficial do Estado. Fôra um dos diretores da "A Revista", órgão dos modernistas, surgida em Minas por volta de 1924. Foi, além disso, redator do "Diário de Minas" e, posteriormente, de "A Tribuna", do "Estado de Minas" e do "Minas Gerais". Publicou "Ingenuidade", "Canto da hora Amarga", "Cancioneiro" e "Espelho e a Musa", livros de poemas, e tem no prelo Poesias Completas. E' membro da Academia Mineira de Letras.

E' um poeta de rara sensibilidade, uma das mais altas e emocionantes vozes da atual poesia brasileira.

Pomba Branca

REYNALDO BAIRÃO

Uma cabeça de negra
e um candelabro verde
de ferro batido e verde.

Um Cristo crucificado,
um centauro e um fauno
apoiados num bule de café.

Plantas e oratórios
interceptando a paisagem
através da janela fechada.

Chorem por mim,
oh sim, chorem por mim,
que há muito eu hei chorado
em vida e morte
(Egito, Babilônia, Madagascar).

(Do livro em preparo: "O Tempo do Cansaço")

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

★ EVOCANDO a figura de João Penha, escreveu Fernando de Araújo Lima curiosíssimo artigo na excelente revista «Prometeu», pgs. 239 a 245 do nº 6, volume II, dezembro de 1948, Pôrto. Assim termina: «Amado por cato, por uma carvalheira, por um salgueiro... João Penha viveu intensamente nesse mundo das coisas psicològicamente **poéticas»**.

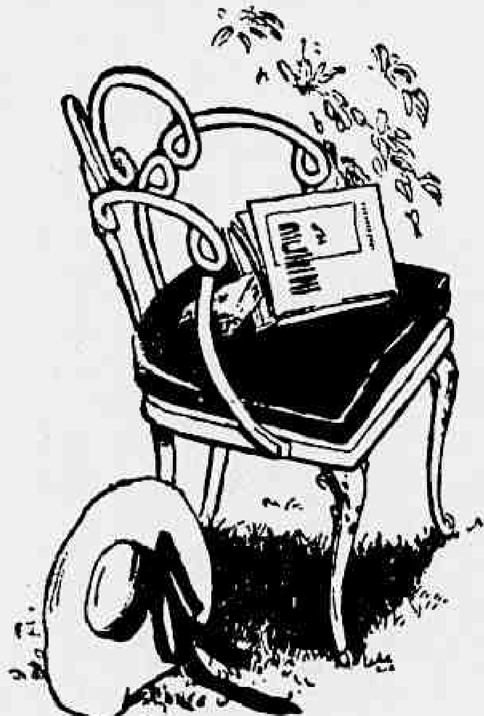
★ EXATA a observação de Hernani Cidade em «Bocage», pg. 12, Lelo & Irmão, Pôrto, 1936: «O botequim, no século XVIII, estabelece a transição entre a arcádia poética e o clube revolucionário. Cultiva ainda as Musas, com o velho ritual das ficções mitológicas, mas começa a discutir as notícias das gazetas...»

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O POETA REINALDO Bairão e o pintor Darcy Penteado foram convidados para trabalhar, com o seu Teatrinho de Bonecos Carrapato, na Televisão Paulista Tupi. Êsse programa, essencialmente infantil, é transmitido aos sábados, às 17,30 horas, de 15 em 15 dias.

O PINTOR FLÁVIO de Carvalho, por motivo da sua "vernissage", reuniu um grupo de amigos, artistas e intelectuais, no seu "atelier", à rua Barão de Itapetininga.

ENCONTRAM-SE, na capital bandeirante, os poetas Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão. O casal pretende passar umas semanas em São Paulo, talvez por causa da Bienal e das suas conseqüentes reuniões... **mundanas.**



CHEGOU, DE UMA viagem pela América do Sul, a escultora e jornalista Pola Resende. Voltou muito entusiasmada com o Peru e com a civilização dos **incas.**

EMILIANO DI CAVALCANTI está em São Paulo. O conhecido pintor, convidado especialmente para participar da Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna, será alvo de muitas homenagens, principalmente por se tratar de um precursor do modernismo, nas artes plásticas do Brasil.

PAULO MENDES de Almeida tem um livro novo, de poemas, ainda sem título definitivo.

CHEGOU A ESTA capital Mr. Eric Newton, crítico de arte do "Sunday Times", representante da Grã-Bretanha na I Bienal do Museu de Arte Moderna. O conhecido intelectual inglês promete realizar, em São Paulo, duas conferências, subordinadas aos temas: "Pintura e Escultura Contemporâneas Britânicas" e "Um estudo geral do desenvolvimento da pintura britânica".

FERNANDO FORTAREL é o nome do crítico literário do jornal paulistano "A Noite".

O CRÍTICO e poeta paulista Reinaldo Bairão realizou uma conferência, em Belo Horizonte, subordinada ao tema: "A Evolução da Música Contemporânea". Depois da palestra, houve uma audição de discos (da discoteca particular do conferencista), acompanhada de alguns comentários críticos. Foram as seguintes as peças ouvidas: "Trecho de "Boris Gudonov", de Mussórgsky; "Printemps", de Debussy; "Ebony Concêrto", de Stravinsky; "Octeto", para instrumentos de sôpro, de Stravinsky; "Suite Lyrique", de Alban Berg; Fantasia para solo de violino op. 9-A, de Alóis Hába.

A 20 DE OUTUBRO último, depois da inauguração da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o casal José Geraldo Vieira-Maria de Lourdes Teixeira reuniu um grupo de artistas e intelectuais em sua residência em Vila Mariana.

A 22 DE OUTUBRO, o poeta Ciro Pimentel completou vinte e cinco anos e foi alvo de inúmeras homenagens, por parte dos seus amigos.

ESTIVERAM, na capital bandeirante, o poeta José Paulo Moreira da Fonseca, o contista Almeida Fischer e o sr. João Condé, diretor do "Jornal de **Letras".**



O palhaço «Carrapato» e o feiticeiro «Cara de Melão», personagens do teatrinho de fantoches de Reynaldo Bairão e Darcy Penteado.

"COIVARA"



Em trabalho gráfico das edições Mantiqueira, acaba de aparecer «Coivara», do poeta Darcy Freire.

Dramática Declaração do Escritor Basílio de Magalhães

O escritor Basilio de Magalhães teve a sua época na política. Ao tempo especialmente do Govêrno Arthur Bernardes, o intelectual mineiro era um dos assíduos ocupantes da tribuna da Câmara, onde abordava, de preferência, assuntos referentes ao ensino. Caindo no ostracismo político, dedicou-se, novamente, às letras e ao magistério, até que, por limite de idade, se viu afastado, pela compulsoria, das funções que exercia. Afastado, não teve, entretanto, os proventos pecuniarios que a lei lhe garante e ei-lo, agora, em dramática declaração expondo, como abaixo se verifica, sua situação precária perante a opinião pública:

"Tendo-me dedicado principalmente à cultura desinteressada, alcançou-me a velhice na posse de escassos recursos pecuniários. Não conspurquei nenhuma das posições que desempenhei, quer na política, quer fora dela. Havendo completado 77 anos de idade, acometeu-me grave doença, precisamente quando me assoberbavam grandes responsabilidades de dinheiro. Contava eu receber, não só o restante que o Estado de São Paulo devia pagar-me, como professor, que fui, do antigo Ginásio de Campinas, mas também o que, em virtude de dispositivos legais, tem obrigação de pagar-me a Prefeitura do Distrito Federal. Favorecido pelo decreto-lei nº 8.906, de 24 de janeiro de 1946, não sei quando é que virão às minhas mãos os milhares de cruzeiros a que me dá jus o dito decreto. E, o que é de pasmar, requeri e até hoje não foi deferido o pagamento (a que tenho direito desde janeiro do corrente ano) de 10 por cento sôbre os meus proventos de professor inativo da Prefeitura do Distrito Federal, acréscimo constante da lei de 28 de novembro de 1950. A meus filhos e amigos peço divulguem pela imprensa esta declaração, para que se saiba como foi tratado quem sempre cuidou mais de servir dignamente à sua Pátria do que de acumular bens de fortuna. (ass.) Basilio de Magalhães"

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA: O TEATRO DE NELSON RODRIGUÊS

NOSSA literatura de crítica teatral é pobre. Por isso, primeiramente, espanta um pouco êste livro de A. Fonseca Pimentel. Antes de abrir o volume, começamos a pensar que se tratava de uma obra apaixonada: que estavamos para ler um requisitório moralizante, sôbre o teatro "proibido" de Nelson Rodrigues ou, então, uma obra de exagêro laudatório. Surpreendeu-nos, depois, o encontro com êste crítico de teatro que apresenta, em vez daquilo, um estudo sério, maciço, justo, sôbre o autor mais discutido da atualidade e que, segundo algumas autoridades, fincou um marco divisório em nossas letras teatrais, podendo nossa história dramática ser dividida em dois periodos: antes e depois de Nelson Rodrigues.

"O Teatro de Nelson Rodrigues" (Edições Margem, Rio — 1951) é sem dúvida uma obra de grande mérito, com ser, também, o primeiro estudo de crítica dramática, sistemática e ordenada da interpretação e da apreciação de conjunto da obra de um de nossos autores. Embora se trate, aqui, de um contemporâneo, não tem razão Fonseca Pimentel, quando parece querer eximir-se a qualquer deslize involuntário no campo da parcialidade, citando Daniel Mornet: "L'impartialité, quand il s'agit des contemporains, n'est qu'une chimère". Pelo contrário, o que releva notar no seu livro é o perfeito equilíbrio, a ausência de qualquer paixão, embora sua simpatia pela obra de Nelson Rodrigues — que plenamente se justifica — mesmo porque, se não existisse tal simpatia seria impossível existir o livro: obras como esta resultam sempre dessa base emocional — da simpatia ou da antipatia que o assunto causa ao autor".

Fonseca Pimentel inicia seu estudo, tão claro, tão bem construido, representando tão inestimável contribuição à nossa literatura crítico-dramática, situando Nelson Rodrigues no ambiente que seu desconcertante e alto teatro veiu encontrar. Examina, em seguida, a polêmica que êsse teatro determinou, polêmica extremada sempre, como é comum determinarem as obras realmente de importância. Depois, procura responder a uma série de perguntas que o autor de "Vestido de Noiva" — ponto culminante do teatro brasileiro — trouxe ao nosso exame. Qual o valor de conjunto da obra do dramaturgo, já realizada? Qual a sua significação para o futuro do teatro brasileiro? Qual o mérito relativo de cada uma de suas peças? Qual, em conseqüência, o sentido de sua evolução? Quais os traços dominantes de sua personalidade? Qual, finalmente, a relação das suas composições do gênero trágico com o teatro grego, tantas vêzes invocado a seu propósito?

A essas perguntas é que Fonseca Pimentel se propõe responder, fazendo-o admiràvelmente nas páginas dêste livro, um pronunciamento honesto e meticuloso sôbre o teatro de Nelson Rodrigues, quem se revelou em nossa literatura dramática, possuido do sentido do eterno e do novo, continuando a ser um dos mais fortes e inquietantes criadores do teatro de nosso tempo.

Edmundo Lys

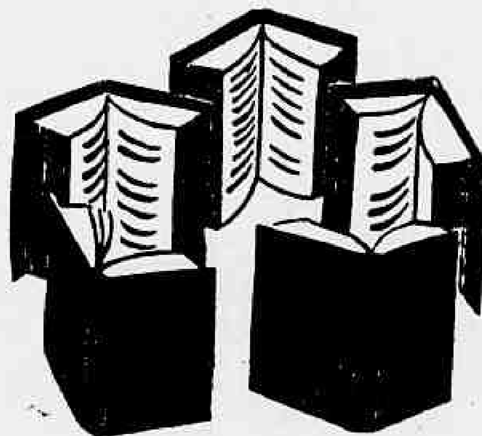
★

A ARTE DE CONFEITAR — Já em terceira edição, aparece «A Arte de Confeitar», de Maria de Lourdes Caneiro da Cunha Costa, em volume ilustrado da Editôra Minerva, muito útil para as donas de casa, contendo ensinamentos necessários à utilização dos ferros que concorrem para a perfeição do trabalho, e apresentando, além disso, novos modelos para bolos grandes e pequenos, novidades várias e sugestões modernas.

A autora conhece, de fato, «A arte de confeitar», uma arte que nossas escolas devem ensinar, para que as meninas de hoje sejam, amanhã, orientadoras do lar, modêlo para os filhos e especialmente para as filhas.

★

AVENTURAS DUM MELRO — Não, não é para a infância. Mas os adolescentes e os jovens encontrarão nas páginas de «Aventuras dum melro», aquela doce filosofia natural e orientadora, que evita muita desilusão, ao mesmo tempo que impede asperezas e intolerâncias. E' porque ensina que a vida é como é, e não como nós queremos



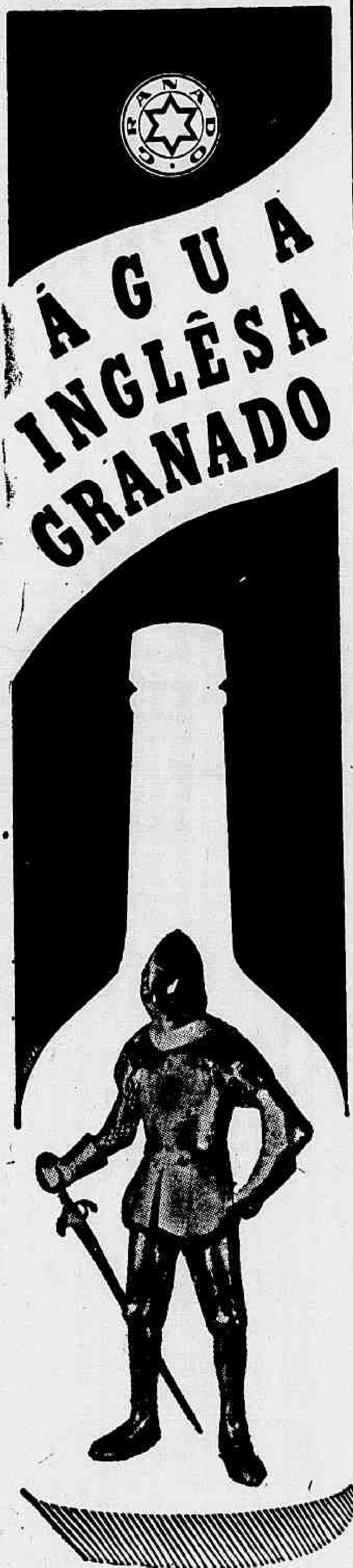
que ela seja; ao arbítrio de nosso gôsto, embora com sacrifício de outrem. De autoria de Rigiulfo, um dos ídolos da literatura juvenil européia, a presente obra das Edições Melhoramentos é tradução de Orlando Giovannetti, ilustrações de Roberto Lemmi.

★

FLAMA — De Campos, vem êste livro de poemas, «Flama», de Claudinier Martins, membro da Academia Campista de Letras, poeta de quem o sr. Raul de Azevedo escreveu em «O Malho»: «E' um dos maiores nomes da festejada Academia Campista de Letras. E' um poeta e também um humorista e caricaturista. Teatrólogo. E' também artista premiado do Salão Nacional de Belas Artes. Ninguém negará talento a êste excelente poeta, que tem nome firmado... Claudinier Martins é um artista do verso». Aqui temos apenas a acrescentar que o poeta faz versos condoreiros, apostrofando bastante e cultivando as formas clássicas de poesia. O livro é ilustrado, em formato grande, com páginas impressas em tinta dourada. Dá gôsto.

★

NUVENS — O poeta de «Nuvens», Noel Nascimento, escreveu êstes poemas, como informa no prefácio da obra (Editôra Guaira) «para esvasiar o ego». Também cita Castro Alves, também tem surtos de condoreirismo. Cita também Horátio, em latim, o que não impede que um de seus poemas se intitule — «Tudo Azul», embora não se trate de pilheria... Nos seus momentos líricos Noel Nascimento canta o amor, as donzelas, a ingratidão das mulheres, os ciúmes etc. Metrificação muito trabalhada, versos muito ruins quase sempre, tudo azul, enfim.



TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS

EU E MEU MARIDO....

(Cont. da pág. 21)

rando também com Carmen, Aurora e Gabriel Richaid e os dois filhinhos do casal, Gabrielzinho e Maria Paula, pois estando de partida para o Brasil a qualquer momento o casal Richaid vendeu sua casa em Los Angeles. Gabriel Richaid, simpaticíssimo e dono de uma grande atividade comercial, irá ao Brasil como presidente da companhia americana "Airmotive do Brasil INC.", especialista em materiais aeronáuticos que pròximamente abrirá uma filial no Rio com capitais americanos.

E' uma casa tipicamente brasileira, com hábitos nossos. E é um ponto de atração obrigatório de todo turista brasileiro. Quando lá estive, encontrei dois, ansiosos e contentes pela satisfação de poder afinal rever de perto a sua querida "estrêla".

— Quantas vêzes — diz Carmen Miranda — eu os vejo da janela do meu quarto, no andar superior. Descem do taxi, ficam espiando, puxam da máquina de filmar ou de retratos. Aí eu não aguento mais. Desço e convido-os a entrar, e tenho então algumas horas de alegria, nas quais só falamos do Brasil, e de coisas e pessoas da minha terra. Porque você pode acreditar, meu bom amigo César, eu, tão longe do Brasil, sei de tudo o que acontece por lá; acompanho com interêsse tudo o que se passa através as conversas com os brasileiros que aqui vêm, assim como também através as revistas que recebo. E o mais lamentável de tudo isso, é que eu — tão saudosa do Brasil — não pude aceitar um convite tão amável que me fizeram. E aqui tem você um "furo" para a sua revista: Cavalcanti, por intermédio de Vinicius de Morais e Gilberto Souto, convidou-me a dar um pulo ao Brasil a fim de conversar com êle sôbre um filme que êle queria fazer comigo lá no Brasil. Que alegria! Mas infelizmente tive que responder que não era possível, devido aos contratos que tenho até fins de 1951. Porque quero que todos os brasileiros acreditem que eu tenho a maior boa vontade do mundo em ir ao Brasil fazer o que o Brasil quiser!

Carmen, nós acreditamos!

NOTIVAGO DOS . . .

(Cont. da pág. 57)

sem saber se êle não vende, afinal, porque não quer, ou porque não consegue comprador. O surrealismo é uma coisa tão difícil...

Cinco minutos se passam. O estudante, ansioso para ver "como está saindo", vira a cabeça para o lado a todo instante. Iracy sorri finalmente, arranca os percevejos e apresenta o retrato virando-o no alto com o braço erguido para que todo mundo veja. Perto alguém comenta: — "De fato, está igualzinho!" O estudante também acha e paga os vinte cruzeiros sem reclamar. Não é caro e êle está de férias. Aliás, de 10 e 20 cruzeiros, um agora, outro logo mais, o sabido do Iracy tira uma média de 200 cruzeiros diàriamente. Além disso ainda faz retratos durante o dia a domicílio, a preços maiores.

Às 11 horas da noite, mais ou menos, quando o movimento começa a rarear, José Iracy Plat, o esperto gaúcho, olha os ponteiros fluorescentes do relógio da tôrre do Mesbla, pede licença com um sorriso, fecha o seu tripé com rapidez e desaparece, atravessando a rua em direção da Lapa.

Faltava agora procurar o último e o mais melancólico dos artistas noturnos da cidade, Haroldo, o das barbas bíblicas, invariàvelmente em frente ao "Amarelinho". Partimos.

★

Seriam mais ou menos 11,30 minutos quando encontramos o desenhista Haroldo sentado com a sua prancheta num banco do jardim fronteiro ao "Amarelinho". Haroldo é um homem precocemente envelhecido, usa uma barba enorme e ruiva e fala devagar, tossindo a espaços regulares. Há qualquer coisa de calma búdica, na indiferença do estranho Haroldo Portela pelas coisas e pelas pessoas. Quando lhe dissemos que precisávamos da sua figura para uma reportagem de revista, o desenhista de rua fêz uma cara de quem acha tudo isso uma bobagem. Por fim, como quem compreende que a única maneira de se ver livre dos importunos é fazer-lhes a vontade, concede em responder.

Haroldo Portela fala com vagar, poupando a respiração difícil, e a sua barba mexe enquanto articula palavras destacadas, sílaba por sílaba. Seus dentes são ruins e negros de nicotina. Diz-nos ter nascido no Distrito Federal, de ascendência espanhola e inglêsa. Com dez anos começou a desenhar espontâneamente. Triste, muito triste, com os olhos fitos num ponto que não vê, Haroldo pressente o "flash" iminente, levanta os olhos de um azul translúcido, mas não se interrompe: "Podem mesmo dizer que eu não tenho mais amor à arte. Desenho apenas para viver. E quase não desenho como quase não vivo". Soubemos depois que Haroldo já teve o seu "atelier" de pintura comercial de painéis e anúncios, aqui e em São Paulo. "Depois fiquei doente — conta êle — andei sentindo-me muito exausto.. muito exausto — nós aí já quase sabemos qual a sua doença — tive que me afastar um pouco... Enquanto o dinheiro não acabou, vivi das economias. Há cinco anos, porém, comecei a desenhar por aí com esta minha prancheta". No fundo, Haroldo é um frustrado. Contou-nos que pretendia ser engenheiro. E hoje não é nada. Apenas um triste mau desenhista que encontra, no máximo, dois ou três fregueses por noite dispostos a posar para o seu silêncio durante vinte minutos. Haroldo não colore as suas figuras. Faz os desenhos a exemplo da sua vida: incolores e frios.

Era meia-noite quando nos despedimos de Haroldo Portela, o bucólico, triste e sem consôlo. Apertamos a mão do artista noturno das calçadas que balançou a cabeça delicadamente, e lá ficou no banco solitário com a sua barba, a sua prancheta e os seus sapatos de tênis meio descambados.

Era um final melancólico. Mas onde encontrar um fim que não seja melancólico?



Só é velho...
quem se sente velho!
USE

LOÇÃO BRILHANTE
Diminue a seborréa e evita a caspa.
Devolve a juventude e a côr natural aos seus cabelos.
Loção Brilhante
LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS S.A.
S. PAULO

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE
EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.
LEITE DE ARROZ
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.
(Exigir a embalagem verde)
VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.
MULTIFARMA
Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso
A venda nas boas Farmácias

Acentuando a Beleza

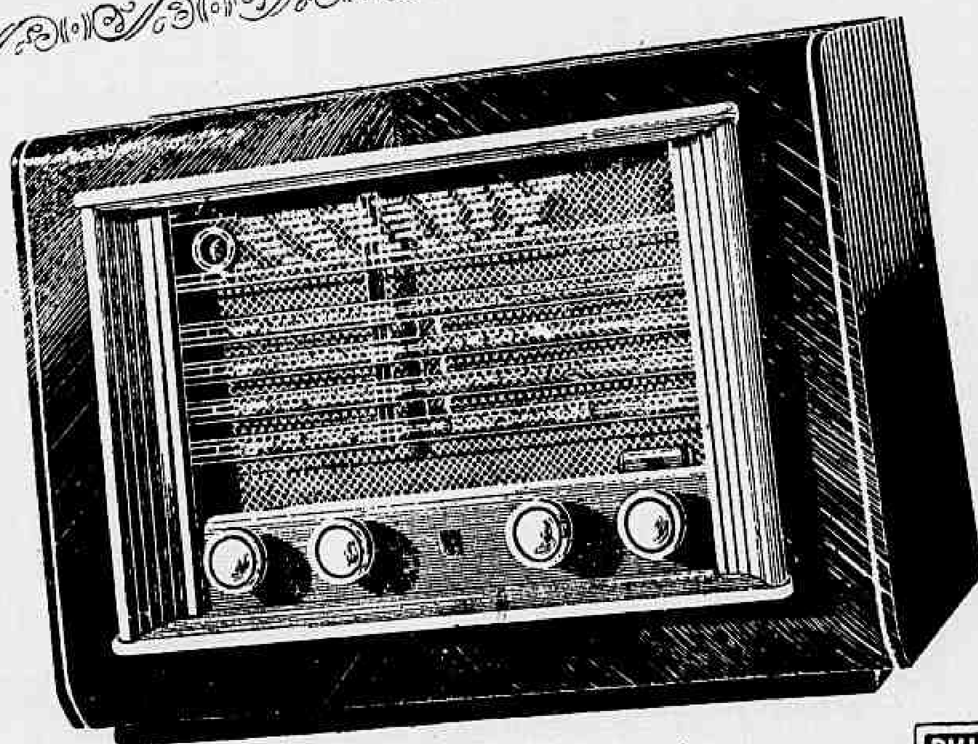


O traje feminino varia de estilo nas diferentes estações do ano. Nos rádio-receptores o o estilo muda mais lentamente. Às vezes, porém, nos rádios como no traje feminino, surge um novo estilo que põe todos os demais fora de moda. Um claro exemplo disso é a recente linha de receptores de Novo Estilo que a Philips apresenta.

Todos reconhecem que os rádios Philips proporcionam inigualável recepção e merecem absoluta confiança. Mas a distinção de linhas, e estilo original de seus últimos modêlos, representa algo de radicalmente novo e fascinante.

Os modêlos de *Novo Estilo* são uma nova e arrojada concepção em matéria de estilo. E como os receptores Philips são feitos para durar longos anos, evitou-se em seu desenho tudo que apenas oferecesse uma atração passageira. Ao contrário: êles agradarão sempre, pois são de uma beleza cada vez mais sedutora.

O modêlo abaixo é um dos receptores Philips de *Novo Estilo*. Como os demais, resiste a qualquer variação de clima ou temperatura. Veja-o num revendedor Philips, que terá prazer em demonstrar-lhe as incomparaveis qualidades da nova linha.



VESPERAL
Modêlo BR-595-A

6 válvulas com 9 funções, 6 faixas de ondas (1 média e 5 curtas ampliadas). Ôlho mágico. Para corrente alternada. Caixa de madeira de formato especialmente estudado para garantir a melhor acústica.



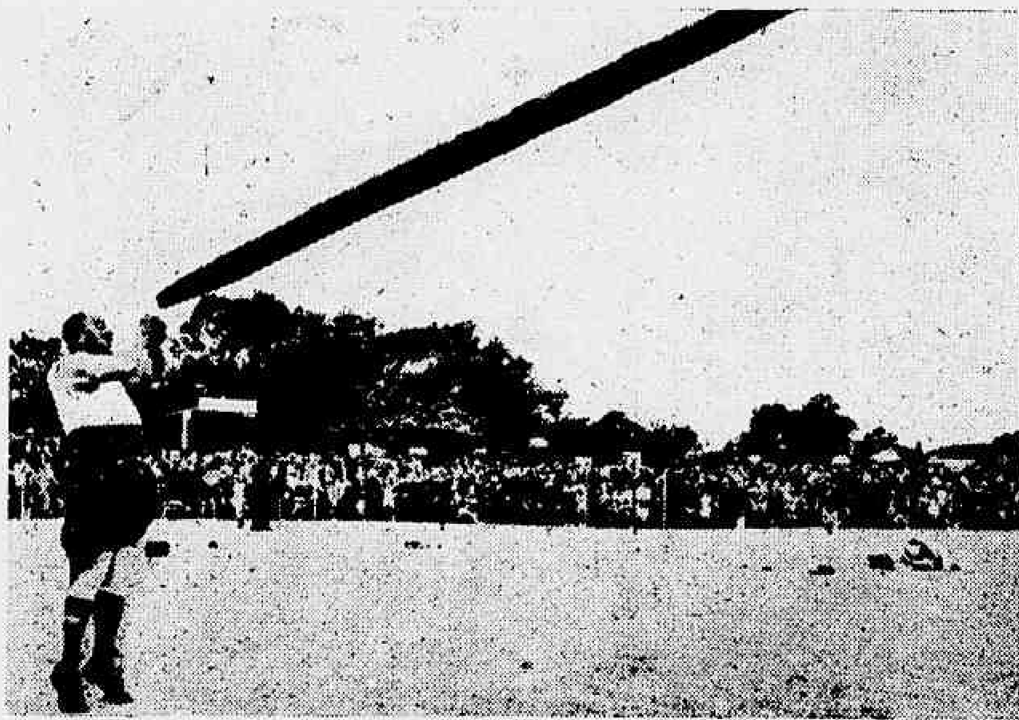
RÁDIOS **PHILIPS**

Novo Estilo 1951 • 1952

TUDO ISTO



ESTA É A MULHER do pugilista Ray Robinson, conhecido pela alcunha de «Sugar» (açúcar). Mrs. Sugar está a derreter-se tôda, e por pouco não virou garapa, quando o espôso mediu fôrças no ringue de Polo Ground, em Nova York, com o pugilista Randy Turpin. A mulher de Robinson torceu ruidosamente pela vitória do marido, que saiu vencedor «tècnicamente», conquistando o título tão ambicionado de campeão mundial de pêso médio, no décimo «round». Pelos gestos de Mrs. Robinson, ela também é conhecedora da arte de esmurrar. E quem quiser que se meta...



EDWARD ANDERSON, de Dundee, na Escócia, é o campeão de um esporte muito pouco conhecido aqui no Brasil: o de lançamento de paus. Mas não se pense que se trata de qualquer pedacinho de madeira. Trata-se de verdadeiras cumieiras, como vemos pela fotografia. Tudo isto sucedeu durante o Festival da Grã-Bretanha de 1951, quando Mr. Anderson, na localidade de Strathallan, e perante grande multidão de espectadores, realizou a proeza de lançar êste grosso e grande esteio, vencendo a competição. Não deve ser jôgo para nossas criancinhas...

Churchill e os franceses

O atual Primeiro-Ministro da Inglaterra; vencedor de Attlee, é bom orador em sua própria língua, mas não tem qualidades para o poliglotismo. Embora morando em frente à França, o velho Winston nunca se ajeitou muito bem para compreender a língua de Voltaire, e muito menos para expressar-se nela com clareza. Aliás, é muito difícil a um estrangeiro falar claramente para os franceses, mesmo que saiba falar bem. Parece que os filhos daquela nação possuem particularidades prosódicas inacessíveis ao resto dos mortais. Basta uma palavrinha um tanto mal acentuada, e os franceses não podem entender-nos. Um jornalista pernambucano, indo a Paris, indagou de um francês, na rua, onde ficava a redação de "Le Journal". Pois o homem não o entendeu... A respeito de "O Jornal", daqui do Rio, há também esta curiosidade: se perguntarmos a qualquer carioca, mesmo a jornaleiros, onde fica a redação de "O Jornal", ninguém compreende. E' que, aqui, ninguém diz "O Jornal", e: o "Ó Jornal", como quem pronuncia: Oh, jornal. Pois Churchill, apesar de saber que seu francês não era lá grande coisa, fêz uma visita a Paris em começos do mês de setembro, visitou a Assembléia Nacional e falou a um grupo de deputados. Falou em francês. Discursou, discursou, gesticulou, e todo mundo calado, com olhares de quem não percebe nada. Quando o estadista terminou, bateram palmas e um legislador confessou: Churchill falou-nos numa língua esquisita, de cujo vocabulário só compreendemos o "oui"...



Os olhos do gato

JÁ se ouvira dizer que apaixonados lutassem pelos olhos de suas amadas; já se sabe que os olhos são a porta do amor. Mas não se sabia, desde que o mundo é mundo, que alguém brigasse pelos olhos de um gato. Pois isso acaba de acontecer em Belo Horizonte, a famosa capital de Minas Gerais. D. Madalena da Fonseca era a dona de um gato angorá de belíssimo pêlo, muito gordinho e amável. Muito sensível a carícias, derretia-se todo quando alguém o afagava. Até parecia aquêle famoso gato do cardeal Richelieu. Mas gato não liga muito a essa coisa de dono, e gosta de mudar de ares, de ver outros panoramas, de gozar a vidinha com certa liberdade. O gato tem um sentimento um tanto diferente daquele que celebrizou os cães. Só se afeiçoam no momento do afago. Depois disso, vai com qualquer um... Sucedeu, pois, que o gato de estimação de D. Madalena foi morar na casa da família de D. Geni de Oliveira. E' lógico que sua dona anterior não aprovou a volubilidade do gatinho e reclamou seu regresso ao lar. Com isso não se conformou a nova possuidora do felino, e resultou em agressões recíprocas. Por isso, o Sr. Manoel Roberto Lima, espôso de D. Geni, entrou em juízo com uma queixa-crime contra a primitiva dona do gato, e a está processando por injúrias. A ré constituiu advogado e o processo rola no 2º Ofício Criminal. Não é uma questão avacalhada, e sim agatalhada, simplesmente porque o gato tem esta particularidade: um ôlho azul e o outro prêto! A vida já não está pelos olhos da cara, e sim pelos olhos dos gatos...



Bombardeio em Copacabana

REALIZOU-SE a 28 de outubro, num domingo brumoso, de má visibilidade, o esperado e muito anunciado exercício de tiro real em Copacabana, levado a efeito pela arma da aviação de guerra. Devendo ter sido realizado no domingo anterior, o mau tempo, com muita chuva e vento forte, não o permitiu, tendo sido transferido para o domingo seguinte, ainda como um dos números das comemorações da "Semana da Asa". Marcadas para as 10,30, sòmente mais de meio-dia é que começaram as demonstrações bélicas. Esquadrilhas de caças e de bombardeios, investiam sôbre alvos fixos a certa distância da praia, entre os postos três e seis, e iam atacando o "inimigo", comprovando a mais perfeita eficiência nas miras. Os alvos flutuantes, logo após os impactos, incendiavam-se, levantando grossas colunas de fumo negro, que ocultavam grande parte dos edifícios da Avenida Atlântica. A praia, em virtude do tempo ameaçador, não estava muito concorrida; mas, mesmo assim, afluiu à orla da avenida, grande multidão, e dos edifícios à beira-mar, os seus moradores assomavam às janelas para ver o "show" inédito. Na segunda-feira trouxeram os jornais completas reportagens sôbre o espetáculo impressionante. Mas, infelizmente, muita gente teve prejuízos, uns até bastante sensíveis. Registrou-se, por exemplo, o daquela casa de Copacabana, que teve os cristais de suas vitrinas completamente despedaçados, além de ferimentos por estilhaços de vidraças, como ocorreu na residência do Alm. Carlos Noronha.



ACONTECEU

Guerra de ovos



NÃO sabemos se o locutor Carlos Brasil já descobriu de onde partiam os ovos que vinham direitinho cair sôbre a cabeça de seus filhos ou, quando não encontravam nenhuma cabeça, despedaçar-se nos terraços de seu apartamento no edifício "Maracati", no Leme. O fenômeno, se fôsse aí pelos subúrbios, já teria sido imputado a "irmãos" do além necessitados de prece e pagamento de promessas não cumpridas, quando em sua missão na terra. Mas, quando tais fatos se passam em edifícios de apartamentos, ninguém bota para cima dos que já morreram, e sim, maldam dos vizinhos que estão mais em cima. Há, não resta dúvida, entre nós, péssimos hábitos de vizinhança. Não há quem more em apartamento que não tenha sua queixa, maior ou menor, dos que estão em andares superiores. Pontas de cigarros, cascas de frutas, escarros, restos de lixo, águas servidas, tudo jogam ao léu, como se lá em baixo não morasse ninguém, nem a rua fôsse o caminho de todos. Até pedras de gêlo costumam lançar ao espaço, e quem estiver passando lá por baixo, que se agüente... Com o apartamento do locutor Carlos Brasil sucedeu esta coisa inominável: sua residência passou a ser alvo de ovos. Não era possível que alguém tivesse a coragem de comprar ovos, ao preço em que estão, para desperdiçá-los sem mais nem menos, sòmente para chatear o locutor político. Carlos Brasil passou uma semana em investigações, ajudado pela polícia, e só apurou que os ovos eram de sua própria despensa!

Êste não é esquecido



A amnésia política, isto é, o sentimento que faz que esqueçamos, com facilidade, as diferenças ou pessoas de credos opostos, não existe sòmente no Brasil. E' possível que aqui, haja tal sentimento em maior grau do que em outra qualquer parte do mundo. Já dizia o cardeal Leme, que o brasileiro era muito inteligente, mas tinha a cabeça no coração. Queria dizer o saudoso arcebispo do Rio de Janeiro que nós, brasileiros, esquecemos tudo com facilidade, e só enxergamos as coisas pelo lado do sentimentalismo, da cordialidade. Não há dúvida que, em política, é assim. Hoje, um grupo pega em armas para matar o outro; de um dia para a noite é possível vermos os elementos mais exaltados de ambos, em plena fraternização... Certa vez, quando passava para a Europa, depois de entregar o govêrno a Washington Luís, recebeu Bernardes uma manifestação de antipatias no Recife. O governador de então, Estácio Coimbra, recebeu-o em palácio e procurou amenizar o ambiente hostil das ruas, ao que lhe respondeu o ex-presidente: "Não tem importância... Eu conheço muito bem o caráter do povo brasileiro". Na verdade, com muita facilidade mudamos de apreciação. Mas, há certas pessoas que são inflexíveis. Na Alemanha de Hitler o Ministro das Finanças, Hjalmar Shacht, foi um dos grandes pontífices do nazismo. Escapando de Nuremberg, estêve há pouco numa recepção em sua homenagem, quando apresentado ao antigo Ministro alemão Hugo L. Keenleyside, diretor-geral de assistência técnica da ONU, recusou êste lhe apertar a mão dizendo: "Não posso apertar a mão dêsse homem. Partilho do sentimento de tôdas as pessoas honestas que o conhecem."

Açudes para o Ceará



APESAR do exemplo do Quixadá, com seu belo açude construído ao tempo de Pedro II e que tanto socorre os flagelados das sêcas periódicas, nunca se encarou, no nordeste, o problema da açudagem e da irrigação, como deveria ser feito em todos os períodos presidenciais. O que se vê é, de quando em quando, um esguicho: atividades em um ano, paralização de tudo no outro. Quando ocorre uma sêca, voltam os poderes públicos a tratar da açudagem. Passa a estiagem, tudo novamente se esquece. E ainda há êste lado doloroso do assunto: mesmo com açudes construídos, nenhuma água é armazenada porque... não houve dinheiro para comprar e montar as comportas! Com a sêca que ainda hoje aflige os Estados do Nordeste brasileiro o govêrno federal vem seguindo a boa política de construção de barragens em muitos dos Estados mais perseguidos pela ausência de chuvas. No Ceará, por exemplo, segundo divulgação feita pelo engenheiro Pereira de Miranda, chefe do Distrito do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas), trabalham na construção de açudes, 40 mil operários; mas, acentua o engenheiro, vem lutando com o sério problema de pessoal técnico, e, quanto a recursos, está alarmado com o que ocorre, pois os 20 milhões do plano de emergência do Govêrno Federal, ainda não lhe haviam sido entregues para o custeio das obras! Até dezembro precisará de 50 milhões de cruzeiros, sem o que tudo fracassará. Não sabemos se já apareceu o dinheiro; mas, bastam essas demoras para aumentar a aflição dos aflitos...



O MAIS RUIDOSO ESCÂNDALO



de Hollywood nestes últimos tempos foi a tragédia em três atos, entre os artistas Franchot Tone e Tom Neal, na luta para a conquista da nova Helena de Troia, a formosa Bárbara Payton. Mr. Tone, noivo de Bárbara, pelo jeito de dançar com ela, não admitia um concorrente; por sua vez, Bárbara gostava muito dêle. Mas surgiu Tom Neal, mais jovem dez anos que o veterano Franchot. Num baile em casa de Bárbara os dois se engalfinharam e Franchot foi derrubado a sôcos pelo rival, que lhe quebrou o nariz. Bárbara visitou-o no hospital e jurou fidelidade até à morte e censurou o seu agressor. Tom Neal ganhou o «match» mas perdeu o amor de Miss Bárbara Payton, que se reconciliou com Franchot Tone. Nas três fotos vemos os três protagonistas do mais sensacional escândalo da terra do cinema.



Um livro mágico com mais de 300 páginas

Tudo vê — Tudo informa — Tudo recorda

ALMANAQUE

Indispensável para tôdas as classes

EU — TÔDAS AS PROFISSÕES ★ TÔDAS AS RELIGIÕES ★ TODOS OS GOSTOS... ★ EM QUALQUER IDADE

Com o minucioso relato sôbre o ano

SEI — CATÓLICO ★ AERONÁUTICO ★ CIENTÍFICO ★ ARTÍSTICO ★ MUÇULMANO ★ ISRAELITA ★ EVANGÉLICO

Dados e informações gerais sôbre o mês

TUDO — HOROSCÓPICO ★ AGRÍCOLA ★ FASES DA LUA ★ CICLO SOLAR ★ CALENDÁRIO PERPÉTUO ★ FESTAS MÓVEIS, etc.

Um Romance Completo: A célebre novela de Robert Nathan "A ESTRÊLA DA MANHÃ"

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR ★ CONTOS ★ CENTENÁRIOS ★ MORTOS DO ANO ★ PÁGINAS DE ARTE ★ MEDICINA ★ ASTROLOGIA ★ PÁGINAS RECREATIVAS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ TESTES ★ 100 ARTIGOS DIVERSOS ★ MILHARES DE INFORMAÇÕES E UM

TRATADO SÔBRE A HERÁLDICA
BELO, MINUCIOSO, EM CÔRES

PREÇO: Cr$ 25,00

CORREIO DA REVISTA

JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES — Rio — Seu conto já foi julgado e o resultado saiu num dos últimos «Correios».

MOACYR DUARTE — Natal — Está com os julgadores o seu conto «Berenice morreu sorrindo».

ARNO — Bahia — «A fuga de Davi» já está em nosso poder. Aguarde.

M.F. de L. — São Paulo — Não houve jeito de aprovar seu conto. Veja se melhora o português. Não faz mal saber-se, pelo menos sofrìvelmente, a nossa língua. Não há leitor que simpatize com uma redação mal cuidada.

J.C. — Rio — «Tempestade» não passou pelo crivo dos julgadores. O assunto não se presta para uma revista como esta.

MARIA DA GRAÇA — Pôrto Alegre — Não se devolvem autógrafos. Quando o conto não é aproveitado vai diretamente para a cesta. Se é publicado, não pertencem à REVISTA os direitos autorais.

G.H.P. — Rio — Não foi aprovado o seu «Mar de tubarões». O tema político não se presta para contos em nossas colunas. Além disso o amigo não tem segurança na maneira de escrever e comete erros grosseiros.

M.B. — Salvador, Bahia — Sua história, além de muito comprida, está mal escrita. Procure melhorar seu estilo, por de mais confuso, cheio de lugares comuns.

P.E. — Rio — Seus dois contos, «Luar» e «Sertão», embora bem escritos, não foram aprovados pela Comissão Julgadora. O amigo repete versos inteiros de Catulo, ao invés de produzir coisa própria, tirada de sua cachola. Poderia, quando muito, citar um ou outro verso do pranteado poeta. Como fêz, porém, foi excesso.

G.A. — São Paulo — Quando tiver de servir-se de dialogação de estrangeiros em suas línguas nativas, pode fazê-lo com moderação e sem esquecer da respectiva tradução. Se o escritor não fizer assim, está tornando o leitor um inimigo. Nem todo mundo sabe francês e inglês, quanto mais japonês!

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos — **Líquido, sólido e bastões para barba**

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.



— PREFIRO QUE NÃO DIGAM ONDE MORO...

NOTÍVAGOS DA ARTE

O INVENTOR DO TELEDESENHO ★ AS IDÉIAS ESTRANHAS DE ZAMPAIO ★ O GAÚCHO IRACY ★ O BÍBLICO

Texto de JOSÉ RAMOS — Fotos de MORAES FRANCESCHI

QUEM vai ao cinema ou ao teatro à noite no Rio, já viu provàvelmente defronte ao Hotel Serrador, nas cadeiras do "Amarelinho" ou no "hall' do Cineac Trianon, êsses personagens curiosos que são os desenhistas das calçadas, sempre às voltas com os seus lápis, pranchetas e tripés. São os artistas da noite. Quando as luzes se acendem para a efêmera vida noturna da cidade, que começa com a chegada da noite e termina com a última sessão dos cinemas e teatros da Cinelândia, êles surgem não se sabe de onde, armam pelas calçadas os seus "ateliers" de improviso, e a trôco de alguns cruzeiros apenas, fazem o comércio da arte do instantâneo.

O que pouca gente sabe, porém, é que êsses homens estranhos que, em meio ao grupo de curiosos, traçam com rapidez e habilidade o perfil eventual dos seus fregueses, têm também os seus perfis secretos, a caricatura não revelada das suas vidas íntimas, as suas esperanças e as suas frustrações.

Zampaio, ou Tio Zam, o homem das silhuetas do "hall" do Trianon, José Iracy Plat, o moço caricaturista, com o seu tripé montado na calçada, diante do Hotel Serrador, o desenhista Haroldo, com sua barba bíblica e a sua prancheta, pelas cadeiras da porta do "Amarelinho", na Cinelândia, são homens e têm história. Uns têm idéias, como Zam; outros, como Iracy, esperanças. E os há como Haroldo que, apenas, sentem vazio e desconsôlo. Esta reportagem dirá um pouco de cada um, procurando mostrá-los na intimidade aberta da sua arte noturna, nas calçadas.

★

Vamos encontrar José Maria Sampaio, o Zampaio ou Tio Zam, junto à segunda coluna do "hall" de entrada do Cineac Trianon. Há um grupo de curiosos fazendo um círculo em tôrno do artista. Alguns ficam na ponta dos pés e esticam o pescoço. Zampaio, no meio, recorta ràpidamente com uma tesourinha de unhas a silhueta do freguês impaciente. A tesoura avança pelo papel, num ziguezague contínuo, e o contôrno exato da figura do cliente vai surgindo como por encanto. Do meio do grupo sai uma voz de mulher: — "Formidável!" Há gente que balança a cabeça afirmativamente.

José Maria Sampaio é reconhecidamente o mais antigo artista popular do Rio de Janeiro. Pedimos que êle nos conte alguma coisa sôbre o início da sua atividade como silhuetista de calçada e êle não se faz de rogado: "Comecei a trabalhar em público em 1914. Cobrava quinhentos réis naquele tempo por perfil do Kaiser em arame, que eu fazia na hora com um alicate". Enquanto êle fala, com a mesma rapidez com que recorta ou desenha, todos têm os olhos pregados na sua figura original. Zampaio é um nortista baixo, magro e dono de uma barba rala e grisalha que escorrega para o queixo formando um "cavaignac" incipiente. Agora Zampaio fala da Exposição do Centenário de 1922: "Por aquela época ganhei bom dinheiro recortando silhuetas em cartolina..." Nesse momento chega uma senhora, olha alguns instantes, indecisa, como que assustada com o tripé complicado do Tio Zam, depois pergunta: "Demora?" Zampaio suspende um instante o esfuminho, olha a senhora com simpatia, ri uma carreira de dentes iguais e amarelos e responde: "Para ficar olhando quantas horas quiser. Para posar são só cinco minutos". A senhora, mais à vontade, acha graça, e Zampaio acrescenta: "Se eu errar então é o seu relógio que está adiantado..." Dois minutos depois a senhora posava sem retraimento.

Manejando o lápis com rapidez, Tio Zam vai explicando os segredos da sua técnica: "Pinto quase que exclusivamente com "sanguíneo" — e mostra, apontando — "êste lápis aqui, que tem a côr mais próxima da pele humana". De fato, a gente olha os desenhos expostos em cartolina presos à coluna por barbantes e concorda com Zam: as caras são mesmo tôdas de um rosado uniforme.

★

José Maria Sampaio, o Zampaio ou Tio Zam, é pessoalmente um homem



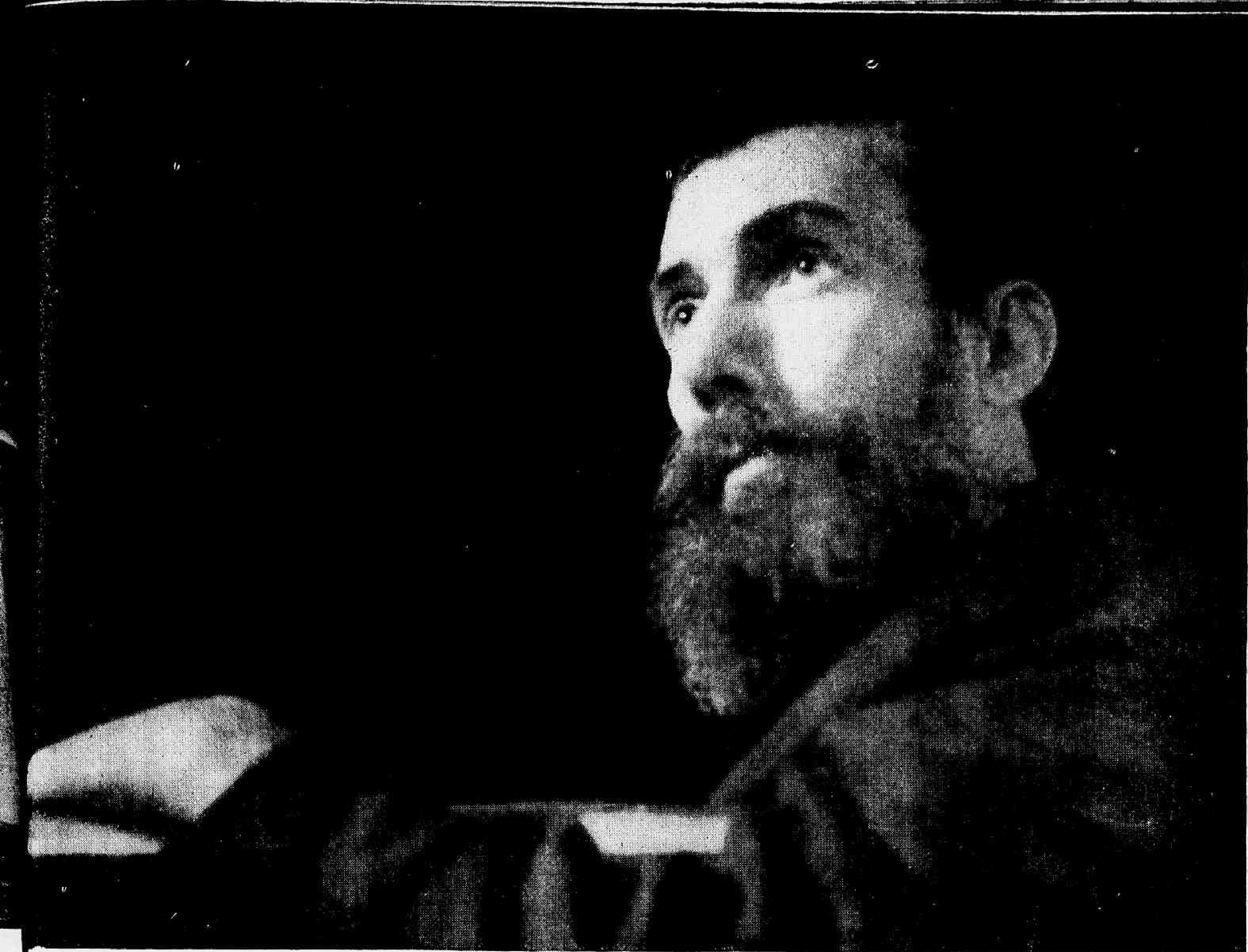
TIO ZAM: "SETE CÔRES, SETE NOTAS"

original como a arte que pratica. Zampaio, desenhista, é um Leonardo da Vinci fora de época. Já tínhamos ouvido falar da sua teoria de "TELEDESENHO", ou desenho à distância. Estávamos agora na melhor oportunidade de sabermos exatamente em que consistia o invento revolucionário.

— "E' muito simples, meu amigo — Zampaio já esperava a pergunta — a coisa não tem dificuldade nenhuma". Espalma as mãos e começa a expor a sua teoria com ardor e convicção. Há qualquer coisa de visionário nesse homem que briga pela sua idéia: "O senhor sabe que há sete notas musicais. O senhor sabe também que as côres do arco-iris são sete. Veja bem: sete côres, sete notas. Não há uma correspondência?" Zampaio abre desmesuradamente os olhos por trás das lentes dos óculos como quem diz, "está vendo aonde eu quero chegar?". E continua: — "Foi pensando nisso que nasceu em mim a idéia do teledesenho. Senão veja — e Zampaio estica no ar um dedo apoplético — vamos que eu faça soar aqui dêste ponto uma nota musical qualquer. Uma pessoa que esteja lá na porta — e aponta para a Avenida Rio Branco, onde há gente passando para lá e para cá completamente ignorante da grande invenção de Tio Zam — não terá dificuldade em lançar no papel a côr ou o traço correspondente". O nosso ar é de dúvida e admiração: "De fato, mas..." — "Não há mas — replica o inventor — a pessoa lá da porta já estará munida de um papel quadriculado, com coordenadas e abcissas, no qual poderá lançar os traços ao ouvir o conjunto de notas. Muito simples, vê? Apliquei apenas o sistema cartesiano adaptado ao meu invento". Zampaio deixa cair os braços e conclui: "Todos os meus filhos, meu senhor, desenham pelo meu método. O próprio senhor Café Filho estêve lá em casa e viu a coisa de perto. Prometeu-me mesmo uma ajuda oficial, porque até a escola de teledesenho que eu mantinha particularmente foi despejada. Aliás, não é preciso dizer que eu desesti. O pedido de pagamento está no Ministério da Fazenda e não sai por falta de verificação oficial das possibilidades práticas do invento... veja lá o senhor". Recuamos um pouco assustado com o ar veemente do inventor. As pessoas em volta ouvem e não entendem. São dez horas da noite. As luzes do "hall" do Trianon começam a apagar-se, e é hora de Tio Zam fechar o seu "atelier" ambulante. Mas êle não quer que nos vamos sem terminar com estas palavras decididas: "Pode dizer na sua reportagem que eu estou mesmo disposto a hipotecar a minha casa para fazer uma demonstração prática através da televisão. Quanto à ajuda oficial já perdi as esperanças. E' tudo assim."



O TELE-DESENHISTA ZAMPAIO EM AÇÃO



— QUASE NÃO DESENHO. TAMBÉM QUASE NÃO VIVO...

José Maria Sampaio desarma o seu tripé na meia luz do corredor. Lá fora a vida passa numa indiferença cruel às suas teorias. O artista causou-nos uma impressão indisível. Homem de origem humilde, aprendendo a sua arte por iniciativa própria e, o que é mais impressionante, daltônico. Zampaio só vê azul e amarelo e, apesar disso, colore e tem classificadas na sua lâmina de desenho tôdas as côres visiveis e visiveis por comparação com as vibrações. Coisa que só êle entende...

Despedimo-nos. Já era tarde. Íamos agora em busca de Iracy, o gaúcho da Cinelândia.

★

A calçada do Serrador é ponto de passagem obrigatória do carioca que vai a cidade à noite. José Iracy Plat, o desenhista gaúcho que apareceu pelo Rio de Janeiro há uns três anos, percebeu isso logo de saída. Em Pôrto Alegre, Iracy desenhava nos interiores de bares e cafés. Na Capital, porém, o seu ôlho clinico e a sua experiência viram imediatamente que o tripé montado na calçada era a maneira mais sensacionalista e mais produtiva de atrair fregueses e cruzeiros.

São 20,30 horas. Passa gente continuamente sem prestar atenção ao desenhista que atravanca a calçada. Perto está a banca de jornaleiro da porta do Café Atlântida, onde param os bonitões indefectiveis da cidade, rodando molhos de chaves, com ares de galã de cinema americano.

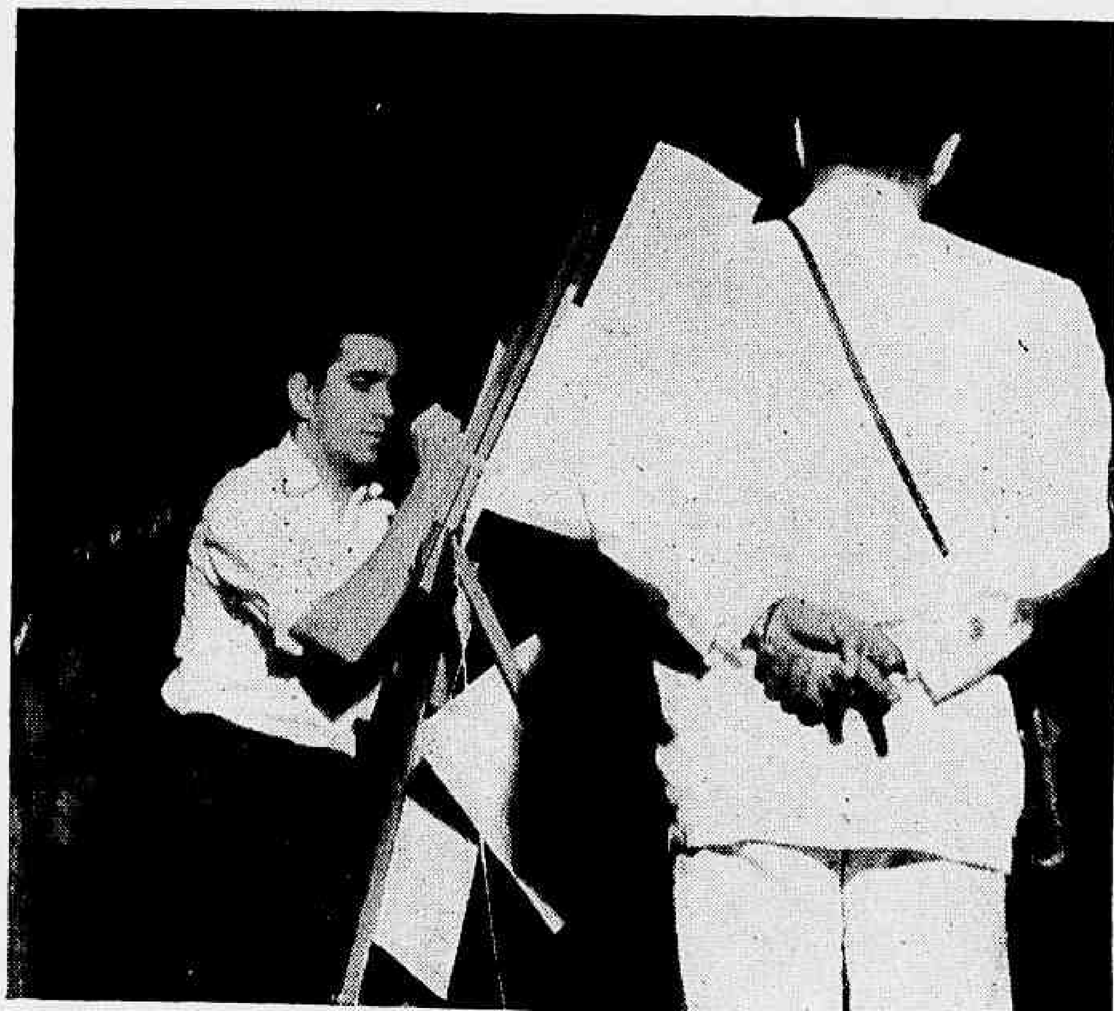
— O senhor está desocupado? — é um estudante paulista em férias, àquela hora da noite ainda com a sua máquina fotográfica a tiracolo, por sôbre o terno branco.

Iracy fica solicito, arruma o cliente de perfil, manda chegar mais para a frente, depois mais para trás, e pergunta: — "Caricatura ou retrato?" O freguês quer retrato. Iracy prega o papel na prancheta com alguns percevejos, morde a lingua e começa.

Enquanto desenha, Iracy vai respondendo com calma e boa-vontade as perguntas do repórter. Conta, por exemplo, que aprendeu desenho na Escola de Belas Artes de Pôrto Alegre, e já foi desenhista de rua naquela cidade, em Montevidéu, Buenos Aires, São Paulo e Curitiba. No momento está pensando em passar uma temporada no México.

Perguntamos então se êle nunca pensou em pintar quadros mais sérios. José Iracy faz um sorriso meio descrente, de dentes irregulares, reluta um pouco, meio encabulado, mas acaba confessando como quem conta um pecado: — "Bem, às vêzes, pinto aquarela. Faço uns quadros surrealistas. Naturalmente, o senhor compreende, coisa muito intima. Êsses eu nunca vendo". A gente fica

(*Cont. na pág.* 50)



— CARICATURA OU RETRATO? — PERGUNTA IRACY

A REVISTA

Há 50 anos

(Rio, 24 de outubro de 1901)



PALMIRA BASTOS

A graciosa atriz cantora num dos papéis que interpreta com muito talento na revista «Talvez te escreva».

SANTOS DUMONT EM PARIS

PARIS, 24 de outubro de 1901. — A tenacidade com que Santos Dumont trabalha na realização do ideal a que dedicou sua existência, a coragem de que tem dado provas constantes, arrostando os maiores perigos sempre com o sorriso nos lábios e confiante na sua boa estrêla — conquistou por tal forma a simpatia dos parisienses que, podemos dizer sem médo de contestação, o nosso compatriota é o grande herói do dia, tema de conversa em todos os salões elegantes, assunto obrigatório das crônicas da imprensa. Não deve ficar também sem registro o interêsse e a solicitude com que tem acompanhado as experiências do jovem aeronauta a sra. Condêssa d'Eu, que dá assim uma prova evidente de quanto lhe são agradáveis as glórias que o Brasil possa conquistar, naquele generoso coração onde, apesar de tudo, o patriotismo ainda tem o mais sagrado ninho. Outro assunto da atualidade é a próxima festa da coroação de Eduardo VII. Sabem todos que o soberano da Inglaterra é antes um enfeite que uma peça de verdadeira necessidade na engrenagem do govêrno do país; e daí a necessidade de êle impor-se pelo prestígio do luxo, pela constância da tradição e aparato da "mise-en-scene" em tôdas as solenidades oficiais. E bem poucas vão oferecer tão azado ensejo como essa da coroação do Rei. Não admira, pois, que ela chame a atenção de todos os inglêses e a curiosidade do mundo inteiro.

COLINETTE

A ORIGEM DAS REGATAS NO BRASIL

A origem das regatas no Brasil remonta ao ano de 1566 e prende-se à história da conquista do Rio de Janeiro pelos franceses e da fundação da cidade de S. Sebastião pelos portuguêses. No dia 17 de julho dêsse ano deu-se um bélico episódio que foi a origem das regatas em nosso país. Com astucioso plano, franceses e principalmente tamoios embarcaram-se, bem armados, em 180 canoas (contou-as ou assim diz o padre Simão de Vasconcelos) e foram postar-se às escondidas no «resaco detrás de uma ponta que fazia o mar», provàvelmente para o lado de Copacabana, e mandaram pequeno número dessas canoas mostrar-se aos portuguêses para provocá-los a seguí-las.

Francisco Velho, que era o mordomo do mártir São Sebastião, acaba de embarcar também em uma canoa em busca de madeira para uma capela do Santo e não recuando ante o número da traiçoeira avançada do inimigo, travou com ela peleja desigual. Estácio de Sá, vendo Francisco Velho cercado e como só tratando de honrar a bravura portuguêsa e de vender cara a vida, meteu-se com alguma gente em quatro canoas, únicas que achou à mão e foi socorrê-lo; mas logo, impetuoso, mudou o socôrro em perseguição, seguindo as dos franceses e tamoios; algumas porem, dobrada a ponta, lançaram-se contra êle e Francisco Velho as cento e oitenta, isto é, 36 canoas inimigas contra cada uma das cinco dos portuguêses. A resistência parecia impossível; prolongava-se, porém, milagrosamente, porque, diz o padre Anchieta, firmado em ulterior declaração e testemunho dos tamoios, «andava um soldado muito gentilhomem armado e saltando de canoa em canoa» a combater invencível e invulnerável a favor dos portuguêses e que êsse maravilhoso guerreiro que aliás êstes não viram, «espantara os índios e os fizera fugir».

E assim se realizou a primeira regata, com caráter bélico, em terras de Santa Cruz...



NA RUA

— Ah! O senhor chama-se Rezende? Logo vi. Tem cara de quem fundou a cidade do mesmo nome.
— Ora essa! Explique-se...
— Tem cara de centenário.
(«Charge» de Raul)

TEATROS

DESPEDIU-SE a companhia Souza Bastos que partiu para Lisboa quarta-feira última. Deu seu último espetáculo com a «Perichole», peça das de maior sucesso da companhia. No fim da representação Palmira Bastos disse o «Adeus da troupe» recebendo verdadeira ovação. Dessa companhia ficou aqui a apreciada atriz Isabel Marques, que, dizem, às aptidões de artista do palco reune as de perfeita toureira. Sua estréia dar-se-á hoje no «redondel» das Laranjeiras.

★

COM a «reprise» da ópera-cômica «Surcouf», estreou sexta-feira no Apolo a companhia de operetas e revistas dirigida pelo ator Colás, da qual fazem parte as atrizes Medina e Blanche Grau e o ator Peixoto. A peça foi posta em cena com todo o cuidado. No São Pedro, estreou a companhia lírica Sansone, com a ópera do imortal Carlos Gomes «Lo Schiavo», em récita de gala, sendo regularmente cantada. A companhia Dias Braga passou a funcionar no Recreio onde estreou com «O Drama do Povo». Entrou para o elenco dessa bem organizada companhia o ator Ferreira de Souza. A «troupe» deverá brevemente encenar o «Quo Vadis?» e outras peças novas.

★

HUMORISMO

— São muito galantes as suas meninas, sr. Comendador. Que idade tem?
— Nenê tem 7 anos e Lili, 5.
— Bem me pareceu! Apenas as vi disse logo que eram gêmeas!

GREVE

NO dia 7 do corrente, alguns operários da fábrica de tecidos Confiança Industrial, em Vila Isabel, manifestaram-se em greve, reclamando da diretoria as demissões do diretor-gerente sr. Manuel Orosco e do mestre da sala do pano, sr. Alfredo de Matos, acusando-os como os criadores de uma multa de 10% sôbre o valor do pano estragado, e como razão mais poderosa dessa resolução, os maus tratos que lhes eram inflingidos. Declarada a greve, os operários convidaram o senador Lopes Trovão para patrono da sua causa. E graças aos conselhos do referido senador, foi restabelecida a paz.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 46 ★ 17-11-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

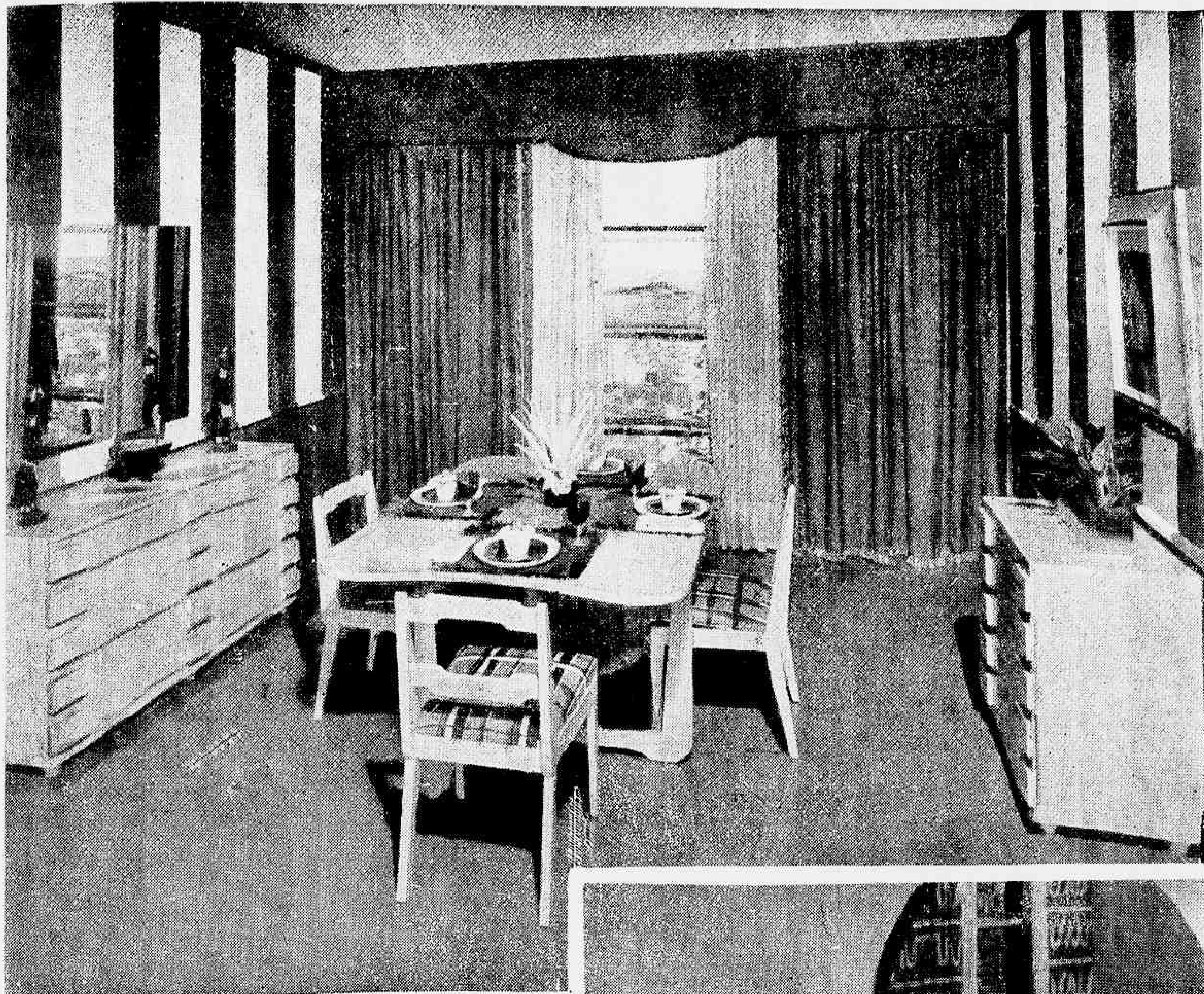
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

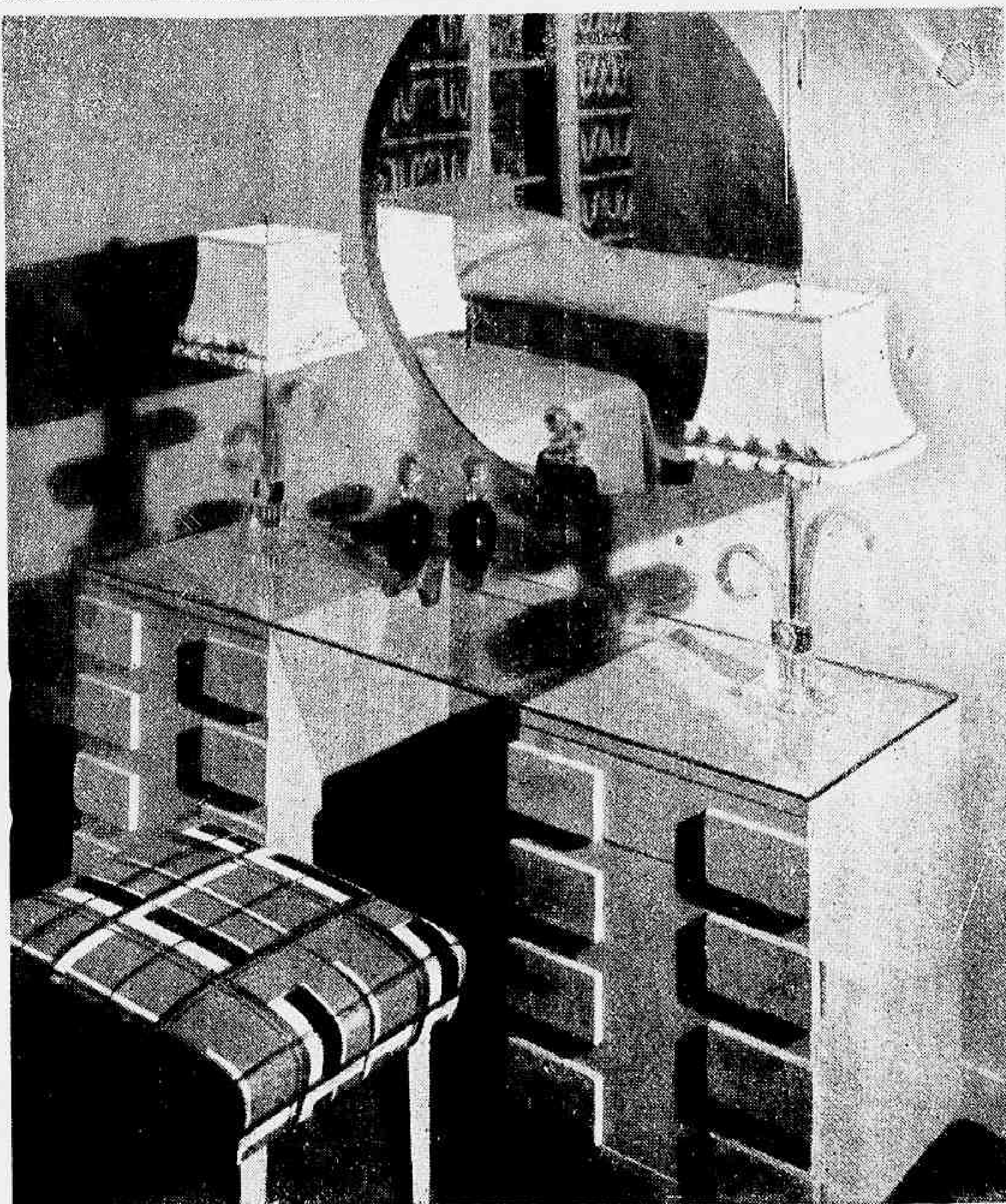
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550







TAPÊTES FEITOS À MÃO

— verdadeiras jóias de arte —

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões, em côres lisas e com flores.

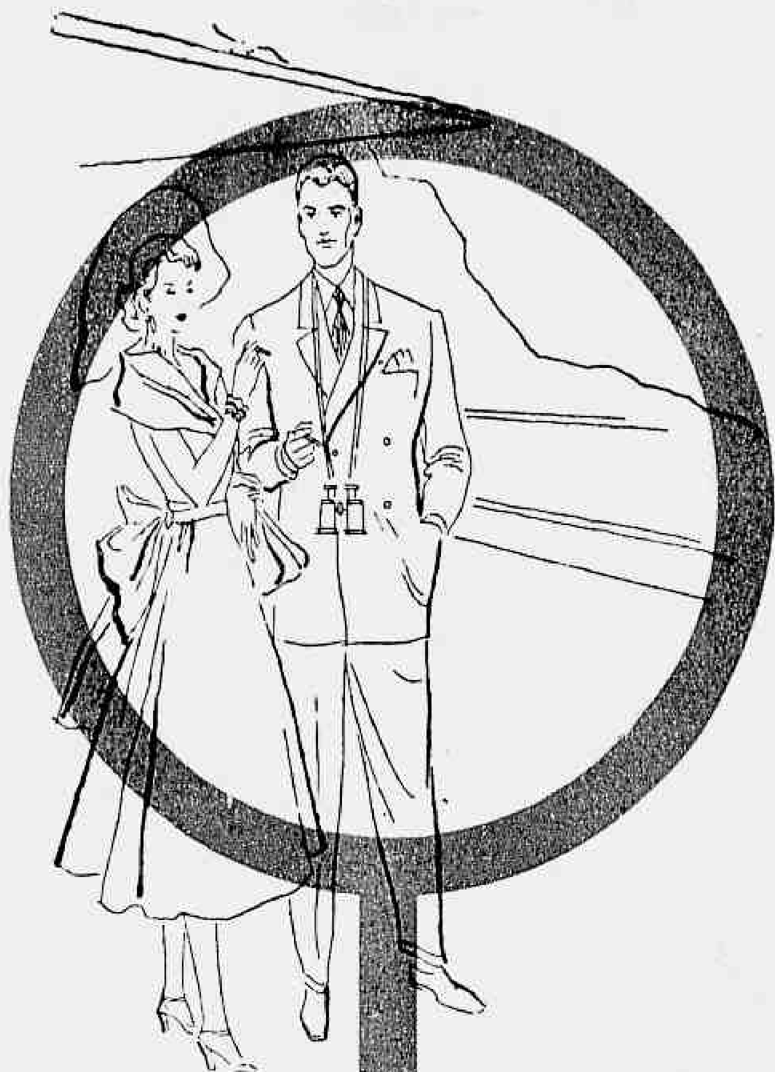
MÓVEIS E DECORAÇÕES

— **orçamentos executados por técnicos especializados** —

GRUPOS ESTOFADOS —
uma especialidade de nossas oficinas —



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H-60.090

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ